

BASES DA FÉ CRISTÃ



Classe de Novos Membros

**O necessário que você precisa saber para
tornar-se membro de uma Igreja Cristã**

Reginaldo Cresencio

Copyright © Reginaldo Cresencio
BASES DA FÉ CRISTÃ: Classe de Novos Membros
1ª edição - 2025

Capa: Reginaldo Cresencio
Diagramação e Revisão: Albert Vieira Júnior
Catálogo na Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cresencio, Reginaldo
Bases da fé cristã : classe de novos membros : o
necessário que você precisa saber para tornar - se
membro de uma Igreja Cristã / Reginaldo Cresencio.
-- São Carlos, SP : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978 - 65- 01- 42386- 9

1. Conversão religiosa 2. Fé (Cristianismo)
3. Ministério cristão 4. Vida cristã I. Título.

25- 265543 CDD - 248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Fé : Vida cristã : Cristianismo 248.4

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Esta obra segue as regras do novo acordo ortográfico.

©Todos os Direitos Reservados
Conforme a Lei 9.610/98 é proibida a reprodução total/parcial ou divulgação
comercial sem a autorização prévia e expressa do autor.

Apresentação

Meu nome é Reginaldo Cresencio, tenho 47 anos, sou esposo da Kelly, pai do Lucas, da Rebeka e da Bianca, também avô do Filippo e Leonardo, e tenho o privilégio de pastorear a Igreja Batista Raízes desde 2003, uma igreja situada na cidade de São Carlos, SP.

Este livro nasceu de um desejo profundo e amadurecido ao longo dos anos no ministério pastoral. Como pastor, sempre percebi a necessidade de um material que suprisse a demanda de apresentar, de maneira clara e abrangente, os fundamentos da nossa fé e os princípios que norteiam nossa igreja, tanto para aqueles que chegavam de outras denominações quanto para os que estavam conhecendo o evangelho pela primeira vez em nossa própria congregação.

Ao longo do tempo desenvolvi temas que considero essenciais para quem deseja assumir um compromisso sério com a igreja local. Este livro é uma tentativa de reunir esses temas de forma coerente e acessível, com o objetivo de auxiliar tanto o cristão que está em processo de decisão quanto os pastores e líderes que buscam uma ferramenta eficaz para apresentar as bases da fé cristã dentro de uma perspectiva reformada.

Embora o conteúdo reflita uma perspectiva Batista, acredito que ele possa ser útil também para outras denominações, sem comprometer a aplicação e a relevância dos princípios aqui expostos. Meu desejo é que este livro seja uma ferramenta valiosa para o Reino de Deus, auxiliando os fiéis a se firmarem em sua fé e a compreenderem melhor o compromisso que assumem ao se unirem a uma igreja local.

Agradeço a Deus por me conceder a oportunidade de escrever este livro, e oro para que Ele use este material para a

edificação de Sua igreja. Que você, leitor, seja abençoado e inspirado à medida que explora estas páginas; que este livro possa ser um instrumento para o crescimento espiritual e discernimento em sua caminhada cristã.

Boa leitura, e que Deus te abençoe abundantemente.

Em Cristo, Pr. Reginaldo Cresencio.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus mais profundos agradecimentos àqueles que tornaram este livro uma realidade.

Primeiramente, agradeço à minha esposa Kelly, por seu apoio inabalável e por acreditar na possibilidade deste projeto desde o início. Sua paciência, amor e fé me sustentaram em todos os momentos e fizeram com que este livro se tornasse uma obra que reflete nosso compromisso com a verdade e com a fé reformada. Aos meus queridos filhos, Lucas, Rebeqa e Bianca, que, com confiança e entusiasmo, acreditaram na importância deste projeto. Vocês são verdadeiros presentes de Deus em minha vida. Esse apoio constante, mesmo nos momentos mais desafiadores, foi essencial para que eu pudesse prosseguir. Suas vidas são testemunhos vivos do amor e da graça de Deus.

Meus sinceros agradecimentos ao Dr. Kelson Mota de Oliveira que tem sido mais que um irmão em Cristo—um verdadeiro pai e mentor. Sua sabedoria, orientação e exemplo de vida foram essenciais para o desenvolvimento deste livro. Sem sua influência e apoio, este projeto não teria alcançado a profundidade e clareza que almejei. Sua presença em minha vida é um testemunho da graça de Deus em prover amigos que nos inspiram a buscar a excelência em tudo o que fazemos.

Agradeço também ao meu genro Albert Vieira Júnior que com técnica e paciência fez a correção do texto.

Por fim, mas não menos importante, quero expressar minha profunda gratidão à minha amada Igreja Batista Raízes, a qual tenho o privilégio de pastorear há mais de duas décadas. Agradeço aos diáconos, líderes e a todos os queridos irmãos e irmãs que fazem parte desta preciosa família espiritual. Vocês

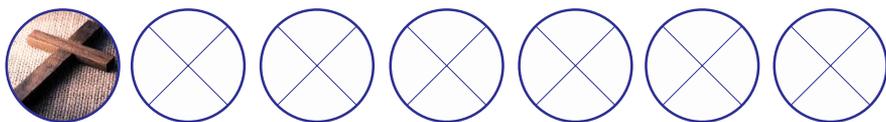
são o coração pulsante deste ministério, e é para vocês que dedico este trabalho. A fidelidade de cada um à Palavra de Deus, seu compromisso com a verdade e o cuidado pastoral, tanto para comigo quanto uns para com os outros, têm sido uma fonte constante de inspiração. Juntos, temos buscado honrar a Deus em tudo o que fazemos, e é minha oração que este livro seja mais uma ferramenta para fortalecer nossa caminhada como uma igreja reformada, fiel e dedicada ao Senhor.

A todos vocês, meu muito obrigado. Que Deus continue abençoando ricamente cada um, e que juntos possamos continuar a glorificar a Deus em tudo, para a Sua honra e glória.

ÍNDICE

A Verdade da Cruz _____	1
O Novo Nascimento _____	43
A Igreja de Deus _____	53
O Espírito Santo _____	75
O Reino de Deus _____	143
Visão, Missão e Filosofia _____	165
Declaração de Doutrina e Conduta _____	187
Posfácio _____	236





A VERDADE DA CRUZ

- A condição humana** Deuteronômio 18; Levíticos 10:10; Ez 44:23;
Romanos 6:6
- A separação de Deus** Romanos 3:23; 5:12-21; 6:23; 2Co 4:4; Ef. 2:1-3;
João 5:19
- A obra da Cruz** Romanos 3:21-26; 1Coríntios 15:3; 2Co 5:18-21;
Hebreus 9:26-28; 10:12; 1Pedro 3:18; 1João 1:7;
- Os imperativos da Cruz** Lucas 9:23; João 3:16; Atos 2:22-47; 16:30-31;
Romanos 1:16-17; 5:1-2; 6:3-4; 10:1-17; Gl 2:20

INTRODUÇÃO

Muitos buscam diariamente o extraordinário em suas vidas; seja nos negócios, nos estudos, relacionamentos e até mesmo em sua espiritualidade. No entanto, não são poucos os que confundem o extraordinário com excesso ou extravagância. Embora a definição da palavra segundo o dicionário seja “aquilo que foge do previsto; que não é ordinário; fora do comum,”¹, para mim, o extraordinário é viver, agir e pensar de maneira diferente da maioria, levando em conta o contexto de uma rotina comum. Por isso, escrevo este livro abordando assuntos comuns a todo cristão, que, no entanto, são extraordinários todas as vezes que são colocados em prática.

Durante vinte séculos após a vinda de Cristo, a igreja institucional (não a noiva de Cristo) buscou muitas formas de tornar a religião extraordinária, seja pela força econômica, militar ou pela sedução. **Econômica**, quando seus mega templos, enfeites de ouro, prata e joias preciosas, Starbucks, sistema de som de última geração, cadeiras de cinema e shows de luzes são a atração para que as pessoas se tornem fiéis de sua “empreja”. **Militar**, quando exércitos ou milícias são patrocinados pela igreja para lutar “guerras santas” incentivando a intolerância e gerando violência ao invés de ressaltar a *Imago Dei* no ser humano, propaga ódio e desprezo por aqueles que não aceitam a doutrina. Os usos e costumes são seu fardamento, medalhas de honra e desonra conforme o “soldado” se comporta dentro do sistema. E, por fim, a sedução, a arma diabólica mais eficaz, usada no Éden com sucesso. Uma pseudo-igreja atrai pseudo-cristãos através do

¹ <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

conforto material e alívio de consciência. O conforto material é percebido nas estruturas físicas do templo; muito além do ar-condicionado e cadeiras acolchoadas, destacam-se o profissionalismo da banda, o terno Armani e a gravata italiana do pregador, a oferta high tech na ministração do culto infantil, painéis de LED, fumaça, gelo seco, ou uma maravilhosa apresentação visual das mídias, tornando a espiritualidade do fiel algo “instagramável”. O alívio de consciência ocorre quando o pregador/coach diz que o fiel é “precioso, mais raro que o ouro puro de Ofir,” “a menina dos olhos de Deus” e que só precisa “determinar,” “exigir” a “restituição” das bênçãos de Deus na sua vida, quando nas entrelinhas tudo é permitido; venha como está e viva como veio; humanismo puro.

Portanto, diante da crescente propagação do humanismo em todas as áreas da cultura e do saber, e especialmente através dos meios de comunicação, é imperativo refletirmos sobre a posição que o homem tem ocupado, com frequência, ele vem sendo apresentado como a medida de todas as coisas, enquanto o Criador da humanidade é relegado a uma figura lendária ou até mesmo vista como um adversário dos nossos sonhos e realizações.

Nesse contexto desafiador, é crucial retornarmos às Sagradas Escrituras para compreendermos a verdade sobre a natureza humana diante de Deus. Ao mergulharmos na Palavra, somos confrontados com a realidade de que o homem está necessitado de salvação.

É com essa perspectiva que este livro se propõe a apresentar de forma clara e embasada o ensinamento bíblico sobre a condição do homem e a grandiosa salvação oferecida em Cristo Jesus. Por meio da análise cuidadosa das Escrituras,

buscamos alcançar um entendimento mais profundo sobre a nossa posição diante de Deus e a magnitude do sacrifício redentor realizado por nosso Senhor e Salvador.

Que este livro seja uma fonte de edificação e fortalecimento da nossa fé, nos desafiando a vivermos em conformidade com os princípios divinos revelados na Palavra de Deus.

O homem à imagem de Deus (Imago Dei)

Agora pouco utilizei a expressão em Latin “*Imago Dei*”, mas o que isso significa?

Quando abordamos o estudo da humanidade, é essencial recordar que o ser humano foi criado à imagem de Deus. No livro de Gênesis 1.26, Deus declara: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança".

Ao considerarmos as palavras "imagem" e "semelhança" utilizadas na Bíblia, uma analogia com um espelho vem à mente. Assim como um espelho reflete a imagem da pessoa que está diante dele, muitos teólogos entendem que a imagem de Deus é uma qualidade na qual os seres humanos se assemelham a Deus. No entanto, é importante ressaltar que a Bíblia não trata o homem em si mesmo, mas em relação a Deus. Por conseguinte, compreendemos que a imagem de Deus não é uma qualidade intrínseca do ser humano, mas sim um presente concedido por Deus para que possamos refletir Sua presença.

Da mesma forma que o reflexo em um espelho, o homem não pode ser considerado a imagem de Deus sem estar diante Dele, já que a expressão "*imago Dei*" denota que o homem reflete a presença de Deus.

A teologia tradicional faz uma distinção entre dois aspectos ao falar do homem como imagem de Deus: o sentido restrito e o sentido abrangente.

No sentido restrito: o homem sem pecado, ou seja, antes da queda, podia refletir perfeitamente a presença de Deus.

No sentido abrangente: o homem pecador reflete a presença de Deus de forma imperfeita.

Originalmente, antes de pecar, o homem era a imagem perfeita de Deus, mas depois da queda, embora continue sendo a imagem de Deus, essa imagem tornou-se distorcida e deturpada, borrada.

Contudo, mesmo na condição de pecado, a imagem de Deus no homem não foi completamente destruída. Esse fato é crucial para a vida cristã.

Em Tiago 3.9 somos advertidos sobre o uso da língua, afirmando que devemos bendizer ao Senhor com ela, pois os homens foram feitos à semelhança de Deus.

Da mesma forma em Gênesis 9.6 diz: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem”. Não se deve matar o homem, porque foi feito segundo a imagem de Deus.

Qualquer mal que façamos a uma pessoa é, portanto, uma afronta à imagem de Deus representada por ela. Somos feitos à imagem de Deus e, portanto, temos a responsabilidade e o privilégio de refletir essa imagem. Em Cristo, essa imagem é restaurada, como mencionado em Colossenses 3.10, onde os crentes se revestem do novo homem, moldando-se à imagem daquele que os criou.

A imagem restaurada é a presença de Cristo na vida do ser humano. Quando alguém está em Cristo e Cristo está nele, a imagem é restaurada. O plano de Deus é que sejamos “conformes à imagem de Seu Filho”, como expresso em Romanos 8.29. A imagem restaurada não é uma qualidade do crente em si, mas é devida à presença de Cristo em sua vida. O cristão tem o dever e a honra de refletir cada vez mais perfeitamente a presença e o caráter de Deus, como nos instruiu Jesus em Mateus 5.48 ao dizer: "Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celeste". Posto isso a análise, vejamos a condição da humanidade após a queda.

1. A CONDIÇÃO HUMANA

Conforme a Lei

A Bíblia estabelece uma distinção significativa entre cometer um pecado e viver em pecado. Na época de Moisés e na Torah, a Lei delineava o pecado como uma questão de cumprir ou violar preceitos definidos segundo o caráter de Deus, expresso nos mandamentos como não matar, não roubar, não mentir, não cobiçar, e outros preceitos similares.

Além disso, a Lei mosaica também delineava as fronteiras entre o que é puro e impuro, sagrado e profano, o que se manifestava nas restrições alimentares, nos tabus de contato e em diversas outras regras (Deuteronômio 18; Levíticos 10.10; Ezequiel 44.23).

Jesus expande essa compreensão do pecado ao ensinar que não é suficiente evitar atos externos como homicídio ou adultério; é igualmente necessário controlar as emoções e intenções do coração, como o ódio e a luxúria (Mateus 5.21-

30). Ele aponta que o pecado não se restringe apenas a ações visíveis, mas também abrange nossa interioridade, nossas motivações mais íntimas e as inclinações do coração.

Essa perspectiva ampliada de Jesus nos convida a uma reflexão mais profunda sobre o pecado, destacando a importância não apenas do comportamento externo, mas também da pureza interior e das intenções que direcionam nossas ações.

No entanto, é importante ressaltar o papel da lei na vida do cristão, pois é comum ouvirmos que a letra mata, mas o Espírito vivifica para justificar o não estudo teológico e em alguns casos uma espécie de liberdade para pecar pois agora vivemos no período da graça e não da lei.

"A Letra Mata, mas o Espírito Vivifica"

O versículo “a letra mata, mas o Espírito vivifica” (2 Coríntios 3:6) é frequentemente mal compreendido, sugerindo um antagonismo entre a Palavra escrita de Deus e a obra do Espírito Santo. No entanto, numa exegese mais apurada, entendemos que Paulo está falando sobre a incapacidade da Lei, por si só, de trazer vida. A Lei revela o pecado e condena o pecador, mas não possui o poder de regenerar o coração. É o Espírito Santo que aplica a obra redentora de Cristo aos crentes, trazendo vida e transformação.

Enquanto a Lei escrita (a "letra") expõe nossa condição pecaminosa e nos conduz à necessidade de um Salvador, é o Espírito Santo que nos vivifica, renovando nosso coração e nos capacitando a viver em conformidade com os preceitos de Deus. A letra mata no sentido de que a Lei, sem a graça do Espírito, só pode condenar. Mas quando a Lei é

internalizada pelo Espírito Santo, ela se torna uma fonte de vida, nos guiando em santidade e verdade.

Portanto, a condição humana, conforme a Lei, é exposta como desesperadamente necessitada da graça. Jesus nos chama a uma pureza que transcende a mera conformidade externa, e é o Espírito que nos capacita a viver essa realidade transformadora. Que nossa compreensão da Lei e do Espírito nos leve a uma dependência cada vez maior de Cristo e à vivência de uma fé que transforma tanto o exterior quanto o interior.

O Pecado

O pecado, por sua vez, é o ato que nos separa e nos coloca em posição de rebeldia e inimizade em relação a Deus (Romanos 7.7-25).

O apóstolo Paulo aprofunda nossa compreensão do pecado ao destacar que ele vai além do comportamento e das motivações; ele é uma condição que afeta a própria essência humana. Para o apóstolo, o pecado não é apenas uma série de atos errados, mas uma força interior que nos impede de fazer o que realmente desejamos ou nos leva a fazer o que não queremos. Ele identifica o problema não na prática de pecados, mas na condição intrínseca de ser pecador, o que chamamos de pecaminosidade, refletindo nossa interioridade psíquica e emocional.

Para muitos, a definição de pecado se resume a "errar o alvo" ou "fazer algo que desagrade a Deus." Alguns até dirão que é tomar decisões que contrariam a Palavra de Deus. No entanto, sinto que essas definições superficiais têm diluído a profundidade real do conceito de pecado. Após mais de duas

décadas de ministério, tenho refletido profundamente sobre uma maneira de apresentar, de forma contundente, um conceito que, lamentavelmente, tem caído em desuso até mesmo dentro da igreja: o conceito do pecado.

Permitam-me ilustrar com uma situação de minha vida pessoal que a mim parece bastante esclarecedora. Sou um homem casado, com filhos adultos já casados, e minha esposa e eu moramos sozinhos em uma casa relativamente grande. Dividimos as tarefas domésticas de acordo com nossas habilidades: ela cozinha, eu lavo a louça; ela lava as roupas, eu limpo o quintal e a garagem etc. Uma de minhas tarefas, talvez a menos glamourosa, é colocar o lixo para fora nos dias de coleta, que em nosso bairro acontecem às segundas, quartas e sextas-feiras.

O problema surge quando eu esqueço de colocar o lixo para fora na sexta-feira. Imaginem o lixo acumulando desde a quarta-feira até a coleta da segunda-feira – nada agradável. Mas, como se diz, "nada é tão ruim que não possa piorar." Nessas ocasiões, o fedor do lixo atrai moscas, e talvez vocês já tenham tido a desagradável experiência de ver aqueles nojentos bichinhos conhecidos como larvas espalhados pelo lixo. O cheiro se intensifica tanto que um líquido fétido, o chorume, se acumula no fundo do lixo. E, para piorar ainda mais, eu tenho o que se chama de "estômago fraco." Imaginem a cena patética de um homem maduro segurando um saco de lixo repugnante com as pontas dos dedos de uma mão e, com a outra, tampando a boca e o nariz para não vomitar.

Agora, essa repulsa que talvez vocês também sintam e, compreendam, não é nada comparada ao nojo que Deus, sendo Santo, Santo, Santo, sente pelo pecado. É crucial fazermos uma distinção correta quanto a isso. Todos

concordamos que Deus é Todo-Poderoso, Onipotente, Onisciente, Onipresente e Majestoso, e a Bíblia confirma esses predicados. No entanto, em nenhuma passagem lemos que Deus é "Poderoso, Poderoso, Poderoso" ou "Majestoso, Majestoso, Majestoso." Porém, vemos Isaías 6:3 *"E proclamavam uns aos outros: **Santo, santo, santo** é o Senhor dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória."*, Apocalipse 4.8 *"Dia e noite repetem sem cessar: **Santo, santo, santo** é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir"*; e existem outras passagens declarando que Deus é "Santo, Santo, Santo."

A santidade, na sua raiz, significa ser separado, e Deus é separado do mundo, do pecado, de tudo o que é imperfeito. Quando falamos de Deus, "santo" é sinônimo de pureza, beleza e perfeição. No entanto, algo perfeito não pode ser mais do que perfeito, pois isso seria uma redundância. No caso de Deus, a afirmação de que Ele é três vezes santo tem uma conotação majestática, mostrando a Trindade Perfeita e a pureza elevadíssima de Deus.

Portanto, mesmo o menor dos pecados, aos olhos humanos, é comparável à pior podridão sendo colocada no colo daquele que é a expressão perfeita de pureza. Quando olhamos para a cruz do Calvário e vemos que Deus encarnado atraiu sobre Si nossos pecados e se fez maldito em nosso lugar, vislumbramos a enormidade do amor demonstrado por Jesus e quão terrível e custoso foi para Ele suportar nossas imundícies.

Não se iludam, cada pecado é mais do que um mero erro; é uma afronta direta contra a santidade de Deus, e deve ser entendido e sentido por nós como algo absurdamente terrível toda vez que pecamos. Reconheçamos a gravidade do

pecado e a imensidão do amor de Deus, que, em Sua santidade, nos chama ao arrependimento e à transformação.

Então, de onde podemos imitar a conduta para que não sejamos desobedientes a Deus?

A Bíblia fala de dois modelos de ser humano. Antes de Jesus Cristo todos os seres humanos eram do tipo Adão. Jesus é o último Adão e o segundo homem (1Coríntios 15.45-47). O primeiro homem, Adão, é apenas figura do que havia de vir, a saber, Jesus Cristo (Romanos 5.14). Pecado é a palavra que descreve a condição humana em sua identificação com Adão.

O relato da queda de Adão no jardim do Éden, popularmente identificado com comer a “maçã”, ou corretamente, o comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2.16,17), representa a tentativa humana de viver de forma independente de Deus. Isso significa que o pecado não é apenas uma questão moral (certo e errado), mas sim uma questão ontológica (da constituição do ser). O pecado em termos ontológicos significa o rompimento com a fonte da existência. No jardim do Éden, Adão (o primeiro homem) estava diante de duas árvores, a árvore do conhecimento do bem e do mal e a árvore da vida (Gênesis 3.9). Por meio dessas duas árvores, Deus estava dizendo o seguinte a Adão: “Você deve comer da árvore da vida e se sustentar em mim, e jamais comer da árvore do conhecimento do bem e do mal e romper comigo para tentar viver por si mesmo! Advirto que não é possível você viver sem sustentar-se em mim. No dia em que você comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, certamente morrerá”.

A mensagem é clara: a vida verdadeira e plena só é possível ao estar em comunhão e dependência de Deus, e

qualquer tentativa de viver fora dessa relação resulta em morte espiritual e separação.

As Escrituras nos ensinam que não há vida fora de Deus; é “nEle que existimos, nos movemos e temos nossa existência” (Atos 17.28). O pecado, portanto, é mais do que transgressão moral; é uma questão fundamental de identidade e relacionamento com o Criador.

Uma pergunta pertinente para todo cristão nesse momento é: Você tem exalado o doce perfume de Cristo em sua vida ou fedor de uma vida de pecado?

2. A CRUZ

Crucificação: Um Espetáculo de Horror

A crucificação foi, sem dúvida, uma das formas mais cruéis e desumanas de execução já concebidas. Destinada a ser um espetáculo horrendo, visava infligir a maior dor e humilhação possíveis. Reservada para escravos, piratas e inimigos do estado, era uma punição que buscava não apenas a morte do condenado, mas a máxima degradação de sua dignidade. Um claro aviso: “Não nos desafie, olhe o que pode acontecer com você!”

Origens da Crucificação

A prática da crucificação tem raízes antigas, provavelmente originárias dos assírios e babilônios. Foi, no entanto, no século VI a.C. que os persas começaram a utilizá-la sistematicamente. As informações mais antigas sobre a crucificação foram encontradas em decorações de palácios

assírios, evidenciando a longa história dessa forma de execução.

O Processo da Crucificação

O processo de crucificação era meticulosamente cruel. Os condenados eram desnudados e seus braços eram amarrados ou pregados às traves horizontais da cruz, com pregos atravessando seus pulsos. Em seguida, a trave horizontal era fixada ao poste vertical, que já estava fincado no chão. Quando o condenado era erguido, seus pés eram igualmente pregados ou amarrados, prolongando o sofrimento infligido aos braços.

O Prolongado Sofrimento

A morte na cruz raramente era rápida. Em muitos casos, o crucificado agonizava por dias antes de sucumbir, diante dos olhares indiferentes ou curiosos dos transeuntes. Durante esse período, o corpo sofria com uma combinação de sufocamento, perda de sangue, desidratação e falência múltipla de órgãos. Cada momento era um testemunho agonizante do extremo sofrimento e da brutalidade da crucificação.

Esses detalhes não só revelam a crueldade extrema dessa forma de execução, mas também destacam o imenso sofrimento que Jesus Cristo suportou na cruz. Ao contemplarmos o horror da crucificação, somos lembrados da profundidade do sacrifício de Cristo e do incomensurável amor de Deus por nós, pecadores. Que possamos sempre ter

em mente o preço terrível pago por nossa redenção, vivendo vidas que honrem o sacrifício do Salvador.

Mas também devemos ter em mente que a cruz de Cristo não é meramente uma resposta de Deus aos pecados que cometemos, mas é principalmente a solução divina para nos libertar de nossa condição humana caída, que está cativa ao pecado. Na cruz, por meio de Cristo, ocorre a morte de um tipo de ser humano chamado Adão (Romanos 6.6).

2.1 A Necessidade da cruz

O pecado do primeiro homem (Adão) trouxe consequências para toda a raça humana. Estas consequências explicam por que a Cruz de Cristo se tornou necessária. A palavra bíblica usada para descrever as consequências do pecado é **morte** (Romanos 3.23; 5.12-21; 6.23; Efésios 2.1-3). Em termos práticos, esta "morte espiritual" de que fala a Bíblia significa três coisas:

SEPARÇÃO DE DEUS: Uma Nova Realidade

A narrativa bíblica da expulsão do Paraíso é um poderoso símbolo da mudança radical no relacionamento entre Deus e a humanidade. Originalmente, Adão e Eva desfrutavam de uma comunhão perfeita e contínua com Deus no Jardim do Éden. No entanto, a desobediência ao comando divino introduziu o pecado no mundo, transformando essa comunhão em rebeldia e afastamento.

A Queda e a Nova Condição Humana

A expulsão do Éden marcou a transição de um estado de perfeita harmonia para uma condição de alienação espiritual. Em Gênesis 3:22-24, lemos sobre Deus expulsando Adão e Eva do Jardim para impedir que eles tivessem acesso à árvore da vida, perpetuando assim sua condição de pecado e separação. Esse ato simboliza a ruptura do relacionamento com Deus, onde a rebeldia substitui a comunhão.

O Destino da Humanidade Afastada de Deus

Em Romanos 3:23, o apóstolo Paulo declara que "todos pecaram e carecem da glória de Deus." Esta verdade reflete a nova realidade da humanidade: afastada de Deus, a fonte de toda vida, a humanidade está destinada à morte espiritual e física. A separação de Deus não é apenas uma mudança de estado, mas uma condenação à morte, pois sem Deus, não há verdadeira vida.

O Significado da Separação

A separação de Deus implica uma série de consequências profundas para a humanidade. Não se trata apenas de uma distância física, mas de uma desconexão existencial da fonte de todo ser e vida. Deus, sendo a própria essência da vida, é aquele em quem encontramos nosso verdadeiro propósito e existência. Estar separado de Deus é, portanto, estar separado da própria vida.

A Esperança de Reconciliação

Apesar da severidade da separação, a Bíblia também apresenta uma mensagem de esperança e reconciliação. Deus, em seu infinito amor e misericórdia, providenciou um meio de

restaurar a comunhão perdida através do sacrifício de Jesus Cristo. Pela fé em Cristo, a barreira do pecado é derrubada, e a humanidade pode ser reconciliada com Deus, recuperando a comunhão que foi perdida no Éden.

Esses eventos bíblicos não apenas explicam a condição presente da humanidade, mas também apontam para a esperança de redenção e restauração oferecida em Cristo. Reconhecer a profundidade de nossa separação de Deus e a consequente necessidade de redenção é essencial para compreender o Evangelho e o maravilhoso plano de salvação que Deus estabeleceu para nós. Que possamos, através da graça de Cristo, ser restaurados à comunhão plena com nosso Criador.

2.2 A SUJEIÇÃO AO DIABO: Uma Aliança Maligna

Quando o ser humano escolheu pecar, ele fez uma aliança com a Serpente, simbolizando uma rendição ao Diabo em vez de permanecer submisso a Deus. Essa decisão teve consequências devastadoras, levando a humanidade à escravidão espiritual sob o domínio do Diabo e de seus espíritos malignos.

A Perda de Autoridade

Essa aliança com o mal resultou na perda da autoridade que o ser humano possuía sobre o mundo natural e espiritual. O apóstolo Paulo afirma em 2 Coríntios 4:4 que "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos".

Efésios 2:1-3 descreve nossa condição antes de Cristo, como mortos em nossas transgressões e pecados, seguindo "o príncipe da potestade do ar". Já em 1 João 5:19, lemos que "o mundo inteiro jaz no maligno".

Escravidão Espiritual

A submissão ao Diabo trouxe a escravidão espiritual. O ser humano, que foi criado para governar a criação de Deus e viver em comunhão com Ele, tornou-se sujeito às forças das trevas. Essa escravidão não é apenas uma metáfora, mas uma realidade espiritual que afeta toda a existência humana, cegando-a para a verdade e afastando-a de Deus.

As Consequências da Queda

Com a queda, o homem perdeu não apenas sua posição de autoridade, mas também sua liberdade espiritual. Tornou-se cativo do pecado e do poder das trevas. Essa condição é descrita de forma clara nas Escrituras, mostrando que a escolha de desobedecer a Deus e aliar-se ao Diabo trouxe uma catástrofe espiritual sobre toda a humanidade.

A Necessidade de Libertação

Entender a profundidade dessa sujeição é crucial para reconhecer a necessidade de libertação que só pode ser encontrada em Cristo. Jesus veio para destruir as obras do Diabo (1 João 3:8) e para libertar os cativos. Pela sua morte e ressurreição, Ele venceu o poder do pecado e da morte, oferecendo-nos redenção e uma nova vida em Deus.

Esses textos bíblicos e a realidade espiritual que eles descrevem revelam a seriedade do pecado e a profundidade da nossa necessidade de um Salvador. Só através de Jesus Cristo

podemos ser libertados do domínio do Diabo e restaurados à nossa posição de autoridade e comunhão com Deus. Que possamos viver na liberdade e na autoridade que Cristo conquistou para nós, rejeitando as trevas e abraçando a luz da verdade.

2.3 DEGENERAÇÃO DA IMAGEM DE DEUS

A degeneração da imagem de Deus, causada pelo pecado, representa um desvio do alvo, ou seja, viver de maneira conflitante com o caráter de Deus. Esse conflito com Deus é simultaneamente um conflito interno, pois contraria não apenas a natureza divina, mas também a própria natureza humana (Romanos 7). O ser humano que persiste na prática do pecado destrói não apenas tudo ao seu redor, mas principalmente a si mesmo, desfigurando a imagem de Deus em que foi criado.

O pecado, sendo também um desvio do alvo, significa viver de uma maneira que está em oposição direta ao caráter de Deus. Quando a humanidade vive em pecado, ela se encontra em um estado de constante conflito com Deus. Este conflito externo, no entanto, também se manifesta internamente, resultando em uma vida de contradição e desarmonia consigo mesmo.

O Conflito com Deus e Consigo Mesmo

O apóstolo Paulo descreve esse dilema interno de maneira vívida em Romanos 7. Ele fala sobre a luta entre o

desejo de fazer o bem e a realidade de ser arrastado pelo pecado. Este viver em conflito com Deus e consigo mesmo é uma evidência clara da degeneração que o pecado causa na imagem divina no homem. Vivendo em pecado, o ser humano não apenas se afasta de Deus, mas também entra em contradição com sua própria natureza, criada para refletir o caráter santo de Deus.

A Autodestruição pelo Pecado

A prática contínua do pecado tem um efeito devastador, tanto externa quanto internamente. O ser humano que vive no pecado não destrói apenas o ambiente e as relações ao seu redor, mas principalmente a si mesmo. Cada ato pecaminoso contribui para a desfiguração da imagem de Deus em que fomos criados, corroendo a nossa verdadeira identidade e propósito.

A Desfiguração da Imagem Divina

Criados à imagem e semelhança de Deus, fomos destinados a refletir Sua glória, santidade e amor. No entanto, o pecado distorce essa imagem, desfigurando-nos e impedindo-nos de viver plenamente o propósito para o qual fomos criados. A prática do pecado é uma rejeição da nossa verdadeira natureza, uma traição à nossa identidade divina.

A Esperança de Restauração

Apesar da profundidade da degeneração causada pelo pecado, a Bíblia nos oferece uma esperança de restauração. Em Cristo, somos chamados a redescobrir e restaurar a imagem de Deus em nossas vidas. Através do arrependimento e da fé em Jesus, podemos ser transformados e renovados,

vivendo de acordo com o caráter de Deus e refletindo Sua imagem ao mundo.

Compreender a seriedade da degeneração da imagem de Deus nos ajuda a reconhecer a necessidade urgente de redenção e restauração. Que possamos, pela graça de Cristo, ser libertos do poder do pecado e viver de maneira que honre e reflita a santidade de Deus, redescobrimo nossa verdadeira identidade como Seus filhos amados.

3. A OBRA DA CRUZ

Todas as consequências do pecado do homem são sanadas pela cruz, por Jesus Cristo.

A Bíblia afirma que Jesus Cristo morreu por nós (Lucas 22:19; João 10:11, 15; Romanos 5:8; Efésios 5:2; 1 Tessalonicenses 5:10; Tito 2:13-14) e pelos nossos pecados (1 Coríntios 15:3; Hebreus 9:26; 10:12; 1 Pedro 3:18; 1 João 1:7; Apocalipse 1:5-6). Dessa forma, Jesus Cristo nos substituiu na cruz (Isaías 53:1-7; 2 Coríntios 5:18-21), tomando sobre Si o peso do pecado de Adão, sofrendo a morte que nos era destinada e recebendo a condenação que recaía sobre nós.

3.1 SATISFEZ A JUSTIÇA DE DEUS

A Substituição de Cristo na Cruz

Na cruz, Jesus Cristo cumpriu a justiça de Deus. O pecado foi punido com a morte, mas Aquele que morreu venceu a morte ao ressuscitar no terceiro dia. Sendo justo, era impossível que a morte O retivesse (Atos 2:24). Este ato de substituição é central para a compreensão do sacrifício de

Cristo. Ele tomou sobre Si os pecados da humanidade, tornando-Se o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

A Justiça Divina e o Sacrifício de Cristo

O sacrifício de Jesus satisfaz a justiça de Deus. A santidade de Deus exige que o pecado seja punido, e a punição para o pecado é a morte. Cristo, sendo sem pecado, ofereceu-Se voluntariamente para sofrer a pena que merecíamos. Essa substituição é descrita de forma poderosa em Isaías 53, onde é profetizado que Ele foi ferido pelas nossas transgressões e esmagado pelas nossas iniquidades. A justiça de Deus foi plenamente satisfeita porque o pecado foi punido de acordo com a lei divina.

3 Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.

4 Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças, contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido.

5 Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.

6 Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

7 Ele foi oprimido e afligido, contudo não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca.

8 Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos vivos; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado.

9 Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido qualquer violência nem houvesse qualquer mentira em sua boca.

Isaías 53.3-9

A Vitória sobre a Morte

A ressurreição de Jesus é a prova definitiva de Sua vitória sobre o pecado e a morte. Atos 2:24 destaca que era impossível que a morte O mantivesse, pois Ele é o Santo e Justo – “Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse.” A ressurreição confirma que o sacrifício de Jesus foi aceito por Deus, garantindo a nossa justificação e reconciliação com o Pai. A morte foi derrotada e, por meio de Cristo, nós também temos a promessa da vida eterna.

O Impacto para a Humanidade

A obra de Cristo na cruz tem um impacto profundo e eterno para toda a humanidade. Ele não apenas pagou a dívida do pecado, mas também nos reconciliou com Deus, restaurando a comunhão que havia sido quebrada. Como Paulo escreve em 2 Coríntios 5:18-21, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens os seus pecados. Agora, somos chamados a viver em novidade de vida, conforme a justiça de Deus revelada em Cristo.

Essas verdades bíblicas nos convidam a refletir profundamente sobre o amor e a justiça de Deus manifestados em Jesus Cristo. Que possamos, com gratidão e reverência, reconhecer o sacrifício supremo de Cristo, vivendo de maneira que honre e reflita a graça e a justiça que nos foram concedidas.

3.2 A VITÓRIA DE CRISTO SOBRE O IMPÉRIO DAS TREVAS

A vitória de Cristo sobre o império das trevas é uma das verdades centrais do cristianismo, revelando o poder supremo de Jesus sobre todas as forças do mal. Na cruz, Jesus Cristo despojou as forças das trevas, derrotando o Diabo e seu exército de maneira definitiva. Em Colossenses 2:15, Paulo nos apresenta uma visão poderosa e descreve este ato triunfal, onde Cristo desarmou os poderes e autoridades, expondo-os publicamente ao ridículo, triunfando sobre eles por meio da cruz. Esta vitória não foi apenas uma conquista momentânea, mas um ato eterno que transformou o destino da humanidade

e a estrutura espiritual do universo. Esta vitória significa que o poder das trevas foi anulado, e a autoridade de Satanás foi quebrada.

Despojar significa retirar o poder e a autoridade do inimigo. No contexto de Colossenses 2:15, Paulo descreve Jesus como Aquele que despojou as forças das trevas, fazendo um espetáculo público de sua derrota. Isso implica que Satanás e seus demônios foram forçados a depor suas armas, reconhecendo a autoridade suprema de Cristo. Esta vitória foi não apenas uma humilhação para os poderes das trevas, mas uma declaração pública da soberania de Jesus sobre todo o mal.

A Manifestação de Cristo para Desfazer as Obras do Diabo

Jesus veio ao mundo com o propósito claro de desfazer as obras do Diabo. Em 1 João 3:8, lemos que "para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo". Este desfazer implica em um rompimento completo e total com o poder das trevas. Por meio de Sua vida, morte e ressurreição, Jesus demonstrou autoridade sobre os demônios, curando os oprimidos e libertando os cativos. Cada milagre, exorcismo e ensinamento de Jesus evidenciava Seu poder superior sobre as forças malignas (Mateus 28:19; Lucas 11:14-23).

A Libertação Através da Verdade

Jesus declarou em João 8:32: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Esta liberdade é a libertação do domínio do pecado e do poder das trevas. Em João 8:34-36,

Ele continua afirmando que "todo aquele que comete pecado é escravo do pecado... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres". A obra de Cristo liberta os cativos, quebrando as correntes do pecado e da opressão demoníaca.

A Exaltação de Cristo e a Submissão das Trevas

A ressurreição e exaltação de Jesus são a garantia da Sua vitória. Efésios 1:20-23 fala do poder de Deus que ressuscitou Cristo e o assentou à Sua direita nos céus, "muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar". Filipenses 2:9-11 declara que Deus exaltou Jesus sobremaneira, e Lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra.

A Vitória Final e Eterna

A vitória de Cristo é completa e eterna. Em Apocalipse 1:16-18, Jesus é descrito como Aquele que tem as chaves da morte e do Hades, significando Seu domínio absoluto sobre a vida e a morte. Ele é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, e Seu triunfo sobre as trevas é final e irrevogável. Essa garantia de vitória eterna nos dá esperança e confiança de que, em Cristo, somos mais que vencedores.

Implicações para os Cristãos

Para os cristãos, a vitória de Cristo sobre o império das trevas traz profundas implicações. Ela nos chama a viver em

liberdade, não mais sob a escravidão do pecado e do medo. Somos convidados a andar na luz, resistindo às trevas com a autoridade que nos foi concedida em Jesus. Esta vitória nos equipa para enfrentar as lutas espirituais com confiança, sabendo que o poder de Cristo opera em nós e através de nós.

Essas verdades bíblicas nos convidam a viver na liberdade e na vitória que Cristo conquistou para nós. Ele despojou o império das trevas, desfazendo as obras do Diabo e oferecendo-nos uma nova vida nEle. Que possamos, portanto, caminhar em Sua vitória, resistindo às trevas e proclamando a libertação e a verdade que há em Jesus Cristo.

3.3 REDIMIU O SER HUMANO

Em Cristo, a redenção do ser humano é completa e transformadora. Através de Sua obra na cruz, Jesus Cristo não apenas justifica o pecador diante de Deus, libertando-o da condenação do pecado e do poder do diabo, mas também faz dele uma nova criatura (João 3:5-16; 2 Coríntios 5:17; Efésios 2:10). Este processo de redenção é profundo e abrangente, culminando na formação de uma nova criação, onde os redimidos não mais descendem de Adão, mas de Cristo, sendo gradualmente transformados à imagem de Jesus (Romanos 8:28-30; 2 Coríntios 3:18).

A Justificação e a Libertação

A justificação é o ato pelo qual Deus declara justo o pecador arrependido, com base na obra redentora de Cristo. Em Romanos 5:1, Paulo afirma que "justificados, pois,

mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo". Esta justificação nos livra da condenação do pecado, rompendo a barreira que nos separava de Deus e restaurando a comunhão com Ele. Além disso, somos libertos do poder do diabo, sendo trasladados do reino das trevas para o reino de luz de Jesus Cristo.

Nova Criação em Cristo

Em Cristo, somos feitas novas criaturas. 2 Coríntios 5:17 nos assegura que "se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas". Esta transformação é tanto instantânea quanto progressiva. Instantânea, porque no momento da conversão, somos regenerados e adotados na família de Deus. Progressiva, porque ao longo da nossa jornada cristã, somos continuamente moldados à imagem de Cristo, conforme descrito em Romanos 8:28-30 e 2 Coríntios 3:18.

Herdeiros da Vida de Cristo

Assim como todos sofremos a morte de Adão, também todos somos herdeiros da vida de Cristo. Em Romanos 5:12-21, Paulo compara a transgressão de Adão com a obediência de Cristo, mostrando que, assim como a desobediência de um só homem trouxe condenação para todos, a obediência de Jesus trouxe justificação e vida para muitos. Esta herança da vida eterna é garantida pela ressurreição de Jesus, que venceu a morte e assegurou a nossa vitória sobre ela (Romanos 6:4).

Salvação da Condenação e do Poder do Pecado

A obra redentora de Cristo não apenas nos salva da condenação do pecado, mas também nos liberta do seu poder.

Em Romanos 8:1, lemos que "agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". Esta liberdade é tanto judicial quanto prática. Judicialmente, somos declarados justos diante de Deus. Praticamente, somos chamados a viver uma vida de santidade, resistindo ao pecado e caminhando em novidade de vida (Romanos 6:11-13). Estamos sendo salvos do poder do pecado à medida que crescemos na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Transformação Contínua

A redenção em Cristo implica uma transformação contínua. Em Romanos 12:2, Paulo exorta os crentes a não se conformarem com este mundo, mas a serem transformados pela renovação da mente, para que possam experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Esta transformação é o resultado da obra do Espírito Santo em nossas vidas, que nos capacita a viver de acordo com a vontade de Deus, refletindo cada vez mais o caráter de Cristo.

Em resumo, a redenção que Cristo oferece é completa e abrangente. Ele nos justifica, nos liberta do poder do pecado e nos transforma em novas criaturas. Em Cristo, somos herdeiros de uma nova vida, chamados a viver em santidade e a refletir a glória de Deus. Que possamos viver à altura deste chamado, reconhecendo a profundidade da obra redentora de Cristo e permitindo que Seu Espírito nos transforme continuamente à Sua imagem.

4. OS IMPERATIVOS DA CRUZ

A obra de Cristo na cruz foi completa em termos de satisfazer a justiça de Deus, desfazer as obras do diabo e restaurar o ser humano. Mas o Evangelho exige frutos por parte daqueles que receberam a salvação. Não significa sinergismo no ato salvífico, mas uma constatação de que de fato a salvação chegou a tal indivíduo. "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me" (Lucas 9.23).

4.1 A si mesmo se negue

Negar a si mesmo é uma chamada central do Evangelho, essencial para a jornada cristã. Esta negação não é um simples ato de auto renúncia a coisas mundanas como deixar de fumar, beber, falar palavrão ou coisas similares, mas uma profunda submissão a Deus, que reflete a verdadeira essência do arrependimento. Dado que o pecado é, em sua essência, uma atitude de rebeldia contra Deus, onde o ser humano coloca seu próprio eu no lugar de Deus, a única resposta adequada é submeter-se completamente a Ele, negando a própria vontade e os desejos pessoais, até mesmo os mais profundos.

A Natureza do Pecado e a Necessidade de Submissão

O pecado é essencialmente a substituição de Deus pelo eu. É a rebelião que coloca o desejo próprio acima da vontade divina. Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus no Éden, não foi apenas uma transgressão de um mandamento, mas

uma declaração de independência de Deus. Esse mesmo espírito de rebeldia permeia a humanidade desde então, levando-nos a viver segundo nossas próprias regras e desejos. Para retornar a Deus, precisamos reverter esse estado de rebeldia, o que implica submeter nosso eu ao senhorio de Cristo.

O Chamado ao Arrependimento

Por essa razão, o anúncio do Evangelho é uma convocação ao arrependimento, uma mudança radical de direção. Jesus iniciou Seu ministério com um chamado claro: "O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho" (Marcos 1:14-15). Arrependimento significa literalmente "meia volta", uma mudança completa de rumo. Pedro, em seu sermão no Pentecostes, ecoou essa mensagem: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados" (Atos 2:38). A negação de si mesmo é, portanto, o caminho de volta a Deus. É reconhecer que nossa vida não nos pertence e que devemos viver em total submissão à vontade de Deus. Jesus nos deu o exemplo supremo dessa submissão no Getsêmani, quando orou: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42). Seguir a Cristo significa imitar essa atitude de entrega total, onde nossos desejos e planos são colocados de lado em favor do propósito divino.

Transformação através da Submissão

Negar a si mesmo não é um ato isolado, mas um processo contínuo de transformação. Paulo nos exorta em

Romanos 12:1-2 a oferecermos nossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, e a não nos conformarmos com este mundo, mas a sermos transformados pela renovação da nossa mente. Este processo de renovação nos permite discernir a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. A cada dia, somos chamados a tomar nossa cruz e seguir Jesus (Lucas 9:23), o que significa morrer para nós mesmos e viver para Cristo.

Negar a si mesmo é um chamado fundamental para todos os que desejam seguir a Cristo. É o reconhecimento de que nossa vida não é nossa, mas pertence a Deus. A verdadeira vida em Cristo começa quando nos arrependemos, nos submetemos à Sua vontade e permitimos que Ele nos transforme à Sua imagem. Que possamos, diariamente, escolher a submissão a Deus, renunciando a nós mesmos e vivendo para a glória de nosso Senhor.

4.2 Dia a Dia Tome Sua Cruz

O chamado de Jesus para tomar a nossa cruz diariamente é uma convocação para uma vida de contínua entrega e sacrifício. Conforme nos ensinou o apóstolo Paulo, Jesus nos incluiu em Sua cruz, de modo que podemos considerar que a cruz de Cristo é também a nossa cruz. Paulo declara em Gálatas 2:20: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim." Esta identificação com Cristo em Sua cruz é central para a vida cristã.

Vermos a nós mesmos crucificados em Cristo é um ato de fé. A cruz de Cristo não é apenas um evento histórico, mas

uma realidade espiritual na qual somos convidados a participar. Paulo reforça esta verdade em Gálatas 6:14, afirmando: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo." Este entendimento profundo de que estamos incluídos na morte de Cristo transforma nossa perspectiva de vida.

O Ato de Fé

Nossa identificação com a cruz de Cristo é um ato de fé, como enfatizado repetidamente nas Escrituras. Em Atos 16:30-31, o carcereiro pergunta a Paulo e Silas: "Senhores, que devo fazer para ser salvo?" Eles respondem: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa." A fé em Jesus é a chave que nos une a Ele e à Sua obra redentora. Em Romanos 1:16-17, Paulo afirma: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê... O justo viverá pela fé."

A Eficácia da Cruz

Nós cremos que a cruz de Cristo foi eficaz, e devemos crer que estávamos incluídos em Cristo em Sua morte. Paulo explica em Romanos 5:1-2 que, justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. É através desta fé que acessamos a graça em que agora estamos firmes. Em Efésios 2:8-10, ele esclarece: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas."

A Cruz Como Identidade

Viver à luz da cruz de Cristo significa ver nossa identidade e propósito através do prisma de Sua morte e ressurreição. Diariamente, tomamos nossa cruz, negando a nós mesmos e seguindo a Cristo, porque sabemos que nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Colossenses 3:3). Este ato diário de tomar a cruz é um ato de contínua entrega e transformação, onde, pela fé, reconhecemos que nossa velha natureza foi crucificada com Cristo, e agora vivemos pela fé no Filho de Deus.

Tomar a cruz diariamente é um chamado para uma vida de fé e sacrifício contínuos, onde nos identificamos com Cristo em Sua morte e ressurreição. Esta identificação nos transforma e nos capacita a viver de maneira que glorifique a Deus. Que possamos, dia após dia, tomar nossa cruz, negar a nós mesmos e seguir fielmente a Cristo, crendo que a cruz de Cristo é também a nossa cruz e que através dela somos feitas novas criaturas, vivendo pela fé no Filho de Deus.

4.3 SIGA-ME

Mais uma vez atestamos a coerência da convocação de Jesus. Uma vez que a cruz deve ser tomada dia a dia, então a experiência cristã implica a companhia constante de Jesus, e não apenas uma decisão no passado. Por esta razão o apóstolo Paulo disse que "se fomos unidos com Ele na semelhança da sua morte, também o seremos na semelhança da sua ressurreição - pois fomos sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os

mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Romanos 6.3,4).

A convocação de Jesus para tomarmos a cruz diariamente não é apenas um chamado simbólico, mas uma instrução essencial para a prática da fé. Assim como um atleta treina diariamente para alcançar a excelência em sua modalidade esportiva, o cristão é chamado a exercitar diariamente sua fé para crescer em maturidade espiritual. Essa prática contínua envolve não apenas lembrar da decisão inicial de seguir a Cristo, mas viver diariamente em comunhão íntima com Ele.

Paulo, em sua epístola aos Romanos, utiliza a analogia do batismo para ilustrar esse conceito. Ao sermos batizados, simbolizamos nossa união com Cristo em Sua morte e ressurreição. Essa união não é estática, mas dinâmica e transformadora. É como se fôssemos plantados juntamente com Cristo na morte para que, assim como Ele foi ressuscitado para uma nova vida, também possamos viver em novidade de vida, renovados pelo poder transformador de Deus.

A vida cristã, portanto, não é apenas uma crença teórica ou uma decisão pontual; é um estilo de vida que se renova a cada dia na presença de Jesus. Assim como uma árvore que, ao longo das estações, cresce, floresce e dá frutos, o cristão, ao permanecer firme na fé e em constante comunhão com Cristo, experimenta um contínuo processo de crescimento espiritual e frutificação.

Portanto, que possamos compreender a profundidade da convocação de Jesus e viver de forma prática e constante, sendo transformados pela Sua presença em nossas vidas e refletindo Seu amor e poder em tudo o que fazemos.

SÍNTESE

O pecado do Homem.

Rebeldia que o afasta de Deus.

Sujeição ao Diabo.

Degeneração da Imago Dei.

A resposta de Deus.

Satisfaz a justiça de Deus.

Vence o império das trevas.

Regenera o ser humano.

A resposta do Homem

Nega a si mesmo por Cristo.

Toma sua cruz.

Segue a Cristo.

CONCLUSÃO

Em última análise, a perfeição humana segundo Deus não é representada por Adão, mas sim por Jesus Cristo. A verdadeira expressão da humanidade em sua plenitude não é encontrada em Adão, mas sim no Cristo ressurreto. Jesus personifica aquilo que Adão deveria ter sido, e por meio de Sua ressurreição, Ele conduz todos os salvos àquilo para o qual sempre foram destinados. Isso é o que significa quando dizemos que Adão é o primeiro homem e Jesus é o segundo homem.

A cruz de Cristo não pode ser simplificada como uma mera solução que Deus oferece para o pecado humano. A cruz de Jesus, seguida por Sua ressurreição, pode ser comparada a um portal pelo qual toda a humanidade transita da condição de Adão, o ser humano caído, para a condição de Cristo, o ser humano em sua plenitude (Romanos 8.28-30).



O NOVO NASCIMENTO

O Novo Nascimento

João 3:5-6; João 3:16; 5:24; 10:10; 11:25;
14:6; 20:30-31; 1João 5:11-12

O Novo Homem

Romanos 8:28-30;
2Coríntios 3:18; 5:17; Gálatas 4:19;
Efésios 4:11-13; Colossenses 1:28-29

A Nova Vida

1Pedro 1:13-16; 2Coríntios 7:1; 1Tessaloni-
censes 4:1-8; 5:23; Hebreus 12:14;
Romanos 6:1-14; Filipenses 2:12-13

1. O NOVO NASCIMENTO

A conversão não é meramente um ato voluntário do ser humano que se rende a Cristo. O novo nascimento é uma obra exclusiva de Deus, pois aquele que nasce de novo, nasce do alto, do Espírito Santo de Deus (João 3.5,6,31).

A mensagem mais básica do Evangelho deixa claro que a salvação que recebemos de Deus é a vida eterna: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho Unigênito para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna! ... E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida" (João 3.16; 5.24; 10.10; 11.25; 14.6; 20.30,31; 1João 5.11,12).

Mas o que é vida? Muitas pessoas entendem a vida eterna como algo após a morte; entretanto, a Bíblia ensina que a comunhão com Jesus nos dá acesso imediato à vida de Deus.

Os gregos usavam duas palavras para descrever a vida: "*bios*", que se refere à vida natural compartilhada por todos os seres vivos, e "*zoé*", a vida espiritual própria de Deus. Quando Jesus falou sobre a necessidade de nascer de novo para entrar no reino de Deus, Ele estava se referindo a ter acesso à vida "*zoé*", a vida de Deus. O primeiro nascimento é biológico, enquanto o segundo é espiritual. Esse novo nascimento espiritual ocorre quando uma pessoa é reconciliada com Deus através do sacrifício de Cristo Jesus (João 3.16).

Ser cristão, portanto, não se limita a crenças e práticas religiosas, mas envolve uma transformação pessoal através da conversão e do novo nascimento, que nos dão acesso à experiência da vida eterna, também chamada pelo apóstolo Pedro de "participação na natureza divina" (2Pedro 1.4). A salvação em Cristo, portanto, é fundamentalmente a

restauração do nosso relacionamento com Deus, no qual o Espírito Santo nos capacita a experimentar cada vez mais a vida abundante encontrada em Jesus.

Mas não basta parecer uma nova pessoa, uma versão melhorada de si mesmo, é necessário de fato morrer para esse mundo e nascer novamente. Por exemplo, imagine alguém que nasceu no Brasil e nutre um desejo intenso de se tornar americano. Essa pessoa investe tempo e esforço para conseguir a naturalização americana e finalmente recebe seu “**green card**”, permitindo-lhe viver nos Estados Unidos. No entanto, apesar de todos esses documentos, no registro de nascimento dessa pessoa ainda está declarado que ela nasceu no Brasil. Isso ilustra que, para ser considerado um americano nativo, é necessário ter nascido em solo americano, assim como para ser verdadeiramente nascido de novo em Cristo, é necessário receber a vida espiritual que Ele oferece.

2. O NOVO HOMEM

Deus está reconstruindo uma nova humanidade a partir de Jesus Cristo (1Coríntios 15.42-49), de modo que o cristão não é apenas uma pessoa que tem seus pecados perdoados, mas é fundamentalmente uma nova criatura, ou nova criação de Deus, um novo homem (2Coríntios 5.17).

A palavra cristão quer dizer "pequeno Cristo". Nada mais verdadeiro para descrever alguém que experimentou o novo nascimento e agora vive predestinado a tornar-se semelhante a Jesus Cristo (Romanos 8.28-30; 2Coríntios 3.18; Gálatas 4.19; Efésios 4.11-13; Colossenses 1.28,29).

Outro ponto importante é que, este novo homem ou nova humanidade não diz respeito apenas ao cristão

individualmente, mas também aos cristãos em unidade com Cristo. Este novo homem é, por assim dizer, um homem coletivo, pois a Bíblia chama a igreja de corpo de Cristo; é como se Cristo e os cristãos formassem um homem, ou uma nova humanidade (Efésios 2.11-22; 1Coríntios 12.12,13).

3. A NOVA VIDA

O processo de transformação pessoal até nos tornarmos semelhantes a Cristo é chamado de santificação. Uma vez identificados com Cristo em sua morte e ressurreição, somos desafiados por Deus a andar em novidade de vida (Romanos 6.3). Esta nova vida em Cristo possui o padrão do caráter de Deus e, portanto, deve ser uma vida santa (1Pedro 1.13-16). E uma vida santa significa a total dedicação a Deus em obediência, pureza e serviço (2Coríntios 7.1; 1Tessalonicenses 4.1-8; 5.23; Hebreus 12.14).

Este processo de santificação pode ser compreendido melhor com duas expressões: POSIÇÃO e CONDIÇÃO. Em termos de nossa POSIÇÃO, conforme já verificamos, nós cristãos estamos em Cristo, e compartilhamos de sua vida divina, mas em termos de nossa CONDIÇÃO, devemos agir diligentemente para nos aprimorarmos e experimentarmos todas as riquezas espirituais que já são nossas em Cristo (Efésios 1.3; 1João 3.2). Leia os textos bíblicos indicados (Romanos 6.1-14; Filipenses 2.12,13; Colossenses 3.1-5) e observe o quadro a seguir:

POSIÇÃO

- Morto com Cristo e vivo para Deus.
- Livre da escravidão do pecado.
- Deus opera em nós.
- Cristo nos libertou.

CONDIÇÃO

- Fazendo morrer a natureza terrena.
- Oferecendo o corpo como escravo da justiça.
- Desenvolvendo a nossa salvação.
- Permanecendo livres.

CONCLUSÃO

A vida cristã não se explica por um conjunto de doutrinas e procedimentos morais, mas sim pelo relacionamento dinâmico com Cristo, sob a ação do Espírito Santo, que naturalmente resulta em um estilo de vida que reflete o caráter e a natureza de Deus.

Por esta razão Jesus iniciou o Sermão do Monte em que descreve a ética do reino de Deus, descrevendo as pessoas bem-aventuradas, para mostrar que somente pessoas transformadas de dentro para fora podem viver de acordo com os padrões de Deus. Nesse caso, a essência da vida cristã está

baseada no novo nascimento, que dá origem ao novo homem que é capaz de experimentar uma nova vida.

REFLETINDO SOBRE O NOVO NASCIMENTO

1. O que é necessário para que uma pessoa participe do reino de Deus? (Jo3.3-6)

2. Qual a diferença essencial entre um cristão e um não cristão?

3. Qual a diferença entre a VIDA “BIOS” e a VIDA “ZOÉ”?

4. O que você entende por NOVO HOMEM COLETIVO, e de que maneira isso afeta a sua vida?

5. O que significa ser santo?

6. Quais as implicações práticas dos conceitos POSIÇÃO e CONDIÇÃO em Cristo?



A IGREJA DE DEUS

A origem da Igreja	Mt 16.13-20; 1 Pd 2.4-7
A composição da Igreja	At 20.28; 1 Co 12.12-13; Ef 2.11-22
A dimensão da Igreja	Mt 16.18; 18.15-17; Rm 16.3-5
A dinâmica da Igreja	1 Co 1.2; 8.19; 12.13-27
O funcionamento da Igreja	Rm 15.14; Gl 6.1-2; Cl 3.16; Tg 5.16

INTRODUÇÃO

Segundo Spurgeon, a primeira coisa que os cristãos originais fizeram, os cristãos dos tempos antigos do início da igreja, foi que: “a si mesmos se entregaram primeiramente ao Senhor e passaram a viver em comunhão”. Nossa membresia na igreja é a coroação da nossa fé em Cristo. Nunca poderemos ser cristãos se nos considerarmos desvinculados da igreja, assim como não podemos ser pessoas e não pertencer a humanidade. Ser membro da igreja é um fato espiritual básico para todos aqueles que confessaram Cristo como Senhor. Não se trata de uma opção para cristãos que são mais gregários ou sociáveis do que outros. Trata-se de uma parte essencial do processo da redenção.

A comunidade cristã do primeiro século exemplifica essa verdade. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e às orações (Atos 2:42). Esse compromisso com a vida comunitária não era superficial ou ocasional, mas um reflexo profundo de sua nova identidade em Cristo. Eles compartilhavam tudo o que tinham, vendiam propriedades e bens para distribuírem o dinheiro conforme a necessidade de cada um (Atos 2:44-45). Isso mostra que a verdadeira comunhão vai além de reuniões semanais; trata-se de um estilo de vida sacrificial e exalta a mutualidade.

Assim, a membresia na igreja local não é uma mera formalidade ou uma questão de preferência pessoal. É uma expressão concreta da nossa fé e um reflexo da nossa união com Cristo e com Seu corpo. Quando somos batizados, somos batizados em um corpo (1 Coríntios 12:13), e esse corpo é a igreja. Portanto, ser parte de uma igreja local é uma manifestação visível e tangível da nossa nova vida em Cristo.

A questão, portanto, não é: “Farei parte da comunidade da fé?”, mas sim: **“Como viverei na comunidade da fé?”**. Isso nos desafia a ir além de simplesmente frequentar cultos dominicais. Envolve um compromisso ativo em servir, amar, admoestar e apoiar uns aos outros, conforme instruído nas Escrituras. Vivenciar a vida em comunidade significa praticar os "uns aos outros" da Bíblia: amem uns aos outros (João 13:34), sirvam uns aos outros (Gálatas 5:13), suportem uns aos outros (Colossenses 3:13), e encorajem uns aos outros (1 Tessalonicenses 5:11).

Em resumo, a membresia na igreja local é fundamental para a nossa caminhada cristã. Ela nos proporciona um contexto para crescermos em santidade, exercer nossos dons espirituais, e experimentar a plenitude da vida em Cristo. Ser parte da igreja é viver em comunhão e participar ativamente do corpo de Cristo, refletindo a glória de Deus através de nossas vidas.

Novamente, a questão, portanto, não é: “Farei parte da comunidade da fé? mas sim: Como viverei na comunidade da fé?”.

1. A ORIGEM DA IGREJA

Deus está construindo uma nova humanidade através de Jesus Cristo (Efésios 2.11-22). O novo homem, nova criatura, nova criação de Deus, não é apenas o indivíduo, mas o povo de Deus, o corpo de Cristo, a nova humanidade. Quando Jesus declara que pretende edificar sua igreja, certamente está se referindo a esta nova humanidade (Mateus 16.18).

Na primeira vez em que a palavra grega *ecclesia* (assembleia) é citada com referência à comunidade cristã e o Novo Testamento aponta justamente que veio da boca de Jesus, seguida de três declarações esclarecedoras a respeito da origem e fundamento Igreja (Mt 16.13-20).

1.1."Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, pois não foi carne e sangue que te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus", indicando que a existência da Igreja não se explica pela iniciativa humana, mas pela prerrogativa divina em revelar seus mistérios.

1.2."Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja", que o apóstolo Pedro compreendeu ser uma autorreferência do Senhor Jesus, isto é, a pedra sobre a qual a igreja de Cristo está edificada é o próprio Cristo (1Pedro 2.7).

1.3."Eu edificarei a minha Igreja", onde Jesus assume total responsabilidade pela viabilidade de sua comunidade.

2. A COMPOSIÇÃO DA IGREJA

Todos aqueles que estão "em Cristo" compõem o corpo de Cristo. Em Atos 20.28, o apóstolo Paulo deixa bem claro que a Igreja de Jesus Cristo, é composta por pessoas compradas pelo sangue de Jesus Cristo. Esse mesmo apóstolo, disse que todos os cristãos foram mergulhados pelo Espírito Santo no corpo de Cristo (1Coríntios 12.12,13). E que todos os cristãos são pedras vivas que compõem o templo onde Deus habita pelo Espírito (Efésios 2.20-22; 1Pedro 2.5; Apocalipse 5.9,10).

No dia do Pentecoste, a festa judaica narrada em Atos 2, o apóstolo Pedro pregou o primeiro sermão da era cristã, e

Lucas, o evangelista, disse que *"os que receberam a mensagem de Pedro foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas"*. Aquelas pessoas constituíram a primeira comunidade cristã local, cuja história está narrada em Atos 2.37-47. De acordo com o testemunho de Lucas, podemos dizer que em termos práticos, a igreja de Jesus é composta por pessoas que:

a. Recebem o Evangelho de Jesus Cristo (Atos 2:41)

A verdadeira composição da igreja começa com a aceitação da mensagem do Evangelho. Aqueles que ouviram a pregação de Pedro e aceitaram a mensagem foram batizados. Isso mostra a importância de uma resposta positiva ao chamado de Deus.

b. Arrependem-se de seus pecados e recebem o perdão de Jesus (Atos 2:38)

O arrependimento é um passo crucial na formação da igreja. Pedro exortou os ouvintes a se arrependerem e serem batizados em nome de Jesus Cristo para o perdão dos pecados. Isso reflete a necessidade de uma transformação genuína do coração.

c. Submetem-se ao batismo em nome de Jesus (Atos 2:38, 41)

O batismo é um símbolo de nossa união com Cristo na Sua morte e ressurreição. É um testemunho público da nossa fé e uma entrada formal na comunidade do povo de Deus.

d. Perseveram na doutrina dos apóstolos (Atos 2.42)

A igreja é formada por aqueles que continuam firmes no ensino apostólico, na comunhão, no partir do pão e nas orações. A doutrina apostólica serve como fundamento para a fé e prática da igreja.

e. Reúnem-se regularmente para a celebração do evangelho (Atos 2.42,46,47)

A vida da igreja inclui reuniões regulares para adoração, ensino, comunhão e oração. Isso demonstra o compromisso com a vida comunitária e a adoração a Deus.

f. Assumem voluntariamente um compromisso de unidade de relacionamentos (Atos 2.44,45)

A igreja primitiva é descrita como uma comunidade unida, onde os cristãos tinham tudo em comum e vendiam suas propriedades e bens para distribuir a qualquer um que tivesse necessidade. Isso reflete um profundo compromisso com o bem-estar dos outros e uma demonstração prática de amor e generosidade.

3. AS DIMENSÕES DA IGREJA: UNIVERSAL E LOCAL

A Teologia chegou a um consenso de que todos os cristãos de todos os lugares e tempos compõem a igreja, o corpo vivo de Cristo, sendo chamada de Igreja Universal (católica) (Mateus 16.18; Apocalipse 5.9,10). Esta Igreja Universal se manifesta historicamente por meio das centenas e milhares de comunidades cristãs locais: a igreja em Corinto, na casa de Áquila e Priscila, e assim por diante (Romanos 16.3-5; 1Coríntios 1.2).

Portanto, o Novo Testamento usa a palavra "*ecclesia*" para se referir tanto à igreja universal quanto às igrejas locais (1 Coríntios 8:19). Quando Jesus falou sobre o processo de disciplina na igreja, Ele se referiu à comunidade cristã local, pois seria absurdo pensar que um irmão em pecado seria apresentado à igreja em sua dimensão universal (Mateus 18:15-17).

A Igreja Universal

A Igreja Universal é a soma total de todos os crentes em Cristo, de todos os lugares e de todas as épocas. Ela transcende barreiras geográficas, culturais e temporais, unindo todos os que foram redimidos pelo sangue de Cristo. A Igreja Universal é a noiva de Cristo, aguardando o dia em que será apresentada ao noivo em glória e perfeição (Efésios 5:27).

A Igreja Local

A Igreja Universal se manifesta de maneira tangível e prática através das igrejas locais. Estas são comunidades específicas de crentes que se reúnem regularmente para adorar

a Deus, ouvir a pregação da Palavra, participar das ordenanças (Ceia do Senhor e Batismo), e exercer a disciplina eclesiástica. As igrejas locais são essenciais para a vida cristã, pois é nelas que os crentes podem experimentar a comunhão, a edificação mútua e o serviço conjunto (Hebreus 10:24-25).

A Importância da Comunidade Local

É crucial ressaltar que o Novo Testamento deixa claro que a comunhão com Jesus Cristo implica na identificação com Seu corpo universal, resultando automaticamente na participação comunitária local. Por exemplo, a igreja em Corinto enfrentou muitos desafios, mas Paulo os exortou a permanecerem unidos como um corpo local de crentes (1 Coríntios 1:10).

Atualmente, vivemos numa época em que a tecnologia está integrada à vida das pessoas, sendo usada no trabalho, na escola, em casa e até mesmo nas igrejas. Com o surgimento da pandemia da COVID-19, muitas pessoas tiveram suas rotinas alteradas, começando ou intensificando o trabalho em casa (home office); as reuniões presenciais de trabalho ou estudo foram substituídas por encontros online. Os cristãos também passaram por essa experiência em relação aos cultos, onde vídeos gravados ou ao vivo supriram a necessidade por um tempo considerável.

Limitações da Comunhão Digital

No entanto, é importante destacar que a comunhão digital da igreja não se compara ao ideal, seja para os membros entre si ou para a relação dos membros com Deus. A verdadeira comunhão dos santos ocorre na assembleia dos santos (Hebreus 10:25). Há algo único e insubstituível na

presença física, onde podemos nos encorajar mutuamente, carregar os fardos uns dos outros e experimentar a presença tangível do Espírito Santo em nossa comunidade (Gálatas 6:2).

O Perigo dos "Desigrejados"

Devemos ter cautela em relação ao movimento que surgiu antes da pandemia e está se fortalecendo, que é o movimento dos "desigrejados" (crentes que optam por não se tornarem membros de nenhuma igreja). Este movimento ignora a importância bíblica e teológica da igreja local. A Bíblia nos chama a sermos parte ativa de uma comunidade de fé, a nos submetermos à liderança pastoral e a participarmos na vida comunitária (Efésios 4:11-16). Desconectar-se da igreja local é desconectar-se do plano de Deus para o crescimento e maturidade cristã.

Em resumo, a Igreja Universal e as igrejas locais são dimensões inseparáveis do corpo de Cristo. Nossa fé em Cristo nos une à Igreja Universal, e nossa participação em uma igreja local é a expressão prática dessa união.

4. A DINÂMICA DA VIDA DA IGREJA

A figura usada pelo apóstolo Paulo para descrever a igreja como o corpo de Cristo estabelece um paralelo profundo entre a comunhão histórica dos cristãos e a realidade do corpo humano. Esse paralelo salienta pelo menos três princípios essenciais que devem nortear a vida em comunidade (1 Coríntios 12:13-27).

1. Unidade na Diversidade

Assim como um corpo humano é composto por muitos membros diferentes, cada um com sua função específica, a igreja também é formada por uma diversidade de membros, cada um dotado de dons e talentos únicos. Paulo afirma: "Pois, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo" (1 Coríntios 12:12). Essa diversidade é um reflexo da riqueza da criação de Deus e da variedade de maneiras pelas quais Ele manifesta Sua graça. No entanto, apesar dessa diversidade, todos os membros são unificados pelo Espírito Santo em um só corpo. Essa unidade na diversidade deve levar a uma valorização e respeito mútuos, reconhecendo que cada membro tem um papel vital a desempenhar na edificação do corpo de Cristo.

Exemplo: Pense na variedade de ministérios dentro de uma igreja local – ensino, louvor, evangelismo, intercessão, serviço social. Cada um desses ministérios é vital para o funcionamento saudável da igreja, e cada um depende dos dons e habilidades únicas dos membros.

2. Interdependência e Cooperação

Paulo enfatiza que os membros do corpo de Cristo são interdependentes. Ele escreve: "O olho não pode dizer à mão: 'Não preciso de você!' Nem a cabeça pode dizer aos pés: 'Não preciso de vocês!'" (1 Coríntios 12:21). Cada membro do corpo precisa dos outros para funcionar corretamente. Isso destaca a importância da cooperação e da ajuda mútua dentro

da comunidade cristã. Quando um membro sofre, todos sofrem; quando um membro é honrado, todos se regozijam juntos (1 Coríntios 12:26).

Exemplo: Em uma igreja, isso pode se manifestar através do apoio emocional e espiritual em tempos de dificuldade, como quando um membro enfrenta uma doença grave ou uma crise familiar. A comunidade se une em oração, encorajamento e apoio prático, demonstrando a interdependência do corpo.

3. Mútua Edificação e Crescimento

Cada membro do corpo de Cristo é chamado a contribuir para a edificação do todo. Paulo ensina que os dons espirituais são dados "visando o bem comum" (1 Coríntios 12:7). A edificação mútua ocorre quando os membros utilizam seus dons para servir uns aos outros, promovendo o crescimento espiritual e o fortalecimento da fé. A dinâmica da vida da igreja deve ser orientada pelo amor, que é o caminho mais excelente (1 Coríntios 12:31b; 13:1-13).

Exemplo: Um professor de escola dominical que dedica tempo para preparar lições bíblicas profundas e relevantes está edificando a fé dos alunos. Da mesma forma, um membro que visita os doentes e encoraja os desanimados está contribuindo para a saúde espiritual do corpo.

Portanto, a metáfora do "corpo de Cristo" nos oferece uma visão rica e multifacetada da vida da igreja. A unidade na diversidade, a interdependência e a mútua edificação são princípios que devem guiar nossa vida como igreja. Quando

esses princípios são vividos na prática, a igreja se torna um testemunho poderoso da sabedoria e da graça de Deus, refletindo a beleza do Evangelho em todas as suas facetas. Que Deus nos ajude, como membros do corpo de Cristo, abraçar esses princípios e contribuir para a edificação da igreja e para a glória de Deus.

4. O FUNCIONAMENTO DA IGREJA

Um dos aspectos essenciais de nossa humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, é a vocação para os relacionamentos interpessoais. O mistério da Santíssima Trindade revela que há um único Deus, mas simultaneamente existem três pessoas: Deus é uma unidade perfeita de relacionamentos entre três pessoas que compartilham a mesma essência.

A igreja de Jesus opera a partir de uma rede de relacionamentos interpessoais, ilustrada pela metáfora do corpo vivo (1Coríntios 12.12-31). Nessa metáfora, todos os membros são interdependentes e devem estar em harmonia uns com os outros. Isso não é apenas para a sobrevivência individual, mas principalmente para a preservação e edificação do corpo como um todo.

O Novo Testamento ensina que a rede de relacionamentos entre cristãos implica na mutualidade. Isso é expresso através dos mandamentos recíprocos conhecidos como "uns aos outros", que incluem ajudar uns aos outros, aconselhar uns aos outros, confessar pecados uns aos outros e orar uns pelos outros.

Vejamos como isso funciona na prática:

Princípios da Mutualidade

Ajuda Mútua: Paulo instrui os cristãos a "levarem as cargas uns dos outros" (Gálatas 6:2). Isso significa compartilhar as dificuldades e os desafios, oferecendo apoio prático e emocional em tempos de necessidade.

Exemplo: Quando um membro da igreja enfrenta uma crise financeira, outros membros podem se unir para oferecer apoio financeiro e assistência prática, como ajuda na busca de emprego.

Aconselhamento Mútuo: Em Romanos 15:14, Paulo reconhece que os cristãos são capazes de se aconselharem uns aos outros. Isso implica oferecer orientação e sabedoria baseadas nas Escrituras para ajudar irmãos e irmãs a viverem de acordo com a vontade de Deus.

Exemplo: Um jovem cristão enfrentando decisões importantes sobre carreira e vida pessoal pode buscar conselho de cristãos mais maduros que oferecem orientação baseada na Palavra de Deus.

Confissão de Pecados: Tiago 5:16 encoraja os crentes a "confessarem os seus pecados uns aos outros e orarem uns pelos outros para serem curados." A confissão mútua promove a transparência, a responsabilidade e a cura espiritual dentro da comunidade.

Exemplo: Em um pequeno grupo de discipulado, os membros compartilham suas lutas com pecados específicos e oram juntos por força e libertação, criando um ambiente de apoio e crescimento espiritual.

Oração Mútua: A oração intercessora é um pilar da vida cristã. Orar uns pelos outros fortalece os laços de comunhão e convida a intervenção divina nas situações da vida.

Exemplo: Quando alguém está doente, a igreja se reúne para orar fervorosamente pela sua recuperação, demonstrando cuidado e fé na ação de Deus.

A Saúde da Rede de Relacionamentos

A saúde de uma igreja cristã está diretamente ligada à saúde de sua rede de relacionamentos interpessoais. Quando os membros vivem em amor e apoio mútuo, o corpo de Cristo é fortalecido e cresce em unidade e maturidade espiritual.

Distinção Entre Ministério Pastoral e Ministério dos Pastores

É importante também diferenciar o ministério dos pastores da igreja do ministério pastoral da igreja (1 Tessalonicenses 5:12-14). O ministério dos pastores envolve a liderança, a pregação, o ensino e a orientação espiritual, enquanto o ministério pastoral é o cuidado mútuo que todos os membros da igreja exercem uns para com os outros.

De acordo com o Novo Testamento, uma das tarefas do ministério dos pastores é facilitar a rede de relacionamentos de mutualidade para que a igreja possa desempenhar seu ministério pastoral. Isso acontece quando "todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e se edifica a si mesmo, na medida em que cada parte cumpre a sua função" (Efésios 4:11-16).

CONCLUSÃO

O Senhor Jesus Cristo deixou claro qual seria a experiência espiritual que causaria maior impacto no mundo: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, que também uns aos outros vos ameis. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (João 13.34,35).

Essas palavras de Jesus destacam o amor mútuo como um elemento central e distintivo da vida cristã. Ele não apenas instruiu seus seguidores a amarem uns aos outros, mas também estabeleceu esse amor como um mandamento novo, diferente do amor comum praticado até então.

Esse amor não é apenas um sentimento ou uma emoção passageira, mas uma atitude e um estilo de vida que refletem o amor sacrificial de Cristo por nós. Ele amou de maneira incondicional, demonstrando um amor que vai além de palavras e alcança ações concretas em prol do bem-estar e da edificação do próximo.

O impacto desse amor no mundo é profundo e transformador. Quando os discípulos de Jesus se amam de forma genuína e desinteressada, isso não apenas fortalece a comunidade cristã, mas também testemunha ao mundo sobre a natureza e a realidade do evangelho. É através desse amor prático e visível que as pessoas reconhecem os verdadeiros seguidores de Jesus. Quando cada membro entende e vive seu papel no corpo de Cristo, a igreja se torna um testemunho poderoso da graça e do amor de Deus, crescendo em maturidade e eficácia na missão de fazer discípulos.

Portanto, seguir o mandamento de amar uns aos outros como Jesus nos amou não é apenas uma opção, mas uma marca distintiva da vida cristã autêntica. Esse amor é o



O ESPÍRITO SANTO

O ministério do Espírito Santo

João 14:16-17; 14:25-26; 15:26-27; 16:7-15

O batismo no Espírito Santo

Mateus 3:11-12

O fruto do Espírito

Gálatas 5:22-23

A vida no Espírito

Gálatas 5:16-26

A plenitude do Espírito Santo

Efésios 5:18-21

Os dons do Espírito Santo

Romanos 12:5-8; Efésios 4:11; 1Coríntios 12:14; 1Pedro 4:10-11

As visitasões do Espírito Santo

Mateus 3:16-17; Lucas 10:21; Atos 4:31; 7:55

INTRODUÇÃO

A palavra mais comumente usada pelos escritores do Novo Testamento, para descrever os dons do Espírito, é *charisma*. Essa palavra, entretanto, tem um largo espectro de significados. Cerca de vinte dons são mencionados em conexão com a palavra *charisma*. A enumeração dos dons em Romanos 12 e 1 Coríntios 12 mostra que eles compreendem uma gama abrangente, desde administração de dinheiro até profecia, desde cura de enfermos até o celibato. Geralmente, a palavra se refere a dons específicos que Deus concedeu ao seu povo. Bittlinger define um *charisma* como: “Uma manifestação gratuita do Espírito Santo trabalhando em, e por meio de, mas indo além das habilidades naturais do crente, para o bem comum do povo de Deus”.

É importante observar que as *charismata* mencionadas no Novo Testamento não são apenas os dons espetaculares ou miraculosos operados pelo Espírito; incluídos entre as *charismata* há dons de ensino, encorajamento, liberalidade em doar dinheiro (Rm 12.8), ajuda, administração (1 Co 12.28).

Uma maneira comum de dividir os dons do Espírito é entre **dons miraculosos e não miraculosos**.

Entre os dons não miraculosos estão os dons de ensino, governo e misericórdia.

Entre os miraculosos estão os “dons de cura” (1 Co 12.9), “obra de milagres” (1 Co 12.10); e “falar em diferentes línguas” (1 Co 12.10).

1. O batismo no Espírito Santo

Na igreja contemporânea muito se fala de uma espécie de poder que é recebido pelos cristãos “mais fervorosos”, principalmente após uma experiência espiritual que pode ser tanto pessoal como coletiva, tendo o falar em línguas estranhas sua maior e mais recorrente demonstração. Alguns chamam isso de “Segundo Batismo”, ou “Batismo com fogo”.

Quanto ao batismo com ou no Espírito Santo, a igreja de linha teológica reformada, entende que **a experiência do novo nascimento é descrita como "batismo no Espírito Santo"**, quando uma pessoa é selada com o Espírito, recebe o Espírito Santo (Atos 19.1,2; Romanos 8.9; Efésios 1.13,14), e esse batismo espiritual acontece no exato momento da conversão, do coração, independente de demonstrações externas imediatas. Por esta razão a Bíblia diz que o cristão é o templo do Espírito Santo, ou seja, é habitado pelo Espírito Santo (1Coríntios 3:16; 6:19-20).

O Espírito Santo, entretanto, habita não apenas o cristão individualmente, mas também em todos os cristãos como se fossem uma pessoa somente, por isso a Bíblia diz que no momento que somos batizados no Espírito Santo, somos também integrados ao corpo de Cristo, a unidade de todos os discípulos de Jesus Cristo (1Coríntios 12.12,13). Sendo assim, estes fatos **simultâneos**: selo, penhor, habitação e integração no corpo de Cristo são identificados pela expressão batismo no Espírito Santo. E, considerando que batismo é uma palavra que significa imersão, podemos compreender que o cristão é aquele que foi imerso no Espírito Santo e em quem o Espírito Santo foi igualmente imerso.

2. O Fruto do Espírito Santo

Uma vez em comunhão com o Espírito Santo, a Bíblia nos ensina que devemos buscar sempre sermos cheios do Espírito Santo, isto é, viver na plenitude do Espírito, sendo guiados e totalmente controlados por ele. Esta experiência de ser cheio do Espírito Santo é uma ordem para todos os cristãos e implica um processo de rendição ao Espírito Santo através do qual podemos experimentar mais e mais da vida de Cristo em nós (Gálatas 5.16-18; Efésios 5.18). A grande evidência de que uma pessoa está rendida à influência do Espírito Santo é a manifestação do caráter de Cristo em sua vida. Este caráter foi descrito pelo próprio Senhor Jesus nas Bem-aventuranças (Mateus 5.1-12), e pelo apóstolo Paulo, que o chamou de fruto do Espírito (Gálatas 5.22,23), indicando que não há esforço humano que possa produzir esta qualidade de vida, somente é possível se o Espírito Santo a produzir.

O Processo de Rendição

Ser cheio do Espírito Santo não é um evento isolado, mas um processo contínuo de rendição diária. Esse processo envolve:

Submissão à Vontade de Deus: Colocar nossa vontade sob a vontade soberana de Deus, buscando Sua direção em todas as áreas de nossa vida.

Exemplo: Um cristão que enfrenta uma decisão difícil no trabalho ora e busca a orientação de Deus, entregando suas próprias ambições e desejos à vontade divina.

Obediência à Palavra de Deus: Viver em conformidade com os ensinamentos bíblicos, permitindo que a Palavra de Deus molde nosso comportamento e atitudes.

Exemplo: Ao ler sobre o perdão nas Escrituras, um cristão escolhe perdoar alguém que o ofendeu, mesmo que isso seja contrário aos seus sentimentos naturais.

Dependência do Espírito Santo: Reconhecer nossa incapacidade de viver uma vida cristã vitoriosa por nossas próprias forças e confiar na capacitação do Espírito Santo.

Exemplo: Em momentos de tentação, um cristão ora pedindo força ao Espírito Santo para resistir e viver de acordo com os padrões de Deus.

A Manifestação do Fruto do Espírito

O fruto do Espírito é a evidência tangível da obra do Espírito Santo em nossa vida, caracterizada por várias qualidades: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gálatas 5:22-23).

Amor: ou "*ágape*" no grego, é a essência do caráter de Deus e a base de todos os outros aspectos do fruto do Espírito. É um amor sacrificial, incondicional e altruísta, refletindo o amor de Cristo pela humanidade, que invariavelmente levará o cristão a dedicar tempo e recursos para ajudar os necessitados, sem esperar nada em troca.

Uma referência bíblica sobre o amor está em João 13:34-35: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.”

Segundo o grande teólogo Jonathan Edwards: “O amor é o principal fruto do Espírito e é a raiz de todos os outros frutos.”

Alegria: A palavra grega *chara*, traduzida por “alegria”, é a alegria fundamentada num relacionamento consistente com Deus. Não é a alegria que provém das coisas terrenas ou triunfos passageiros, nem mesmo é a alegria de triunfar sobre um rival; antes, é o gozo que tem Deus como seu fundamento²

Uma alegria profunda e duradoura, independente das circunstâncias em que um cristão se encontra sempre mantém uma atitude de gratidão e contentamento, mesmo em meio a dificuldades sejam elas financeiras, saúde ou quaisquer outras.

Martyn Lloyd-Jones disse: “A alegria é a resposta natural ao amor e à graça de Deus; é a emoção que flui naturalmente da fé.”

E J.I. Packer afirmou que: “A verdadeira alegria cristã é um presente do Espírito, uma marca distintiva da vida em Cristo.”

Paz: A palavra grega *eirene*, traduzida por “paz”, refere-se fundamentalmente à paz com Deus.³ Uma

² Hernandes Dias Lopes, *Gálatas: A Carta da Liberdade Cristã*, 1ª edição., Comentários Expositivos Hagnos (São Paulo, SP: Hagnos, 2011), 249.

³ Hernandes Dias Lopes, *Gálatas: A Carta da Liberdade Cristã*, 1ª edição., Comentários Expositivos Hagnos (São Paulo, SP: Hagnos, 2011), 249.

tranquilidade e serenidade interior que transcende as situações adversas, significa não apenas ausência de problemas, mas, sobretudo, a consciência de que nossa vida está nas mãos de Deus. Um cristão que confia na providência de Deus durante uma crise de saúde e permanece calmo e esperançoso. É uma paz que excede todo entendimento pois vem do alto.

Charles Spurgeon disse certa vez: “A paz de Deus é a joia mais preciosa que o Espírito Santo deposita no coração do crente.”

Filipenses 4:7: “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.”

João 14:27: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”

Paciência: A palavra grega *makrothumia*, traduzida por “longanimidade”, significa ânimo espichado ao máximo. A capacidade de suportar provações e lidar com pessoas difíceis com uma atitude de longanimidade. Descreve o homem que, tendo condições de vingar-se, não o faz. É visto em um cristão que responde com calma e compreensão quando é tratado injustamente no trabalho.

John Owen disse: “A paciência é uma virtude do Espírito, uma manifestação da graça de Deus que nos capacita a esperar e confiar Nele em todas as circunstâncias.”

Romanos 5:3-4: “E não somente isso, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação

produz a perseverança; e a perseverança, a experiência; e a experiência, a esperança.”

Amabilidade/Benignidade: A palavra grega *crestotes*, traduzida por “benignidade”, significa gentileza. Uma disposição de ser gentil e benevolente com os outros, refletindo a gentileza de Cristo. Deve ser comum ao cristão ter sempre uma palavra encorajadora e um gesto amável para os que estão ao seu redor.

Thomas Watson: “A amabilidade é um fruto do Espírito que adorna o cristão, tornando-o uma bênção para os outros.”

Efésios 4:32: “Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.”

Bondade: A palavra grega *agathosyne*, traduzida por “bondade”, refere-se à bondade como um princípio ativo. Ela é a disposição para fazer o bem, um reflexo da natureza moral de Deus e da sua benevolência em nossas vidas. A bondade pode reprovar, corrigir e disciplinar, Jesus mostrou *agathosyne* quando purificou o templo e expulsou os cambistas que o transformaram em um mercado. Na prática são atos generosos e compassivos.

John Bunyan: “A bondade é a atividade do amor; é o amor em ação, procurando o bem dos outros.”

Romanos 12:21: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.”

Fidelidade: A palavra grega *pistis*, traduzida por “fidelidade”, significa fé, lealdade. Descreve a pessoa que é digna de confiança o que implica lealdade e constância em nossos compromissos com Deus e com os outros, sendo uma expressão da nossa confiança em Deus. É perceptível num cristão que mantém sua palavra e é confiável em suas promessas e deveres.

Francis Schaeffer disse que “A fidelidade é a prova de nossa fé; é a perseverança em seguir a Deus em todas as circunstâncias.”

Mateus 25:21: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.”

Mansidão: A palavra grega *prautes*, traduzida por “mansidão”, significa dócil submissão. É poder sob controle. Uma humildade e brandura de espírito que não busca a autoafirmação, refletindo a atitude de Cristo, que é manso e humilde de coração. Um cristão que, ao ser criticado, deve responder com humildade e reflexão em vez de defensividade.

João Calvino: “A mansidão é uma disposição do Espírito que nos leva a submeter-nos a Deus e a tratar os outros com humildade.”

Mateus 5:5: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.”

Domínio Próprio: A palavra grega *egkrateia*, traduzida por “domínio próprio”, significa autocontrole, a capacidade de controlar nossos próprios desejos e impulsos.

Exemplo: Um cristão que resiste à tentação de indulgências prejudiciais, como no excesso de ingestão de comida, bebida ou entretenimento. De fazer justiça com as próprias mãos.

Segundo Richard Baxter “O domínio próprio é a capacidade de governar nossos apetites e paixões, mantendo-nos firmes na disciplina cristã.”

2 Pedro 1.5-7 “Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade; à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor.”

3. Os dons do Espírito Santo

Os dons do Espírito Santo são capacidades concedidas pelo Espírito aos cristãos para a edificação do corpo de Cristo. Eles são variados e distribuídos conforme a vontade do Espírito para o bem comum.

Considerando que os cristãos são habitados pelo Espírito Santo tanto individual quanto coletivamente, “*a cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum*” (1Corintios 12.7). Estas manifestações do Espírito Santo na comunidade dos cristãos são chamadas de dons espirituais ou dons do Espírito, através dos quais todos os cristãos se abençoam mutuamente para que experimentem mais e mais o caráter de Cristo, o fruto do Espírito, a qualidade

da vida com Deus. A Bíblia apresenta várias listas de dons espirituais, como vemos em Romanos 12:5-8, 1 Coríntios 12:8-10 e 1Coríntios 12:28-30; 1Coríntios 14 e Efésios 4:11-16).

Não há crente sem dom nem crente com todos os dons (12.29–31)

De acordo com 1Coríntios 12 a 14, o maior texto bíblico a respeito deste assunto, podemos afirmar que:

1. Todos os cristãos possuem dons espirituais (12.7)
2. O Espírito Santo de Deus é quem determina quando, como e através de quem se manifesta (12.11)
3. Os dons espirituais existem para beneficiar a comunidade cristã como um todo (12.7)
4. Não existe uma hierarquia de dons espirituais, sendo todos igualmente importantes (12.21-25), mas nem todos são circunstancialmente relevantes (12.28; 14.1)
5. Os dons espirituais devem ser exercidos na dinâmica do amor fraternal (13.1-13)
6. Os dons espirituais devem ser exercidos com decência e ordem, de modo que seus propósitos de benefícios para toda a comunidade não sejam desvirtuados (14.33,40)
7. Os cristãos devem buscar conhecer e experimentar as manifestações do Espírito Santo na vida em comunidade (12.31).

Aqui está uma tabela com os dons do Espírito Santo apresentados na Bíblia e suas respectivas passagens:

DOM	PASSAGEM BÍBLICA
Profecia	Romanos 12:6; 1 Co 12:10
Serviço	Romanos 12:7
Ensino	Romanos 12:7
Exortação	Romanos 12:8
Contribuição	Romanos 12:8
Liderança	Romanos 12:8
Misericórdia	Romanos 12:8
Sabedoria	1 Coríntios 12:8
Conhecimento	1 Coríntios 12:8
Fé	1 Coríntios 12:9
Dons de Curar	1 Coríntios 12:9
Operação de Milagres	1 Coríntios 12:10
Discernimento de Espíritos	1 Coríntios 12:10
Variedade de Línguas	1 Coríntios 12:10
Interpretação de Línguas	1 Coríntios 12:10
Apóstolos	1 Coríntios 12:28; Ef 4:11
Profetas	1 Coríntios 12:28; Ef 4:11
Mestres	1 Coríntios 12:28; Ef 4:11
Milagres	1 Coríntios 12:28
Curas	1 Coríntios 12:28
Ajuda	1 Coríntios 12:28
Administração	1 Coríntios 12:28
Evangelistas	Efésios 4:11
Pastores e Mestres	Efésios 4:11

Kistemaker sugere a divisão dos dons em três grupos:

1. Pedagógicos: Sabedoria e conhecimento.

2. Sobrenaturais: Fé, curas, milagres.

3. Comunicativos: Profecia, espírito de discernimento, línguas, interpretação de línguas

1. SABEDORIA

"Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria;"

1 Coríntios 12:8

O dom de sabedoria é o primeiro dos dons pedagógicos, é uma capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo que permite a uma pessoa aplicar os princípios divinos em situações práticas da vida. Este dom vai além do mero conhecimento intelectual ou erudição; trata-se da habilidade de aplicar a verdade divina de maneira que glorifique a Deus e edifique a igreja.

Essa capacidade de aplicar o conhecimento de Deus em situações práticas capacita os cristãos a fornecerem conselhos sábios que são direcionados pelo Espírito Santo e que promovem a paz e a justiça. Calvino, em suas **Institutas da Religião Cristã**, fala sobre a sabedoria como uma percepção que une conhecimento de Deus com a santidade prática.

Essa sabedoria divina é apresentada na Bíblia na profecia de Isaías, de que o Espírito da sabedoria descansaria sobre o Messias (11.2) foi cumprida em Jesus, que cresceu em sabedoria (Lc 2.52). A promessa de Jesus de dar sabedoria divina a seus discípulos foi exemplificada no caso de Estêvão, que foi cheio com sabedoria e o Espírito (At 6.10). E, finalmente, Tiago diz a seus leitores que se alguém tem falta de sabedoria ele ou ela deverá pedir a Deus, que a dá generosamente sem fazer censuras (Tg 1.5). Os crentes, então,

podem pedir com fé a sabedoria, e Deus há de honrar seus pedidos. (Kistemaker, 2014)

Esse dom é muito útil no aconselhamento de decisões importantes na vida pessoal e na igreja. Mediação de conflitos e reconciliação. Conduzir discussões teológicas e doutrinárias.

Características do Dom de Sabedoria:

Capacidade de distinguir entre o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, especialmente em questões espirituais e morais. Habilidade de oferecer orientação prática e piedosa em situações complexas e difíceis. Capacidade de ensinar as Escrituras de maneira que sejam compreendidas e aplicadas corretamente na vida dos ouvintes. Habilidade de tomar decisões justas e sábias que refletem a vontade de Deus, mesmo em circunstâncias desafiadoras.

Os líderes e pastores que possuem o dom de sabedoria são capazes de guiar a igreja em conformidade com os princípios bíblicos, evitando armadilhas espirituais e promovendo a saúde espiritual da comunidade. Pastores e conselheiros cristãos utilizam o dom de sabedoria para ministrar às necessidades emocionais e espirituais dos membros da igreja, oferecendo soluções bíblicas para problemas pessoais. Educadores e teólogos com o dom de sabedoria podem desenvolver currículos e materiais de ensino que são profundamente enraizados na Escritura e aplicáveis às realidades da vida contemporânea. Crentes com o dom de sabedoria são frequentemente consultados por amigos e familiares para conselhos sobre decisões importantes e questões morais.

Exemplos:

- Um pastor da igreja pode discernir que uma nova doutrina apresentada não está alinhada com as Escrituras e, com sabedoria, aconselha a congregação a rejeitá-la.
- Uma pessoa dotada de sabedoria pode aconselhar um casal em crise matrimonial, aplicando princípios bíblicos para restaurar o relacionamento.
- Um professor de escola dominical com o dom de sabedoria pode explicar uma passagem bíblica de forma que seus alunos vejam como aplicá-la em suas vidas diárias.
- Um líder da igreja pode ser guiado pelo Espírito Santo para tomar uma decisão difícil sobre um ministério da igreja, resultando em crescimento espiritual e unidade.
- Durante uma crise financeira, um pastor com o dom de sabedoria pode aconselhar a congregação a confiar na providência de Deus e a gerir os recursos com prudência, sem comprometer a obra missionária.
- Uma jovem lutando com depressão pode receber aconselhamento sábio que a ajuda a entender sua identidade em Cristo e a encontrar esperança e cura na Palavra de Deus.
- Um professor de seminário pode criar um curso que combina teologia sistemática com ética prática, ajudando os futuros pastores a aplicar a doutrina em suas congregações.
- Um empresário cristão pode buscar o conselho de um amigo sábio antes de fazer uma parceria comercial, garantindo que a decisão seja moralmente correta e benéfica a longo prazo

Conclusão

O dom de sabedoria é uma dádiva preciosa do Espírito Santo, essencial para a edificação da igreja e a glorificação de Deus. Ele capacita os crentes a viverem de maneira piedosa e a ajudarem outros a fazerem o mesmo. Em um mundo complexo e muitas vezes confuso, a sabedoria divina proporciona clareza, direção e propósito, fundamentados na verdade eterna das Escrituras.

2. CONHECIMENTO

"a outro, a palavra de conhecimento, mediante o mesmo Espírito;"

1 Coríntios 12:8

O dom de conhecimento é uma capacitação sobrenatural conferida pelo Espírito Santo que permite a uma pessoa compreender profundamente as verdades de Deus e das Escrituras. Este dom envolve a habilidade de saber e proclamar informações espirituais e teológicas que não poderiam ser conhecidas por meios naturais, permite ao cristão discernir situações e compreender as Escrituras de uma maneira que vai além do ensino comum. Ele é essencial para a edificação da igreja, pois proporciona uma compreensão mais profunda da Palavra de Deus e da vontade divina.

Herman Bavinck, em sua Teologia Sistemática Reformada, destaca a importância do conhecimento de Deus para a fé cristã e a vida piedosa.

Características do Dom de Conhecimento:

Capacidade de compreender e explicar as verdades bíblicas de maneira profunda e precisa. Habilidade de discernir entre doutrinas verdadeiras e falsas, protegendo a igreja de heresias. Capacidade de ensinar e instruir outros em princípios espirituais e teológicos, promovendo o crescimento espiritual. Habilidade de aplicar o conhecimento bíblico de forma prática na vida diária dos crentes. Pregadores e professores com o dom de conhecimento são capazes de comunicar as verdades bíblicas de maneira clara e profunda, alimentando espiritualmente a congregação. Líderes de discipulado utilizam o dom de conhecimento para instruir novos crentes e ajudá-los a crescerem em sua fé, compreendendo os fundamentos da doutrina cristã. Apologetas com o dom de conhecimento defendem a fé cristã, respondendo a objeções e explicando a fé de maneira racional e bíblica. Crentes com este dom podem ajudar a resolver questões e dilemas teológicos que surgem dentro da igreja, fornecendo clareza e direção.

- Um pregador com o dom de conhecimento pode expor uma passagem bíblica complexa de forma que a congregação compreenda claramente o significado e a aplicação prática.
- Durante uma controvérsia teológica, um presbítero da igreja com o dom de conhecimento pode identificar e refutar ensinamentos que não estão de acordo com a Palavra de Deus.
- Um professor de escola dominical pode explicar doutrinas complexas de maneira acessível, ajudando os alunos a crescerem em sua compreensão e fé.

- Um conselheiro cristão pode usar o conhecimento das Escrituras para ajudar alguém a enfrentar desafios pessoais, oferecendo soluções baseadas na Bíblia.
- Durante um sermão, um pastor com este dom pode expor as nuances teológicas de uma passagem, proporcionando uma compreensão mais rica e profunda da Palavra de Deus.
- Um mentor discipulando um novo crente pode explicar doutrinas essenciais como a Trindade e a justificação pela fé, ajudando o discípulo a firmar sua fé.
- Em um debate com um cético, um apologeta pode usar seu profundo conhecimento das Escrituras para refutar argumentos contra a existência de Deus e a veracidade do cristianismo.
- Durante uma reunião de líderes, alguém com o dom de conhecimento pode trazer à tona passagens bíblicas relevantes que ajudam a resolver um problema doutrinário ou prático.

Conclusão

O dom de conhecimento é uma ferramenta vital para a igreja, permitindo uma compreensão mais profunda das Escrituras e da vontade de Deus. Ele não apenas enriquece a vida espiritual dos crentes, mas também protege a igreja de erros e guia a comunidade na verdade. Em um mundo onde a verdade é frequentemente distorcida, o dom de conhecimento proporciona uma âncora firme na Palavra de Deus, promovendo a saúde espiritual e a unidade da igreja.

3. PROFECIA

"Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé."

1 Coríntios 12:10

Segundo Calvino, profecia é aquele dom singular e selecionado de desvendar a vontade secreta de Deus, de modo que o profeta é, por assim dizer, o mensageiro entre Deus e o homem.

Então podemos dizer que o dom de profecia é a habilidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo para comunicar de maneira inspirada as mensagens da parte de Deus para a edificação, exortação e consolação do povo de Deus (1 Coríntios 14:3). Profecia não se restringe apenas a prever eventos futuros, mas também a proclamar a vontade de Deus e a verdade das Escrituras com poder e clareza. Os profetas devem falar conforme a fé e ser discernidos pela comunidade para garantir que suas palavras estejam alinhadas com as Escrituras (1 Tessalonicenses 5:20-21). Quanto a importância da verificação da veracidade da profecia retorno a João Calvino que disse em seus comentários sobre as Epístolas Paulinas, onde enfatiza que o dom de profecia deve ser sempre julgado e avaliado à luz das Escrituras, sendo sua função principal a edificação da igreja. Outro expoente da fé cristã, Martyn Lloyd-Jones, um proeminente pregador reformado do século XX, também sublinhou a importância de distinguir entre a inspiração canônica das Escrituras e o dom

de profecia na igreja, que deve sempre estar em conformidade com a Palavra de Deus.

Características do Dom de Profecia

A profecia fortalece e constrói a igreja, proporcionando orientação e encorajamento. A profecia admoesta e corrige, chamando os crentes a um arrependimento e vida de santidade. A profecia traz consolo e conforto em tempos de dificuldades e provações. Pregadores com o dom de profecia podem comunicar a Palavra de Deus com um impacto espiritual profundo, aplicando as Escrituras de maneira que toca diretamente o coração dos ouvintes. Conselheiros espirituais com o dom de profecia podem dar orientações precisas e divinamente inspiradas, ajudando os crentes a tomarem decisões sábias. Líderes com o dom de profecia podem receber percepções sobre o futuro da igreja, ajudando a direcionar a congregação de acordo com a vontade de Deus. Intercessores com o dom de profecia podem receber palavras específicas de Deus sobre situações e pessoas, intercedendo de forma mais eficaz e direcionada. Na edificação um servo em uma pequena igreja pode falar sobre a fidelidade de Deus em tempos de escassez, encorajando a congregação a confiar na provisão divina. Para trazer consolo, por exemplo, em um funeral, um profeta pode compartilhar uma mensagem de esperança sobre a vida eterna e a presença contínua de Deus com os enlutados.

Exemplos:

- Durante um culto, um irmão pode falar uma palavra de encorajamento que inspire a congregação a confiar mais plenamente em Deus.
- Um profeta pode alertar a igreja sobre atitudes ou práticas que precisam ser corrigidas para alinhar-se mais estreitamente com a vontade de Deus.
- Em um momento de crise, um profeta pode trazer uma mensagem de esperança que ressurja nos crentes a percepção do cuidado e presença de Deus.
- Durante uma pregação, o pastor pode ser movido pelo Espírito a abordar um tema específico que responde diretamente às necessidades da congregação naquele momento.
- Um conselheiro pode discernir, através da profecia, questões ocultas na vida de alguém e oferecer orientação clara para a solução desses problemas.
- Um líder pode ter uma visão sobre a missão ou ministério específico que a igreja deve iniciar ou desenvolver, guiando a congregação a seguir esse novo caminho com fé e obediência.

- Durante um tempo de oração, um intercessor pode ser levado a orar especificamente por uma pessoa ou situação, recebendo insights sobre como orar.
- Durante uma reunião de líderes, um profeta pode perceber a necessidade de advertir sobre a falta de unidade e incentivar a reconciliação e a comunhão.

Conclusão

O dom de profecia foi vital para a vida da igreja, proporcionando direção, correção, encorajamento e consolo. Este dom, quando exercido corretamente, conforme as Escrituras, trouxe fortalecimento a fé dos crentes e os guiou na verdade e na vontade de Deus, trazendo clareza e confirmação da presença e propósito de Deus para seu povo.

No entanto, é importante destacar que os mistérios de Deus que nos foi comunicado nas Sagradas Escrituras se encerraram no tempo dos apóstolos. Segundo William MacDonald, junto com os apóstolos, os profetas lançaram o fundamento da igreja (Ef 2:20). Apesar de eles próprios não serem o fundamento, lançaram os alicerces por meio de seus ensinamentos acerca do Senhor Jesus. Uma vez formada essa base, não havia mais necessidade de profetas. Seu ministério encontra-se preservado para nós nas páginas do NT. Tendo em vista a Bíblia estar completa, devemos rejeitar qualquer suposto profeta que afirme possuir **revelações adicionais** da parte de Deus.

É importante ressaltar que parte considerável daquilo que é chamado hoje de “profecia” não passa de uma reformulação de textos bíblicos em outras palavras ou um erro

que não se cumpre. Muitas vezes, as “mensagens proféticas” são transmitidas em linguagem extremamente formal, como se Deus não fosse capaz de se comunicar na linguagem de hoje! (MacDonald, 2011)

4. SERVIÇO/MINISTÉRIO

"Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine;"

Romanos 12:7

"Se ministério, dediquemo-nos ao ministério..."

(12.7a). (ARA)

Hernandes Dias Lopes diz que se a profecia envolve demonstrar o amor de Cristo aos homens pela pregação da Palavra; e a *diakonia*, “o dom de serviço”, implica demonstrar o amor de Cristo às pessoas por atos de serviço. Quem tem esse dom é especialmente prestativo. Está sempre atento e disposto a ajudar e servir (Lc 10.40).

O dom de serviço, também conhecido como dom de ministério, é a habilidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo para realizar tarefas práticas com o objetivo de ajudar e apoiar os outros na igreja. Isso inclui uma ampla gama de atividades, desde a administração de recursos e assistência a necessitados, até tarefas específicas como preparar a ceia do Senhor. Este dom reflete a atitude de Cristo, que veio para servir e não para ser servido (Marcos 10:45).

Richard Baxter, um pastor puritano do século XVII, também enfatizou a importância do serviço cristão,

argumentando que o verdadeiro amor ao próximo se manifesta em ações concretas de ajuda e suporte.

Características do Dom de Serviço

Aqueles com o dom de serviço são geralmente humildes e não buscam reconhecimento ou elogios pelo que fazem. Pessoas com o dom de serviço estão sempre prontas para ajudar, muitas vezes se oferecendo voluntariamente antes mesmo de serem solicitadas. Eles realizam suas tarefas com diligência e atenção aos detalhes, garantindo que tudo seja feito corretamente e com excelência.

Pessoas com esse dom muitas vezes são excelentes anfitriões, abrindo suas casas para reuniões de grupos pequenos, oferecendo refeições e criando um ambiente acolhedor. Este dom é vital na organização de eventos, garantindo que tudo funcione sem problemas e que todas as necessidades logísticas sejam atendidas. O dom de serviço também se manifesta em cuidar das instalações da igreja, realizando reparos, limpeza e manutenção geral. Servir nos bastidores de vários ministérios, proporcionando suporte necessário para que eles funcionem de maneira eficaz. Uma mulher com o dom de serviço pode organizar jantares em sua casa para membros da igreja que estão passando por momentos difíceis, oferecendo-lhes conforto e encorajamento.

Exemplos:

- Uma pessoa com este dom pode ser vista limpando a igreja ou organizando eventos sem esperar qualquer reconhecimento público.

- Alguém com o dom de serviço pode perceber que há uma necessidade de transporte para idosos e prontamente se oferece para levar os membros mais velhos da igreja aos cultos.
- Uma pessoa com o dom de serviço pode ser encarregada de preparar as refeições para eventos da igreja e faz isso com grande cuidado, garantindo que todos sejam bem atendidos.
- Alguém com este dom pode organizar uma recepção calorosa para visitantes e novos membros, fazendo-os sentir-se bem-vindos e parte da comunidade.
- Durante um retiro de igreja, uma pessoa com o dom de serviço pode ser responsável por coordenar transporte, alojamento e alimentação, assegurando que o evento seja bem-sucedido.
- Alguém com este dom pode dedicar seu tempo para consertar coisas na igreja, pintar paredes ou realizar outras tarefas de manutenção que são necessárias.
- Durante o culto, uma pessoa com o dom de serviço pode estar preparando materiais para a escola dominical ou auxiliando na preparação dos elementos da Santa Ceia.
- Uma pessoa com o dom de serviço pode ser responsável pela logística de um evento de evangelismo, garantindo que todos os equipamentos e recursos necessários estejam disponíveis e funcionando corretamente.

- Uma equipe de pessoas com o dom de serviço pode se reunir regularmente para limpar e manter o prédio da igreja, assegurando que o ambiente seja acolhedor e bem cuidado para todos que entram.

Conclusão

O dom de serviço é fundamental para o corpo de Cristo, permitindo que a igreja funcione de maneira eficaz e harmoniosa. Aqueles com este dom demonstram o amor de Cristo através de ações práticas, atendendo às necessidades dos outros e proporcionando suporte essencial para outros ministérios. Em uma cultura que muitas vezes valoriza o reconhecimento e o destaque, o dom de serviço nos lembra da importância da humildade e do sacrifício em nossas vidas cristãs. É através deste serviço dedicado e muitas vezes invisível que a igreja é edificada e o amor de Cristo é manifestado de forma tangível.

5. ENSINO

"Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine;"

Romanos 12:7

O dom de ensino é a capacidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo para explicar e aplicar as Escrituras de maneira clara e eficaz. Mestres na igreja são chamados a estudar diligentemente a Palavra de Deus e a comunicar suas verdades de forma que promova a compreensão e a maturidade espiritual dos ouvintes (2 Timóteo 2:15). Este

dom é essencial para a edificação da igreja, pois através dele, os crentes são instruídos na doutrina correta e capacitados a viver de acordo com as Sagradas Escrituras.

Martin Lloyd-Jones, o renomado pregador reformado do século XX, também sublinhou a importância do ensino expositivo da Bíblia, defendendo que a pregação e o ensino da Palavra de Deus são os meios principais pelos quais o Espírito Santo santifica os crentes.

Características do Dom de Ensino

Aqueles com o dom de ensino possuem a capacidade de comunicar verdades complexas de maneira clara e acessível. Pessoas com este dom são comprometidas com a exatidão e a fidelidade à Palavra de Deus, evitando interpretações errôneas ou distorcidas. Eles não apenas explicam as Escrituras, mas também mostram como aplicar essas verdades na vida diária dos cristãos. Este dom é frequentemente visto nos pastores que pregam expositivamente, explicando e aplicando sistematicamente as Escrituras. Este dom também é vital para professores de escolas dominicais, líderes de pequenos grupos e instrutores de novos membros. Aqueles com o dom de ensino são eficazes em discipular outros, guiando-os no crescimento espiritual e no entendimento das Escrituras. Autores cristãos com o dom de ensino escrevem livros, artigos e materiais de estudo bíblico que instruem e edificam o corpo de Cristo.

Exemplos:

- Um professor de escola dominical pode explicar doutrinas complexas como a Trindade de uma forma que as crianças possam entender.

- Um pregador com o dom de ensino prepara seus sermões com diligência, estudando o contexto histórico e gramatical das passagens para garantir uma exposição fiel.
- Um líder de estudo bíblico pode ensinar sobre o fruto do Espírito e, em seguida, discutir maneiras práticas de cultivar essas virtudes no cotidiano dos participantes.
- Um pastor pode pregar uma série de sermões sobre o livro de Efésios, explicando cada passagem em detalhes e aplicando suas verdades à vida da congregação.
- Um professor de escola dominical usa seu dom para criar lições envolventes que ajudam as crianças a compreenderem e amar a Bíblia.
- Um mentor pode usar seu dom para orientar um novo crente, explicando as doutrinas básicas da fé e ajudando-o a desenvolver uma vida devocional consistente.
- Um autor com o dom de ensino pode escrever um comentário bíblico acessível que ajuda leigos a entenderem melhor as Escrituras.
- Na Pregação Expositiva podemos ver esse dom através de um pastor que prega expositivamente, explicando versículo por versículo, ajudando a congregação a entender a Palavra de Deus por completo.

- Em um Estudo Bíblico o líder de estudo bíblico ensina utilizando referências cruzadas e contextos históricos para aprofundar o conhecimento dos participantes.
- Durante uma Escola Bíblica Dominical um professor desenvolve uma série de estudos sobre as parábolas de Jesus, ajudando os membros a verem a relevância das histórias bíblicas para suas vidas.

Conclusão

O dom de ensino é fundamental para a saúde espiritual e doutrinária da igreja. Aqueles que possuem este dom desempenham um papel crucial na comunicação das verdades bíblicas, ajudando os crentes a crescerem em conhecimento e piedade. Em um mundo onde a verdade muitas vezes é relativizada, o dom de ensino garante que a igreja permaneça firmemente enraizada na Palavra de Deus, capacitando os crentes a viverem vidas que glorificam a Cristo. Através deste dom, a igreja é edificada, protegida contra falsas doutrinas e equipada para cumprir a Grande Comissão.

6. EXORTAÇÃO

"...ou o que exorta faça-o com dedicação...;"

Romanos 12:8 (ARA)

O dom de exortação no grego *παρακαλῶν*, também conhecido como encorajamento, é a capacidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo para consolar, aconselhar e animar

os crentes em sua caminhada com Cristo. Esse dom é essencial para a edificação da igreja, pois ajuda a fortalecer a fé dos membros. Essa exortação pode incluir conforto em tempos de tristeza, correção em tempos de erro, e incentivo para perseverar na fé (Hebreus 10:24-25).

Jerry Bridges, em seu livro **Exercita-te na piedade** discute a importância da exortação na vida cristã. Ele argumenta que encorajar uns aos outros é essencial para o crescimento espiritual e para manter o foco na santidade. Bridges vê a exortação como uma ferramenta vital para ajudar os crentes a vencerem o pecado e a crescer em graça.

Características do Dom de Exortação

Aqueles com o dom de exortação possuem a capacidade de consolar os que estão aflitos, ajudando-os a encontrar paz e esperança em meio às provações. Eles são capazes de dar conselhos sábios e práticos, orientando os crentes em decisões difíceis e em tempos de incerteza. Pessoas com este dom inspiram os outros a seguir em frente na fé, a superar obstáculos e a viver vidas que glorificam a Deus. A exortação também inclui a capacidade de corrigir e admoestar os irmãos em amor, ajudando-os a abandonar o pecado e a buscar a santidade. Pregadores com o dom de exortação são capazes de desafiar a congregação a viver de acordo com os ensinamentos bíblicos, encorajando-os a aplicar a Palavra de Deus em suas vidas diárias. Mentores e discipuladores usam o dom de exortação para encorajar novos crentes a crescerem na fé e a se tornarem discípulos maduros de Cristo. Conselheiros cristãos aplicam o dom de exortação para oferecer orientação e encorajamento em sessões de aconselhamento, ajudando os aconselhados a encontrar

soluções bíblicas para seus problemas. Líderes e voluntários usam a exortação para motivar e mobilizar a igreja em projetos de serviço e missões.

Exemplos:

- Um membro da igreja visita regularmente aqueles que estão doentes ou em luto, oferecendo palavras de conforto e orações de encorajamento.
- Um diácono ajuda um jovem casal a lidar com desafios no casamento, oferecendo conselhos bíblicos e orando por eles.
- Um pregador usa sua habilidade de exortação para motivar a congregação a se envolver mais ativamente no evangelismo e no serviço do Reino.
- Um amigo cristão confronta com amor outro membro da igreja que está se desviando, incentivando-o a se arrepender e a voltar para o caminho correto.
- Um pastor prega sobre a importância do perdão, exortando os membros a perdoarem uns aos outros como Cristo os perdoou.
- Um discipulador encoraja seu discípulo a desenvolver uma vida de oração consistente, compartilhando experiências pessoais e orando junto com ele.
- Um conselheiro usa a exortação para ajudar um casal a resolver conflitos, baseando-se em princípios bíblicos de amor e respeito.

- Um líder de ministério de jovens encoraja os adolescentes a participarem de um projeto missionário, destacando a importância de servir e compartilhar o evangelho.
- Um pastor prega um sermão encorajador sobre a fidelidade de Deus, inspirando a congregação a confiar em Deus em tempos de crise.
- Um líder de ministério oferece conselhos bíblicos a um membro da igreja que está enfrentando dúvidas sobre sua fé, encorajando-o a estudar as Escrituras e a orar por clareza.
- Um cristão maduro na fé usa a exortação para animar os participantes a compartilharem suas lutas e a buscarem juntos a cura em Cristo.

Conclusão

O dom de exortação é vital para a vida da igreja, pois fortalece os crentes, promovendo unidade e crescimento espiritual. Aqueles que possuem este dom desempenham um papel crucial em ajudar os membros da igreja a perseverarem na fé e a viverem vidas que glorificam a Deus. Em um mundo cheio de desafios e incertezas, o dom de exortação proporciona a força e o encorajamento necessários para que os crentes continuem firmes no caminho de Cristo, edificando uns aos outros e expandindo o Reino de Deus.

7. CONTRIBUIÇÃO

"Se é contribuir, que contribua generosamente;"

Romanos 12:8 9

O dom de contribuição refere-se à capacidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo para doar recursos financeiros e materiais de maneira generosa e com alegria. Este dom é vital para o sustento da obra de Deus e para o auxílio aos necessitados, refletindo o coração generoso de Deus e promovendo o auxílio e a expansão do Reino de Deus. Aqueles com este dom reconhecem que tudo o que possuem é de Deus e se sentem chamados a usar seus recursos para o avanço do Reino (2 Coríntios 9:7).

Matthew Henry, em seu comentário sobre Romanos, observa que a contribuição generosa é um reflexo da graça de Deus operando no coração dos crentes. Ele destaca que o dom de contribuir não se limita apenas àqueles que têm grandes riquezas, mas inclui todos que, independentemente de sua condição financeira, são movidos pelo Espírito Santo a partilhar o que têm com os necessitados. Henry enfatiza que a verdadeira contribuição é caracterizada por um espírito de liberalidade e compaixão.

Também temos em seus escritos sobre a epístola aos Romanos, Charles Hodge que observa que o dom de contribuição é uma expressão prática do amor cristão. Ele argumenta que aqueles dotados com este dom devem ver suas posses como meios para glorificar a Deus e beneficiar os outros. Hodge destaca que a contribuição não deve ser feita de maneira relutante ou sob compulsão, mas com um coração alegre e disposto, refletindo a graça de Deus que opera em nós.

Características do Dom de Contribuição

Aqueles com o dom de contribuição demonstram uma disposição genuína para dar generosamente, sem relutância ou compulsão, mas com alegria e gratidão. Pessoas com este dom são especialmente sensíveis às necessidades dos outros e estão sempre prontas para ajudar de maneira prática e material. Demonstram habilidade em administrar seus próprios recursos de forma a poder contribuir eficazmente para a obra de Deus. Geralmente, aqueles com o dom de contribuição dão de forma discreta e sem buscar reconhecimento ou aplausos. Confiam na provisão de Deus, sabendo que Ele suprirá todas as suas necessidades, permitindo-lhes ser generosos em suas contribuições conforme Filipenses 4.19 "O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus."

Exemplos:

- Aqueles com o dom de contribuição podem apoiar missionários e projetos missionários, permitindo que o evangelho seja pregado em regiões onde não há recursos suficientes.
- Usam este dom para auxiliar os necessitados dentro e fora da igreja, proporcionando alívio e demonstrando o amor de Cristo de maneira tangível.
- Contribuem para a construção e manutenção de igrejas, escolas cristãs, hospitais e outros ministérios que servem à comunidade.

- Trabalham para reduzir as disparidades econômicas dentro da igreja, ajudando a criar um ambiente onde todos têm suas necessidades básicas atendidas.
- Após encontrar Jesus, Zaqueu demonstrou uma transformação radical ao decidir dar metade de seus bens aos pobres e restituir quadruplicadamente aqueles que ele havia defraudado (Lucas 19:8).
- Em Atos 4:34-35, vemos que os membros da igreja primitiva vendiam suas propriedades e bens, distribuindo o dinheiro conforme a necessidade de cada um, exemplificando uma vida de contribuição generosa e comunitária.

Conclusão

O dom de contribuição é uma expressão tangível do amor e graça de Deus operando através dos crentes. Este dom não apenas supre necessidades materiais, mas também fortalece a unidade e a missão da igreja. Através de uma generosidade voluntária e alegre, aqueles dotados com o dom de contribuição refletem o caráter de Cristo, que se deu completamente por nós.

A compreensão e prática deste dom são fundamentais para a saúde espiritual da igreja e para a propagação do evangelho. Como visto nos exemplos, o impacto do dom de contribuição vai além das necessidades imediatas, promovendo a edificação do corpo de Cristo.

Ao administrar fielmente os recursos que Deus nos confia, seguimos o chamado para viver vidas de generosidade e serviço, demonstrando ao mundo o poder transformador do

evangelho. Portanto, todos os cristãos são encorajados a buscar a plenitude do Espírito Santo, permitindo que Ele nos guie e capacite a contribuir de maneira que glorifique a Deus e beneficie o próximo.

Matthew Henry nos lembra que a verdadeira contribuição é caracterizada por um espírito de compaixão e liberalidade, independente de nossa condição financeira.

Que possamos, então, exercer este dom com diligência e alegria, confiando que Deus suprirá todas as nossas necessidades enquanto nos dedicamos a suprir as necessidades dos outros. Que a nossa generosidade seja um reflexo da graça abundante de Deus em nossas vidas, impactando nossa comunidade e glorificando o nome de Cristo em todas as nossas ações.

8. LIDERANÇA

"se é exercer liderança, que a exerça com zelo;"

Romanos 12:8

O dom de liderança, também conhecido como o dom de administração ou governo, é uma habilidade dada pelo Espírito Santo para guiar, dirigir e inspirar a igreja de maneira eficaz e bíblica. Esse dom é essencial para a saúde e o crescimento da igreja, proporcionando direção e organização conforme a vontade de Deus. Os líderes dotados com este dom possuem uma visão clara, habilidades de organização e um coração de servo, refletindo o caráter de Cristo. Líderes na

igreja sempre devem ser servos, seguindo o exemplo de Cristo, e devem administrar com sabedoria e amor (1 Pedro 5:2-3).

Jonathan Edwards vê a liderança cristã como uma responsabilidade solene que deve ser cumprida com um senso profundo de dever e reverência a Deus. Ele argumenta que líderes espirituais devem ser homens de oração e de profunda comunhão com Deus, capazes de guiar a igreja com discernimento espiritual e autoridade bíblica. Edwards destaca a importância de uma liderança que promove a verdadeira piedade e avivamento na igreja.

Características do Dom de Liderança

Líderes dotados com o dom de liderança são capazes de definir uma visão clara para a igreja e desenvolver estratégias eficazes para alcançar os objetivos ministeriais. Eles ajudam a congregação a entender a missão e os propósitos de Deus, guiando-os em direção ao cumprimento dessa visão. Este dom inclui habilidades para organizar recursos, coordenar atividades e delegar responsabilidades. Líderes eficazes asseguram que os ministérios da igreja funcionem de maneira eficiente e que os dons de todos os membros sejam utilizados para o bem comum, eles inspiram e motivam os membros da igreja a crescerem em sua fé e a servirem com alegria. Eles são exemplos de dedicação e serviço, encorajando outros a seguirem seu exemplo e a se comprometerem com o Reino de Deus.

A liderança envolve tomar decisões sábias e baseadas na Bíblia, muitas vezes em situações desafiadoras. Líderes espirituais buscam a orientação de Deus através da oração e

do conselho de outros líderes maduros, garantindo que suas decisões reflitam a vontade de Deus e o bem-estar da igreja. Lembrando que embora a administração seja uma parte importante da liderança, o cuidado pastoral com a oração e o ministério da Palavra não deve ser negligenciado conforme ensinado em Atos 6.

Exemplos:

- Moisés é um exemplo bíblico clássico de liderança. Ele guiou o povo de Israel durante o Êxodo, tomando decisões difíceis e organizando a vida comunitária conforme as direções de Deus (Êxodo 18:13-27).
- Neemias demonstrou habilidades excepcionais de liderança ao reconstruir os muros de Jerusalém. Ele planejou, organizou e motivou o povo, superando oposição e desafios significativos (Neemias 2:17-20; 4:13-14).
- O apóstolo Paulo exemplificou liderança espiritual ao plantar igrejas, treinar líderes e escrever cartas de instrução e encorajamento. Sua vida e ministério refletem um compromisso profundo com a missão de Deus e o bem-estar da igreja (1 Coríntios 9:19-23; 1 Timóteo 4:12-16).

Conclusão

O dom de liderança é vital para o funcionamento saudável e eficaz da igreja. Líderes dotados pelo Espírito Santo guiam a congregação com sabedoria, zelo e um coração servo, refletindo a natureza de Cristo. À medida que exercem

esse dom, eles capacitam a igreja a cumprir sua missão, edificando o corpo de Cristo e glorificando a Deus em todas as coisas. Que todos nós possamos orar por nossos líderes e apoiá-los, reconhecendo a importância de sua vocação e o impacto duradouro de sua liderança fiel e dedicada.

9. Misericórdia

"se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria."

Romanos 12:8

O dom de misericórdia é uma habilidade dada pelo Espírito Santo para demonstrar compaixão, empatia e amor aos necessitados, aflitos e sofredores. Este dom permite que os crentes expressem a graça de Deus de maneira tangível, aliviando o sofrimento e proporcionando cuidado espiritual e emocional. Pessoas com este dom são sensíveis às necessidades alheias e se movem com ternura e compaixão para atender essas necessidades. Este dom reflete o coração de Deus, que é cheio de misericórdia e compaixão (Lamentações 3:22-23). Jesus exemplificou a misericórdia em Seu ministério terreno, curando os doentes, alimentando os famintos e confortando os aflitos (Mateus 9:36; Marcos 1:41).

Thomas Watson, um dos puritanos, ensina que a misericórdia é uma resposta natural ao recebimento da graça de Deus. Ele enfatiza que, assim como Deus mostrou misericórdia a nós através de Cristo, devemos mostrar misericórdia aos outros. Watson acredita que a misericórdia

cristã deve ser prática e ativa, resultando em ações concretas de cuidado e apoio aos que estão em necessidade.

Características do Dom de Misericórdia

Pessoas com o dom de misericórdia são especialmente eficazes em ministrar aos doentes, proporcionando conforto, através da oração e presença amorosa. Elas refletem o coração de Cristo ao cuidar daqueles que sofrem fisicamente. Este dom permite que os crentes ofereçam suporte emocional e espiritual a aqueles que estão enfrentando dificuldades, como luto, depressão ou crises pessoais. Eles ouvem com empatia, oferecem palavras de encorajamento e oram fervorosamente pelos necessitados. A misericórdia também se manifesta na provisão de necessidades materiais, como alimentação, vestuário e abrigo. Aqueles com este dom mobilizam recursos e organizam esforços para atender às necessidades práticas das pessoas em situações de vulnerabilidade. Líderes com o dom de misericórdia são habilidosos em oferecer aconselhamento pastoral, ajudando indivíduos a encontrar esperança e cura em meio ao sofrimento. Eles utilizam a Palavra de Deus para trazer consolo e direção. Este dom pode ser exercido através de ministérios comunitários da igreja, como missões urbanas, casas de recuperação e programas de ajuda social. Aqueles com o dom de misericórdia lideram e participam ativamente em iniciativas que visam aliviar o sofrimento e promover a dignidade humana.

Exemplos:

- Dorcas (Tabita), é um exemplo bíblico de alguém com o dom de misericórdia. Ela era conhecida por suas boas obras e atos de caridade, especialmente na confecção de roupas para os necessitados (Atos 9:36-39). Sua vida exemplifica a compaixão prática e o serviço abnegado.
- O Bom Samaritano: Na parábola do Bom Samaritano, Jesus ilustra a verdadeira misericórdia através das ações do samaritano que cuidou de um homem ferido e abandonado (Lucas 10:30-37). Este exemplo destaca a importância de agir com compaixão, independentemente das barreiras culturais ou sociais.
- Jesus Cristo é o exemplo supremo de misericórdia. Ele constantemente demonstrou compaixão aos marginalizados, curando os doentes, alimentando os famintos e ministrando aos necessitados. Sua vida e ministério são um modelo para todos os crentes que desejam exercer o dom de misericórdia.

Conclusão

O dom de misericórdia é uma expressão vital do amor de Deus no corpo de Cristo. Aqueles dotados com este dom refletem a compaixão e a graça de Deus através de suas ações de cuidado e suporte aos necessitados. Através da prática da misericórdia, a igreja se torna uma comunidade que encarna o evangelho, promovendo a cura, a esperança e a dignidade humana. Que possamos buscar e exercer este

dom com alegria e dedicação, para a glória de Deus e o bem-estar do Seu povo.

10. FÉ

"a outro, fé, pelo mesmo Espírito;"

1 Coríntios 12:9

O dom de fé é a capacidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo que permite a um cristão ter uma confiança profunda e inabalável em Deus, mesmo em circunstâncias desafiadoras. Essa fé vai além da fé salvadora comum; é uma confiança especial que inspira e fortalece a vida da igreja, motivando ações corajosas e desafiadoras com base na certeza de que Deus cumprirá Suas promessas. O portador desse dom tem uma convicção robusta de que Deus é fiel e capaz de realizar o impossível, o que resulta em uma vida marcada por uma confiança constante em Sua providência e poder.

O dom de fé é a capacidade de confiar em Deus de maneira extraordinária.

R.C. Sproul: Sproul, em sua obra **A Santidade de Deus**, destaca que a fé é essencial para a vida cristã e é um dom que sustenta o crente através das dificuldades. Ele argumenta que a fé não é uma virtude humana, mas um dom que Deus concede para que os crentes possam confiar Nele e viver de acordo com Suas promessas.

Características do Dom de Fé

Aqueles com o dom de fé demonstram uma confiança inabalável em Deus mesmo nas situações mais difíceis. Eles são capazes de enfrentar provações e adversidades com uma certeza firme de que Deus está no controle e que Suas promessas se cumprirão. Este dom inspira ações ousadas e iniciativas que desafiam a lógica humana, mas que são impulsionadas pela confiança em Deus. Exemplos incluem empreender projetos de fé na igreja ou assumir desafios missionários com a certeza de que Deus proverá e abençoará os esforços. Pessoas com o dom de fé frequentemente encorajam outros a confiar em Deus em momentos de dúvida e desespero. Eles oferecem palavras de conforto e esperança baseadas na certeza das promessas divinas, fortalecendo a fé dos que estão ao seu redor.

O dom de fé é frequentemente manifestado em uma vida de oração fervorosa e intercessão. Aqueles que possuem este dom oram com uma confiança profunda de que Deus ouvirá e responderá às suas petições, intercedendo com fé pelos outros.

Pastores e professores com o dom de fé têm a capacidade de ensinar e pregar com uma convicção tão firme na verdade de Deus que inspira outros a desenvolverem uma fé mais profunda e resoluta.

Exemplos:

- George Müller é um exemplo notável de alguém que exerceu o dom de fé em sua vida. Ele fundou orfanatos e confiou completamente na provisão de Deus, nunca fazendo apelos financeiros, mas crendo firmemente que Deus supriria todas as necessidades. Seu ministério é um testemunho da eficácia da fé viva e confiante.
- Hudson Taylor, o missionário para a China, demonstrou um extraordinário dom de fé ao confiar totalmente em Deus para o sustento de seu trabalho missionário. Ele enfrentou muitos desafios e dificuldades, mas sua fé inabalável resultou em uma vasta obra missionária e na transformação de muitas vidas.
- Daniel, na Bíblia, Daniel é um exemplo de fé inabalável. Ele permaneceu fiel a Deus e resistiu às pressões para adorar outros deuses, confiando em Deus para protegê-lo da cova dos leões (Daniel 6). Sua fé sólida e coragem são exemplos claros de como o dom de fé pode ser manifestado em situações extremas.

Conclusão

O dom de fé é uma capacidade essencial dada pelo Espírito Santo que permite aos crentes confiarem em Deus de maneira profunda e inabalável. Aqueles que possuem este dom demonstram coragem, inspiram ações ousadas e encorajam outros a confiar em Deus em meio às dificuldades. A prática deste dom contribui para a edificação da igreja e a realização da obra de Deus no

mundo. Que possamos buscar e exercer este dom com uma confiança firme e uma fé viva, glorificando a Deus em todas as circunstâncias.

11. DOM DE CURAR

"a outro, dons de curar, pelo único Espírito;"

1 Coríntios 12:9

O dom de curar é uma capacidade sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para curar doenças e enfermidades de forma direta e imediata. Este dom é uma expressão do poder de Deus que atua para restaurar a saúde física, emocional ou espiritual dos indivíduos. Ao contrário das práticas médicas comuns, as curas realizadas através deste dom ocorrem de forma **miraculosa e instantânea**, evidenciando a intervenção divina. O dom de curar é usado para manifestar o reino de Deus, trazer alívio e demonstrar a compaixão de Deus para com a humanidade. Este dom pode manifestar-se através de oração e imposição de mãos, dentre outras formas e, sempre deve ser exercido com humildade e para a glória de Deus.

Jesus também exemplificou este dom em Seu ministério terreno. Ele curou muitos que estavam doentes e oprimidos, conforme relatado em passagens como Mateus 4:24: "Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria, e lhe trouxeram todos os que estavam enfermos, com várias

doenças e sofrimentos, endemoninhados, lunáticos e paralíticos; e ele os curou” (NVI).

R.C. Sproul, em sua obra **O que é a Teologia Reformada?** discute os dons espirituais, incluindo o dom de curar, à luz da soberania de Deus. Ele enfatiza que o dom de curar, assim como outros dons espirituais, deve ser exercido de acordo com a vontade e os propósitos de Deus, e não como uma garantia de cura ou um meio para ganho pessoal. Sproul também alerta contra o abuso do dom, destacando a necessidade de discernimento e alinhamento com a Escritura.

Características do Dom de Curar

O dom de curar é frequentemente usado no ministério de oração e na prática de oração por enfermidades. Aqueles que possuem este dom podem ser chamados a orar por pessoas doentes com a expectativa de que Deus possa curá-las miraculosamente e imediatamente. Além de curar fisicamente, este dom também pode trazer consolo e esperança aos que estão passando por doenças graves ou condições de saúde crônicas. A o dom de curar pode ser um poderoso testemunho da compaixão de Deus. O dom de curar pode servir como um sinal para confirmar a mensagem do evangelho, demonstrando o poder e a autoridade de Deus em um contexto missionário ou evangelístico. Aqueles com o dom de curar podem também desempenhar um papel educativo na igreja, ensinando sobre a natureza dos dons espirituais e como buscar a cura de acordo com os princípios bíblicos. Eles devem orientar

outros a entender o dom como um meio para a edificação e não como um fim em si mesmo.

Conclusão

O dom de curar é uma manifestação sobrenatural do Espírito Santo que revela o poder de Deus para restaurar e transformar vidas. Embora frequentemente associado a milagres de cura física, o dom também abrange aspectos emocionais e espirituais da cura. É essencial que o dom seja exercido com discernimento, alinhado com a vontade de Deus e para a edificação da igreja e a glória de Deus.

12. OPERAÇÃO DE MILAGRES

"a outro, poder para operar milagres;"

1 Coríntios 12:10

O dom de milagres é a capacidade sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para realizar feitos extraordinários que transcendem as leis naturais. Este dom manifesta o poder de Deus de maneira visível e poderosa, evidenciando a Sua intervenção direta no mundo. Milagres podem incluir eventos como a ressurreição dos mortos, a multiplicação de recursos, a suspensão das leis naturais, e outras ações sobrenaturais que apontam para a soberania de Deus e a verdade do evangelho.

Este dom serviu para confirmar a mensagem do Evangelho e para demonstrar o poder de Deus de maneira evidente.

Jesus realizou muitos milagres durante Seu ministério terreno, demonstrando Seu poder sobre a natureza, doenças, demônios e até a morte. Por exemplo, em João 2:11, lemos sobre o primeiro milagre de Jesus: “Este sinal miraculoso, em Caná da Galileia, foi o primeiro que Jesus realizou. Revelou assim a sua glória, e os seus discípulos creram nele” (NVI). Além disso, os apóstolos também realizaram milagres como evidência do poder do Espírito Santo operando neles (Atos 5:12): “Muitos sinais e maravilhas eram realizados entre o povo pelas mãos dos apóstolos. Todos costumavam reunir-se no pórtico de Salomão” (NVI).

Wayne Grudem em sua **Teologia Sistemática**, discute os milagres como uma demonstração do reino de Deus. Ele afirma que os milagres não são meramente para maravilhar, mas para servir como sinais do governo de Deus e da chegada de Seu reino. Grudem também destaca que os milagres devem sempre apontar para Cristo e glorificar a Deus, e não o indivíduo através do qual o milagre é realizado. (Grudem, 2015)

Características do Dom de Milagres

O dom de milagres pode ser usado como um poderoso testemunho da presença e poder de Deus. Quando milagres acontecem, eles podem atrair atenção para a mensagem do evangelho e levar pessoas à fé em Cristo. Milagres podem fortalecer a fé dos crentes e edificar a

igreja. Eles servem como lembretes tangíveis de que Deus está ativo e poderoso em meio ao Seu povo.

Em contextos missionários, o dom de milagres pode ser uma ferramenta eficaz para validar a mensagem do evangelho. Milagres podem quebrar barreiras culturais e religiosas, abrindo portas para a pregação do evangelho. Podem trazer consolo e encorajamento a indivíduos que estão enfrentando circunstâncias difíceis. Ver o poder de Deus em ação pode renovar a esperança e a confiança em Deus. Aqueles com o dom de milagres foram especialmente eficazes no ministério de oração e intercessão. Sua fé para ver o impossível realizado pode inspirar e mobilizar outros a orar com mais fervor e expectativa.

Exemplos: (sem contar os feitos diretamente por Jesus em durante seu ministério na terra, pois seriam muitos).

- George Müller é conhecido por sua fé em oração e pela provisão milagrosa para os órfãos sob seu cuidado. Ele confiava plenamente em Deus para suprir todas as necessidades, e muitos relatos de provisões milagrosas atestam a operação do dom de milagres em sua vida.
- Elias e a Viúva de Sarepta (1 Reis 17:8-16). Durante uma grande fome, Elias pediu a uma viúva que compartilhasse sua última refeição com ele. Em resposta à sua fé e obediência, Deus fez com que a farinha e o azeite da viúva não se esgotassem até o fim da fome.

- Elias e o Filho da Viúva (1 Reis 17:17-24). O filho da viúva que acolheu Elias morreu, e Elias orou a Deus para que a vida do menino voltasse. Deus ouviu a oração de Elias, e o menino ressuscitou.
- Eliseu e o Azeite da Viúva (2 Reis 4:1-7). viúva endividada buscou a ajuda de Eliseu. Ele instruiu-a a pegar vasilhas vazias e derramar seu pouco azeite nelas. O azeite continuou a fluir até que todas as vasilhas estavam cheias, permitindo que a viúva pagasse suas dívidas e vivesse do restante.
- Eliseu e a Ressurreição do Filho da Sunamita (2 Reis 4:18-37). filho da mulher sunamita morreu, e ela buscou Eliseu. Eliseu orou e deitou-se sobre o menino, e Deus trouxe o menino de volta à vida.
- Pedro e a Cura do Coxo (Atos 3:1-10). Pedro e João encontraram um homem coxo pedindo esmolas na porta do templo. Pedro disse ao homem para levantar-se e andar em nome de Jesus Cristo, e ele foi imediatamente curado.
- Pedro e a Ressurreição de Tabita (Dorcas) (Atos 9:36-42). Tabita, uma discípula em Jope, adoeceu e morreu. Pedro foi chamado e, após orar, disse: "Tabita, levante-se". Ela abriu os olhos e sentou-se viva.
- Paulo e a Cura de um Homem em Listra (Atos 14:8-10). Listra, Paulo viu um homem paralítico desde o nascimento.

Percebendo que ele tinha fé para ser curado, Paulo disse-lhe para levantar-se, e ele foi curado instantaneamente.

- Paulo e a Ressurreição de Eutico (Atos 20:7-12). Eutico adormeceu durante um sermão de Paulo, caiu de uma janela e morreu. Paulo desceu, deitou-se sobre o jovem e o trouxe de volta à vida.
- Moisés e a Divisão do Mar Vermelho (Êxodo 14:21-22). Moisés estendeu sua vara sobre o Mar Vermelho, e Deus dividiu as águas, permitindo que os israelitas passassem a pé enxuto.

Conclusão

Os dons de milagres, como evidenciado nas Escrituras, mostram o poder soberano de Deus operando através de Seus servos para cumprir Seus propósitos divinos. Os exemplos bíblicos demonstram que Deus é capaz de realizar milagres quando Ele quiser, usando Seus escolhidos como canais para manifestar Sua glória, fortalecer a fé dos crentes e expandir Seu Reino.

No entanto, observamos que os milagres estavam mais concentrados no início da igreja. Este período inaugural do Cristianismo foi marcado por sinais e maravilhas que autenticaram a mensagem dos apóstolos e estabeleceram a Igreja em um mundo cheio de incredulidade e oposição. Estes milagres não eram meramente demonstrações de poder, mas estavam sempre alinhados com os propósitos divinos de revelar a verdade

do evangelho, confirmar a autoridade apostólica e edificar a igreja.

Deus continua sendo soberano e capaz de realizar milagres hoje. No entanto, devemos entender que cada milagre tem um propósito específico dentro do plano redentor de Deus. Ele age conforme Sua vontade e sabedoria, sabendo o que é melhor para Seus filhos e para o avanço de Seu Reino. Os milagres, portanto, são extraordinárias intervenções de Deus que servem para nos lembrar de Seu poder, de Sua graça e de Sua presença constante em nossas vidas.

Em todas as épocas, a Igreja é chamada a viver em fé, crendo no Deus dos milagres, mas também compreendendo que a maior manifestação do poder de Deus é a transformação de vidas pelo Espírito Santo. Enquanto buscamos os dons espirituais e oramos por intervenções divinas, devemos sempre confiar na soberania de Deus e em Seus propósitos eternos, sabendo que Ele opera todas as coisas para o bem daqueles que O amam e são chamados segundo Seu propósito (Romanos 8:28).

13. DISCERNIMENTO DE ESPÍRITOS

"a outro, discernir espíritos;"

1 Coríntios 12:10

O dom de discernimento de espíritos é a capacidade de distinguir entre o verdadeiro e o falso. O dom de

discernimento de espíritos é mencionado em 1 Coríntios 12:10 (NVI), onde o apóstolo Paulo lista os diversos dons do Espírito: "a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedades de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas." Este dom capacita o cristão a distinguir entre a atuação do Espírito Santo, espíritos malignos e a influência humana. É uma habilidade espiritual essencial para proteger a igreja de enganos e falsos ensinamentos. Permite que o crente identifique a origem espiritual das manifestações e ensinamentos, ajudando a igreja a permanecer fiel à verdade do evangelho. Este dom é crucial para a integridade doutrinária e espiritual da igreja, pois ajuda a detectar e expor heresias, falsos profetas e práticas enganosas.

Características do Dom de Discernimento de Espíritos

O dom de discernimento de espíritos ajuda a igreja a identificar e rejeitar falsos ensinamentos que podem desviar os crentes da verdade bíblica. Ele é especialmente útil em tempos de confusão doutrinária e de multiplicação de falsas doutrinas. Este dom permite que os líderes da igreja forneçam orientação espiritual clara, discernindo a direção do Espírito Santo para a comunidade e para indivíduos, especialmente em momentos de decisões críticas. É vital no ministério de libertação, ajudando os ministros a identificarem a presença e a natureza de espíritos malignos e a agir conforme a direção do Espírito Santo para libertar os oprimidos.

Jonathan Edwards, Em **Afeições da Religião**, aborda a necessidade de discernir entre as verdadeiras e falsas emoções e experiências espirituais. Ele destaca a importância do discernimento na avaliação das reivindicações de experiências espirituais e proféticas.

Conclusão

O dom de discernimento de espíritos é uma dádiva crucial para a igreja, capacitando-a a manter a pureza doutrinária e a integridade espiritual. Deus pode conceder este dom conforme Sua vontade, e ele é vital para proteger a igreja dos enganos espirituais e garantir que a adoração e a prática cristã permaneçam centradas na verdade de Cristo. Enquanto buscamos os dons espirituais, devemos sempre orar por discernimento, confiando na direção do Espírito Santo e na sabedoria revelada nas Escrituras.

3. Uma Abordagem Equilibrada sobre os Dons Espirituais entre o: Continuismo e o Cessacionismo

A discussão sobre os dons espirituais na igreja cristã moderna muitas vezes se polariza entre duas posições teológicas: o **continuismo** e o **cessacionismo**.

Os continuístas acreditam que todos os dons do Espírito Santo, incluindo os mais espetaculares como profecia, línguas e milagres, continuam ativos e disponíveis para a igreja hoje. Os cessacionistas, por outro lado,

argumentam que esses dons cessaram com a era apostólica e que não são mais necessários ou esperados na igreja contemporânea. No entanto, é possível encontrar uma **posição de meio termo** que reconheça a complexidade das Escrituras e da experiência cristã.

Essa questão da presença e continuidade dos dons miraculosos entre os cristãos é ainda motivo de debate e diversidade de opiniões. Tanto os dons miraculosos quanto os não miraculosos são mencionados no livro de Atos e estão presentes na lista de dons espirituais em 1 Coríntios 12. É amplamente reconhecido que os dons não miraculosos estão presentes na igreja até hoje. No entanto, há divergências entre teólogos e estudiosos da Bíblia, especialmente aqueles com orientação pentecostal e neopentecostal, que afirmam que os dons miraculosos também estão ativos na igreja contemporânea.

4.1 Compreendendo o Continuismo

Os defensores do continuismo apontam para várias passagens bíblicas que parecem indicar a continuidade dos dons espirituais até o retorno de Cristo. Paulo, em 1 Coríntios 12-14, ensina sobre a diversidade de dons espirituais e a importância de cada um para a edificação da igreja. Em 1 Coríntios 13:8-10 (NVI), ele diz: "O amor nunca perece, mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá." Os continuístas interpretam "o que é perfeito" como sendo o

retorno de Cristo, implicando que os dons continuarão até então.

4.2 Compreendendo o Cessacionismo

Os cessacionistas, por outro lado, argumentam que os dons espetaculares foram específicos para o período apostólico, tendo como propósito principal autenticar os apóstolos e estabelecer a igreja. Eles apontam para passagens como Hebreus 2:3-4 (NVI): "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram. Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo distribuídos segundo a sua vontade." Os cessacionistas interpretam essa passagem como uma indicação de que os sinais e maravilhas foram especificamente para confirmar a mensagem dos apóstolos.

4.3 Uma Abordagem Equilibrada

Adotar uma posição de meio termo entre o continuismo e o cessacionismo envolve reconhecer a validade dos argumentos de ambos os lados e buscar uma compreensão mais matizada das Escrituras. Algumas considerações podem ajudar a formar essa perspectiva equilibrada.

Reconhecimento da Soberania de Deus

Deus é soberano e pode agir conforme Sua vontade em qualquer época. Ele não está limitado por nossas categorias teológicas. Portanto, é possível que Deus ainda

escolha manifestar dons espetaculares em contextos específicos para cumprir Seus propósitos soberanos.

Contextualização Histórica

Os dons espirituais podem se manifestar de maneira diferente em diferentes épocas e contextos culturais. Por exemplo, em contextos missionários onde o evangelho está sendo proclamado pela primeira vez, pode haver uma maior incidência de sinais e maravilhas, como ocorreu no período apostólico.

Enfoque na Edificação da Igreja

Qualquer manifestação dos dons deve ter como objetivo a edificação da igreja e a glorificação de Cristo. Paulo enfatiza em 1 Coríntios 14:12 (NVI): "Assim acontece com vocês; uma vez que estão desejosos de ter dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem edificação para a igreja." Os dons não são fins em si mesmos, mas meios para fortalecer a comunidade de fé.

Discernimento e Ordem

A igreja deve exercitar discernimento em relação aos dons espirituais, como ensinado em 1 João 4:1 (NVI): "Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo." Além disso, Paulo instrui que tudo deve ser feito com decência e ordem (1 Coríntios 14:40), evitando excessos e desordem no uso dos dons.

Experiência Pessoal e Comunitária

A experiência pessoal e comunitária dos dons espirituais varia amplamente. Alguns cristãos testemunham experiências poderosas com dons como a profecia e a cura, enquanto outros não. É importante respeitar essas diversas experiências e não invalidar a fé de outros com base em nossas próprias expectativas.

É importante reconhecer que não há uma conclusão definitiva sobre a presença atual dos **dons miraculosos** na igreja. A compreensão é que Deus, sendo Todo-Poderoso, tem o poder de agir como deseja, quando deseja e com quem deseja. Ele é soberano em suas manifestações e pode operar de maneiras variadas, incluindo manifestações milagrosas e sobrenaturais.

Nesse sentido as manifestações do Espírito Santo na vida dos cristãos e em suas comunidades podem ocorrer a qualquer momento, em um processo contínuo onde cada crente é instrumento do Espírito Santo para o bem comum. É importante ressaltar que nem todas as manifestações do Espírito são necessariamente espetaculares ou visíveis. Jesus mesmo operou milagres e curas pelo poder do Espírito Santo (Lucas 4.18-21), no entanto, nem sempre essas manifestações poderosas foram acompanhadas por sinais externos visíveis ou perceptíveis aos que estavam ao redor (Lucas 8.43-48).

Assim, a posição que respeita a diversidade de entendimentos sobre os dons espirituais e enfatiza a importância de buscar uma vida guiada pelo Espírito Santo, permitindo que Deus opere conforme Sua vontade e

propósito, seja de forma miraculosa ou não, visível ou não, **é em minha opinião a mais adequada.**

4.4 Batismo com e/ou no Espírito Santo

Nós rejeitamos a ideia de um “segundo batismo” em que apenas os mais engajados em obras ou posição eclesiástica são aceitos ou beneficiados devido a algum possível sinal espiritual extraordinário. Essa concepção contradiz a compreensão bíblica do batismo e da obra do Espírito Santo na vida dos crentes.

Acreditamos que o batismo no Espírito Santo, é uma experiência única que acontece no momento da conversão onde Jesus Cristo passa a ser Senhor e Salvador. É importante ressaltar, não há um "segundo batismo" reservado apenas para alguns indivíduos com base em suas obras ou posição na igreja.

O ensinamento bíblico sobre o enchimento espiritual ou estar cheio do Espírito, refere-se à capacitação e habilitação dos crentes para o serviço e testemunho cristão, não como um sinal de status espiritual superior. Todos os crentes têm acesso igual à plenitude do Espírito Santo, independentemente de sua posição na hierarquia eclesiástica ou de suas obras.

Acreditamos na importância da fé e da graça de Deus como base para a experiência espiritual, em vez de enfatizar sinais externos ou práticas que sugerem uma hierarquia espiritual entre os crentes. Valorizamos a unidade do corpo de Cristo e a igualdade de oportunidades para todos os crentes crescerem e servirem no reino de Deus.

O batismo “no” ou “com” o Espírito Santo acontece no momento da conversão a Cristo (Atos 19.2; Efésios 1.13,14; Romanos 8.9) e a partir de então, o cristão entra em um relacionamento dinâmico com Deus. E neste relacionamento o cristão possui uma parcela considerável de responsabilidade para que o Espírito Santo atue livremente em sua vida e em sua comunidade (1Coríntios 3.1; 12.31; Efésios 4.30; 5.18; 1Tessalonicenses 5.19).

O fruto do Espírito é a marca distintiva de uma vida que está em plena comunhão com Deus. Através da rendição contínua ao Espírito Santo, somos transformados à imagem de Cristo, manifestando Suas qualidades em nosso dia a dia.

Que possamos buscar incessantemente essa plenitude, permitindo que o Espírito Santo produza em nós um caráter que glorifique a Deus e edifique a igreja.

Conclusão

Uma abordagem equilibrada entre o continuismo e o cessacionismo reconhece que Deus continua a operar de maneira poderosa e sobrenatural em Seu povo, ao mesmo tempo que valoriza a ordem, o discernimento e a edificação da igreja. Esta perspectiva permite uma maior flexibilidade e abertura para a obra do Espírito Santo, enquanto mantém um compromisso firme com a autoridade das Escrituras e a centralidade de Cristo. Assim, podemos buscar e exercitar os dons espirituais de maneira que glorifique a Deus e edifique a Sua igreja, em qualquer época e contexto.



O REINO DE DEUS

O significado do reino

Mateus 4:23-25; Marcos 1:14-15;
Efésios 1:10; Filipenses 2:9-11

A promessa do reino

Marcos 10:28-31; Lucas 20:35;
2Coríntios 4:16-5; Judas 25

As dimensões do reino

Marcos 1:14-15; Mateus 12:28; Lucas 4:19-21;
Romanos 8:18-25; 1João 3:2; Lucas 17:20-24

Os sinais históricos do reino

Lucas 4:18-21; 7:20-24; Atos 2:22; Hebreus 2:1-4
João 14:12-14; 17:18; 20:21

INTRODUÇÃO

Os Evangelhos nos ensinam que nenhum outro tema recebeu tanta atenção de Jesus quanto o Reino de Deus. A expressão "Reino de Deus" (*basileia*) é mencionada 111 vezes no Novo Testamento. O ministério de Jesus pode ser resumido nestas palavras: "Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas-novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo" (Mateus 4:23, NVI; Marcos 1:14-15, NVI).

1. O SIGNIFICADO DO REINO DE DEUS

O termo **Reino** denota autoridade e governo. De forma simples, o Reino de Deus refere-se ao domínio de Deus sobre todas as coisas no céu, na terra e debaixo da terra, tanto neste mundo como no vindouro. Efésios 1:10 (NVI) fala sobre "fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos". Filipenses 2:9-11 (NVI) proclama que "Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai". Colossenses 1:15-20 (NVI) revela que Cristo é "a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação... pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude".

2. A PROMESSA DO REINO DE DEUS

Embora Deus seja soberano sobre todo o universo criado, seu domínio ainda não é plenamente imposto, de modo que muitas coisas acontecem no mundo que contrariam a perfeita vontade de Deus. Haverá, entretanto, um dia quando Deus determinará seu domínio em perfeição. Esta é a grande esperança cristã: o novo céu e a nova terra. 1 Coríntios 15:24-28 diz que "depois virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés". Efésios 1:18-23 fala da "esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos e a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos". Apocalipse 21:1 descreve a visão do "novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado".

Os profetas do Antigo Testamento afirmaram que Deus é tanto Rei quanto aquele que se tornará Rei. Isaías 24:23 (NVI) diz que "a lua se envergonhará, e o sol se corará de vergonha; pois o Senhor dos Exércitos reinará no monte Sião e em Jerusalém, e diante dos seus anciãos será glorioso". Zacarias 14:9 declara que "o Senhor será rei de toda a terra. Naquele dia haverá um só Senhor e o seu nome será o único nome". O Novo Testamento fala da era vindoura e do mundo porvir, um tempo em que o Reino de Deus será plenamente manifestado, e todos os filhos de Deus se reunirão para a celebração final. Mateus 25:34 (NVI) diz: "Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: 'Venham, benditos de meu Pai; recebam como herança o

Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo". Mateus 26:29 (NVI) complementa: "Eu lhes digo que de agora em diante não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai".

3. AS DIMENSÕES DO REINO DE DEUS

3.1. JÁ E AINDA NÃO

O conceito de "Já e Ainda Não" é crucial para compreender a natureza do Reino de Deus conforme ensinado nas Escrituras. Este conceito teológico aborda a tensão entre a inauguração e a consumação do Reino de Deus, refletindo a realidade de que, embora o Reino tenha sido iniciado na pessoa e obra de Jesus Cristo, sua plenitude ainda está por vir.

O reino de Deus, que será consumado no futuro escatológico, no entanto, já foi inaugurado na pessoa e obra de Jesus Cristo. Jesus é o portador do reino de Deus, e por meio Dele, todos podemos experimentar os primeiros frutos da ação soberana de Deus na história e no universo (Marcos 1.14,15; Mateus 12.28; Lucas 4.19-21; Romanos 8.18-25; 1 João 3.2). Biblicamente podemos ver que o Reino de Deus foi inaugurado com a vinda de Jesus Cristo. Em Marcos 1:14-15 (NVI), Jesus proclama: "O tempo é chegado", dizia ele. "O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!". Esta proclamação marca o início de uma nova era, onde o governo de Deus começa a manifestar-se de maneira tangível na história humana. Em Mateus 12:28 (NVI), Jesus

declara: "Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus". Esta afirmação mostra que os milagres de Jesus eram sinais da presença do Reino.

A Tensão do Já e Ainda Não

A vida cristã se desenrola em um equilíbrio entre o "já" e o "ainda não". Por um lado, os crentes já experimentam a realidade do Reino, mas, por outro, aguardam sua consumação completa. Este equilíbrio é evidenciado em várias passagens bíblicas:

- **Identidade e Transformação:** Já somos filhos de Deus, mas ainda não fomos plenamente transformados à Sua imagem. 1 João 3:2 (NVI) diz: "Amados, agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é".
- **Vitória sobre o Mal:** O diabo já foi vencido, mas ainda não foi totalmente impedido de agir no mundo. Em Mateus 12:29 (NVI), Jesus afirma: "Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali os seus bens, sem antes amarrá-lo? Somente então poderá roubar a casa dele". Esta passagem indica que Jesus já venceu o poder do mal, mas o combate final e completo ainda está por vir.
- **Santificação e Pecado:** Já estamos em Cristo, mas nossa natureza humana, que nos torna susceptíveis ao pecado, ainda não foi completamente erradicada. Romanos 6:4-7

(NVI) diz: "Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova". No entanto, Romanos 7:14-25 (NVI) descreve a luta contínua contra o pecado.

- Vida Abundante e Redenção Completa: Já recebemos a vida abundante que está em Jesus, mas ainda não fomos completamente redimidos das fraquezas de nossos corpos mortais. João 10:10 (NVI) diz: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente". Contudo, Romanos 8:18-23 (NVI) fala da expectativa da redenção dos nossos corpos: "Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada... nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo".

3.2. O REINO DE DEUS: DENTRO DE VÓS E SOBRE VÓS

O Reino de Deus Dentro de Nós

O estabelecimento do Reino de Deus começa em nossas vidas, de dentro para fora, conforme a orientação bíblica em Romanos 14:17 (NVI): "Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo". Este versículo enfatiza que o domínio e governo de Deus devem primeiramente se manifestar em

nosso interior, transformando nossas atitudes, pensamentos e ações de acordo com Sua vontade e princípios.

Jesus ensinou que o Reino de Deus não é algo visível externamente, mas uma realidade espiritual que se manifesta no coração daqueles que O aceitam como Senhor e Salvador. Em Lucas 17:20-21 (NVI), Ele afirma: "O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: 'Aqui está ele', ou 'Lá está'; porque o Reino de Deus está entre vocês". Esta passagem sublinha a natureza interior e espiritual do Reino, presente dentro de cada crente.

A transformação interior promovida pelo Reino de Deus é profunda e abrangente. João Calvino, um dos grandes reformadores, destaca que o Reino de Deus é estabelecido onde Cristo reina através de Seu Espírito, e onde os corações dos homens são reformados à Sua imagem. Ele explica que o verdadeiro governo de Deus se realiza quando os crentes vivem sob a orientação do Espírito Santo, buscando a justiça, paz e alegria que vêm Dele.

O Reino de Deus Sobre Nós

Embora o Reino de Deus comece internamente, Jesus também nos ensinou a orar pela vinda do Reino de Deus sobre nós e pela realização da vontade divina na Terra, como é no céu. Em Mateus 6:9-10, na oração do Pai Nosso, Ele instrui: "Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Isso implica em aguardar e esperar pelos sinais históricos que demonstram

que Deus está no controle soberano e manifestando Sua glória não apenas em nossas vidas, mas também através daqueles que O buscam e se submetem à Sua vontade.

Jesus exemplifica essa dimensão externa e histórica do Reino em Lucas 7:22 (NVI), ao responder aos discípulos de João Batista: "Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os paráliticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e às boas-novas é pregada aos pobres". Estes sinais visíveis do Reino demonstram o poder de Deus em ação no mundo.

Uma Compreensão Geral do Reino de Deus

Portanto, a compreensão do Reino de Deus envolve tanto uma dimensão interior e espiritual, que se inicia em cada indivíduo, como também uma dimensão externa e histórica, que se evidencia através dos feitos e intervenções divinas na história e na vida daqueles que O seguem de todo coração.

A teologia reformada, conforme articulada por autores como Herman Bavinck e Abraham Kuyper, enfatiza que o Reino de Deus não está limitado a uma esfera privada da vida, mas abrange todas as áreas da existência humana. Kuyper, em particular, destacou que "não há um único centímetro quadrado em todo o domínio de nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é Soberano sobre tudo, não clame: 'É meu!'". Esta visão integradora nos chama a viver sob o senhorio de Cristo em todas as esferas da vida,

reconhecendo Sua autoridade tanto em nossas vidas pessoais quanto na ordem criada.

A mensagem do Reino de Deus é central para a fé cristã reformada. Ela nos chama a uma transformação interior que reflete a justiça, paz e alegria do Espírito Santo, enquanto também nos desafia a buscar a manifestação externa do Reino na história e na sociedade. Como crentes, somos convidados a viver nessa tensão dinâmica entre o "já" e o "ainda não", antecipando a plenitude do Reino enquanto nos submetemos à Sua soberania em todas as áreas da vida. Esta compreensão holística do Reino nos capacita a viver com esperança, propósito e compromisso com a missão de Deus no mundo.

3.3 OS SINAIS HISTÓRICOS DO REINO DE DEUS

As primeiras palavras públicas de Jesus apontaram para o fato de que o Reino de Deus havia sido inaugurado. Em Lucas 4:18-21 (NVI), Jesus declara: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor". Jesus chama para si o cumprimento da profecia messiânica e a promessa de um reino de paz e justiça proclamada por Isaías (Isaías 61:1-3; 7:14-15; 9:6-7). Os sinais realizados por Jesus foram confirmações de que Ele era mesmo o Messias prometido (Lucas 7:20-24; Atos 2:22; Hebreus 2:1-4).

A Igreja, responsável por dar continuidade ao ministério terreno de Jesus, deve fazer as mesmas obras que Ele fez. Em João 14:12-14, Jesus afirma: "Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai. E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. O que vocês pedirem em meu nome, eu farei". Em João 17:18, Ele ora: "Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo", e em João 20:21, Ele reitera: "Novamente Jesus disse: Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio".

Evidentemente, não estamos falando necessariamente de andar sobre as águas, multiplicar pães e peixes, acalmar tempestades e fazer murchar figueiras, pois nem mesmo os apóstolos realizaram todos esses feitos. Estamos falando sim dos sinais indicados em Lucas 4.18-21, que podemos resumir em três palavras: salvação, libertação e restauração.

- **Salvação:** A reconciliação do ser humano com Deus. Jesus veio para trazer a salvação, o maior sinal do Reino de Deus, oferecendo a reconciliação entre Deus e a humanidade. Em Romanos 5:10 (NVI), Paulo escreve: "Se quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida!"

A Igreja continua essa missão ao pregar o evangelho e chamar as pessoas ao arrependimento e fé em Jesus Cristo.

- **Libertação:** A liberdade da escravidão do império das trevas. Jesus libertou muitas pessoas de possessões demoníacas e opressões espirituais, mostrando Seu poder sobre as forças das trevas. Em Colossenses 1:13-14 (NVI), Paulo afirma: "Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados". A Igreja é chamada a continuar esse ministério de libertação, ajudando as pessoas a se libertarem das garras do pecado e das influências malignas.

- **Restauração:** A reconstrução da vida em todas as suas dimensões. Jesus curou enfermos, restaurou vistas aos cegos, e levantou paráliticos, demonstrando o poder restaurador do Reino de Deus. Em Marcos 2:10-12, Jesus cura um paralítico, dizendo: "Para que vocês saibam que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralítico –: Eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa". A Igreja é chamada a atuar na restauração de vidas, promovendo cura física, emocional e espiritual, e trabalhando pela justiça e paz na sociedade.

Portanto, a Igreja de Jesus Cristo é chamada a manifestar os sinais do Reino de Deus, dando continuidade ao ministério de Jesus através da salvação, libertação e restauração. Esta missão, inspirada pelos exemplos de Jesus e sustentada pela obra do Espírito Santo, demonstra ao mundo que o Reino de Deus já foi inaugurado e está em pleno processo de realização, avançando até sua

consumação final no novo céu e na nova terra. Através do cumprimento dessa missão, a Igreja testemunha a soberania de Deus e Seu amor redentor para com toda a criação.

3.4 A RELAÇÃO MUNDO-IGREJA-REINO

Significados da Expressão "Mundo"

Na Bíblia, a expressão "mundo" pode ter diferentes significados dependendo do contexto. Primeiramente, "mundo" pode se referir ao universo criado, à terra e ao cosmos como um todo. Em Salmo 24:1, lemos: "Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se encontra, o mundo e aqueles que nele vivem". Este uso da palavra sublinha a soberania de Deus sobre toda a criação.

Em segundo lugar, "mundo" pode designar um sistema de vida ou o espírito de uma época que se opõe a Deus. Em Romanos 12:2 (NVI), Paulo exorta: "Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente". Aqui, "mundo" se refere aos valores e sistemas de pensamento que estão em desacordo com a vontade de Deus. Similarmente, em 1 João 2:15-17, o apóstolo escreve: "Não amem o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo – a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens – não vem do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre".

Finalmente, "mundo" pode também designar a humanidade. Em João 3:16 (NVI), lemos: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho

unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna". Neste contexto, "mundo" refere-se à totalidade das pessoas para as quais Deus enviou Seu Filho para oferecer salvação.

O Propósito Eterno de Deus

O propósito eterno de Deus é estabelecer Seu reino, exercendo domínio de fato e de direito sobre o mundo em todas as suas dimensões. Este reino será um governo perfeito e universal, onde a justiça, paz e santidade de Deus prevalecerão completamente. Habacuque 2:14 profetiza sobre este futuro glorioso: "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar". Esta promessa nos dá esperança de que o reino de Deus se expandirá e será plenamente manifestado em toda a criação.

O Papel da Igreja na Concretização do Propósito Divino

A Igreja de Jesus Cristo tem um papel fundamental na realização deste propósito divino. A Igreja, que é parte do mundo (humanidade), está submissa ao domínio de Deus e é responsável por sinalizar o reino de Deus na história. Em Efésios 1:18-23, Paulo escreve sobre a Igreja como o corpo de Cristo: "Peço também que os olhos do coração de vocês sejam iluminados para que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos, e a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força". A

Igreja não está implantando totalmente o reino de Deus, que será plenamente estabelecido apenas na eternidade, quando o Filho do Homem vier em toda a Sua glória (Mateus 25:31-46).

Enquanto isso, a Igreja está chamada a anunciar o reino de Deus e a convocar as pessoas ao arrependimento para que possam entrar e fazer parte deste reino. Em João 3:1-8, Jesus ensina a Nicodemos sobre a necessidade de nascer de novo para entrar no reino de Deus: "Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo... Aquele que nasce da carne é carne; aquele que nasce do Espírito é espírito". Através de sua pregação e testemunho, a Igreja convoca os indivíduos a se arrependerem e a receberem a nova vida em Cristo.

Além disso, a Igreja é um sinal visível de que o reino de Deus está presente. Em Mateus 5:13-16, Jesus ensina que os discípulos são o sal da terra e a luz do mundo: "Vocês são o sal da terra... Vocês são a luz do mundo... Assim, brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem a seu Pai que está nos céus". A presença da Igreja na sociedade deve refletir os valores e a justiça do reino de Deus, oferecendo uma visão antecipada do que será a plena manifestação do reino no futuro.

Portanto, a relação entre o mundo, a Igreja e o Reino de Deus é complexa e interligada. A Igreja, embora ainda não tenha inaugurado o reino de Deus em sua totalidade, é chamada a viver e a manifestar o reino de Deus no presente. Através de sua vida e missão, a Igreja testemunha o reino

que já está presente de forma parcial, enquanto aguarda a plena realização deste reino no futuro prometido por Deus.

CONCLUSÃO

A visão do propósito de Deus em estabelecer seu reino eterno promove a harmonia de tudo o que foi apresentado até agora. Observe:

A CRUZ

Foi na cruz que Jesus venceu e constituiu pessoas de toda tribo, raça, língua e nação como reino e sacerdotes para Deus. É em resposta à obra da cruz, aos benefícios da cruz e aos imperativos da cruz que a igreja existe (Mateus 28.28-20; Colossenses 2.13-15;

NOVO NASCIMENTO

Aquele que está em Cristo passou pelo novo nascimento, que gerou o novo homem, que experimenta a nova vida. A salvação em Cristo, portanto, é essencialmente um tipo de relacionamento com Deus no qual o Espírito Santo nos possibilita experimentar mais e mais a vida abundante que há em Jesus (Mateus 5-7; Romanos 8.28-30; 2Coríntios 3.18; 5.17; Gálatas 4.19; Efésios 4.12,13; Colossenses 1.28).

A IGREJA

Todos quantos nasceram de novo em Cristo são desafiados a expressar o amor de Cristo, testemunhando assim que são de fato discípulos de Cristo. Nesta dinâmica de relacionamentos cremos que tão certo quanto dizer que pessoas precisam de Deus, é afirmar que pessoas precisam de pessoas (Mateus 16.13-20; João 13.34,35; Atos 2.41-47).

O ESPÍRITO SANTO

A autoridade de Cristo compartilhada com a Igreja para que ela seja um sinal histórico do reino de Deus é acompanhada da promessa do derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne. A igreja de Cristo é, portanto, capacitada através do batismo no Espírito, para que ex-perimente o fruto do Espírito, na dinâmica dos dons do Espírito, sob constantes visitas do Espírito (Joel 2.28-32; Atos 1.8; Atos 2.16-21).

O REINO

A igreja de Cristo é portadora da promessa do reino, protagonista dos sinais históricos do reino, e vive na esperança da consumação do reino (Marcos 1.14,15; Mateus 12.28; João 14.12-18; Apocalipse 21.1-7).



VISÃO, MISSÃO E FILOSOFIA

Visão

Mateus 5:1-16; Lucas 4:18-21; João 14:12-14

Missão

Mateus 28:18-20; Marcos 16:15; João 17:18

Filosofia

Atos 2:41-47; 47-50; 1Coríntios 10:31

Ministério

1Tessalonicenses 5:12-14; 1Pedro 2:9-10

VISÃO

Toda organização precisa ter uma visão para o futuro, inclusive a igreja local.

Na igreja que sou pastor, a visão da Igreja Batista Raízes (IBRA), delinea um estado futuro para a comunidade cristã que é profundamente enraizado na Sagrada Escritura. Ao contemplarmos o futuro, buscamos entender e modelar nossa identidade e missão com base nos ensinamentos bíblicos, almejando ser uma comunidade fiel e eficaz no Reino de Deus. Nossa visão é motivada pela crença de que o ministério da igreja é uma extensão do ministério terreno de Jesus Cristo, conforme Ele mesmo afirmou: "Assim como o Pai me enviou ao mundo, eu também vos envio" (João 17.18; 20.21).

Em nossa compreensão teológica, Jesus inaugurou o Reino de Deus, iniciando o processo de restauração do universo criado ao propósito original de Deus. Com a vinda de Cristo, a vontade de Deus começou a ser realizada na terra assim como é feita no céu, conforme a oração do Senhor: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mateus 6.10). A IBRA se propõe a proclamar a mesma mensagem que Jesus anunciou aos seus contemporâneos: "Mas, se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, é porque chegou a vocês o Reino de Deus" (Lucas 11.20).

Como uma extensão do ministério terreno de Jesus, buscamos manifestar os princípios pelos quais Jesus evidenciava a chegada do Reino de Deus. Esses princípios não se limitam a sinais e milagres, mas se manifestam nos

frutos do ministério de Jesus, que podem ser resumidos em três expressões fundamentais: humildade, obediência e a exaltação do nome de Deus.

Humildade: Jesus viveu uma vida de humildade e serviço, conforme relatado em Filipenses 2:5-8: "Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus: Que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que deveria apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma de homem, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz." Em consonância com isso, nos esforçamos para viver uma vida de serviço e humildade, refletindo o caráter de Cristo em todas as suas ações.

Obediência: Jesus foi completamente obediente à vontade de Deus Pai, como exemplificado em Sua oração no Jardim do Getsêmani: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22.42, NVI). Da mesma forma, buscamos viver em obediência à vontade de Deus, alinhando suas práticas e decisões com os princípios bíblicos.

Exaltação do Nome de Deus: Jesus destacou a importância de glorificar o Pai em tudo o que fazia, conforme João 17:4 (NVI): "Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer." Como igreja almejamos glorificar o nome de Deus em todas as suas

atividades e ministérios, promovendo a adoração e o louvor a Ele como prioridade central.

Assim como Jesus, desejamos que as pessoas se reconciliem com Deus, sejam libertas da escravidão espiritual e tenham suas vidas completamente restauradas, resgatando a imagem de Deus distorcida pelo pecado no homem pós-queda.

Desejamos fazer uma diferença significativa no Reino de Deus, visualizando um futuro em que nos tornamos uma comunidade cristã notável e transformadora, comparável a "uma cidade edificada sobre o monte" (Mateus 5.14. Este futuro idealizado inclui indivíduos transformados por Jesus, engajados em boas obras que testemunham a presença e manifestação de Deus no mundo. Em Mateus 5.16, Jesus nos instrui: "Assim, brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem a seu Pai que está nos céus." Buscamos ser uma luz no mundo, demonstrando a realidade do Reino de Deus por meio de ações que refletem o amor, justiça e verdade de Deus.

Em resumo, a visão da IBRA é um reflexo do compromisso com o Reino de Deus, buscando viver os princípios do ministério de Jesus e manifestar a transformação que Ele opera na vida dos crentes. Almejamos ser um testemunho vivo da presença e do domínio de Deus, refletindo a luz e a verdade do Evangelho em todas as áreas de nossa vida comunitária e individual.

MISSÃO

Nossa missão é se estabelecer como um instrumento eficaz no Reino de Deus, conduzindo atividades permanentes que refletem os princípios deixados por Jesus Cristo aos Seus primeiros discípulos, conforme registrado na Grande Comissão (Mateus 28.18-20; Marcos 16.15; Lucas 24.46-47; Atos 1.8). Esses princípios fundamentais moldam a direção e o propósito da missão da IBRA e são essenciais para compreendê-la plenamente:

Abrangência Ilimitada

A missão transcende a conversão individual, com um foco abrangente que visa alcançar todas as nações, culturas e pessoas. A Grande Comissão de Jesus nos convoca a fazer discípulos de todas as nações, não se limitando a um grupo específico ou a uma localização geográfica particular. Jesus ordenou: "Vão e façam discípulos de todas as nações" (Mateus 28.19). Esta abrangência reflete o desejo de Cristo de que Sua mensagem de salvação e autoridade seja proclamada em todos os aspectos da vida humana, influenciando e transformando cada esfera da sociedade.

Conteúdo Integral

Nos comprometemos a proclamar não apenas o plano de salvação, mas o evangelho em sua totalidade. O evangelho integral abrange o plano completo de Deus para a humanidade, incluindo a revelação do propósito divino

para a criação e a vida cristã em sua plenitude. Isso envolve ensinar e viver de acordo com todo o conselho de Deus, como exemplificado em Atos 20.27: "Porque não deixei de lhes anunciar toda a vontade de Deus." A IBRA se dedica a transmitir a mensagem completa de Cristo, promovendo um entendimento integral do evangelho que abrange tanto a salvação quanto a transformação contínua da vida cristã.

Alicerçada na Soberania de Deus

Nossa missão está firmada na proclamação da soberania de Deus sobre o universo. Reconhecemos que Deus é o Soberano absoluto e que o Reino de Deus foi inaugurado por meio de Jesus Cristo, com uma consumação planejada por Deus para os séculos vindouros. Esta perspectiva está alinhada com a mensagem bíblica que afirma que o Reino de Deus está em progresso e será completamente realizado no futuro. Proclamamos a oferta de redenção e a participação no reino eterno para todos aqueles que se submetem a Cristo. Em Romanos 11.36, lemos: "Porque dele, por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém." Este reconhecimento da soberania de Deus fundamenta a missão da IBRA em uma visão de fé e esperança na consumação final do Reino.

Capacitação e Encorajamento dos Crentes

A missão não se limita à conversão de pecadores, mas também envolve capacitar e encorajar os crentes a viverem de acordo com o propósito divino em todas as áreas da vida. Encorajamos os crentes a glorificarem a Deus em tudo o que fazem, refletindo a verdade de 1 Coríntios 10.31: "Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus." A igreja deve buscar ser um agente transformador na sociedade, testemunhando os valores do Reino de Deus e promovendo a transformação pessoal e comunitária.

Conclusão

A missão da igreja é uma expressão viva do compromisso com a Grande Comissão e a soberania de Deus. Com uma abordagem que é ao mesmo tempo abrangente e integral, devemos buscar cumprir o mandato de Cristo de fazer discípulos de todas as nações, proclamando o evangelho em toda a sua plenitude. Firmada na certeza da soberania divina e na esperança da consumação final do Reino, precisamos capacitar e encorajar os crentes a viverem de maneira que glorifique a Deus em todas as áreas da vida, refletindo a transformação que Cristo realiza em nós. Assim, toda igreja reformada, aspira a ser um testemunho fiel e eficaz do Reino de Deus em todas as dimensões de sua missão.

O objetivo final da missão da igreja não se resume apenas à conversão de pecadores, mas também capacitar e

encorajar os crentes a viverem de acordo com o propósito de Deus em todas as áreas da vida, glorificando a Ele em todas as suas ações, conforme expresso em 1 Coríntios 10:31. Assim, a igreja deve ser um agente transformador na sociedade, refletindo os valores e a mensagem do reino de Deus em sua totalidade.

“Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.”
(1 Coríntios 10:31).

QUEM SOMOS?

Um pouco sobre a igreja que faço parte:

A **IGREJA BATISTA RAÍZES** é uma comunidade de discípulos comprometidos com o Senhor Jesus Cristo. Somos uma igreja que entende a importância da comunhão dos santos como um dos grandes propósitos de Deus para seu povo, reunindo pessoas unidas na mesma fé e redimidas pelo sangue de Jesus Cristo, buscando viver em plena conformidade com os princípios bíblicos.

A denominação **BATISTA** em nosso nome reflete nosso profundo apreço pela doutrina e pelo ensino das verdades reveladas na Bíblia. Valorizamos a pureza doutrinária e buscamos viver de acordo com os princípios bíblicos em todos os aspectos da vida cristã. Como também sua forma de governo eclesiástico.

Ao adotarmos o predicado **RAÍZES**, expressamos nosso desejo de estar firmemente enraizados nos ensinamentos de Jesus Cristo. Queremos servir, honrar e louvar a Deus em todas as nossas ações, mantendo-nos fiéis às práticas eclesiais reformadas e à verdadeira fé que foi entregue aos santos.

Estamos cientes de que muitas igrejas evangélicas têm se afastado dos princípios fundamentais da fé e da adoração verdadeira. Em resposta a isso, buscamos continuamente a direção e a edificação espiritual de Deus para permanecermos firmes em nossa caminhada cristã e em nossa missão de glorificar a Deus e fazer discípulos em nosso meio e além. Nosso objetivo é glorificar a Deus e fazer discípulos, tanto em nossa comunidade local quanto além dela, cumprindo a missão que nos foi confiada.

Na **IGREJA BATISTA RAÍZES**, estamos comprometidos em viver de acordo com os princípios do evangelho, oferecendo uma testemunha clara da fé cristã e sendo um farol de verdade e integridade no mundo ao nosso redor.

FILOSOFIA DE MINISTÉRIO

A **IGREJA BATISTA RAÍZES (IBRA)** busca ser um instrumento eficaz no reino de Deus através da fiel proclamação do evangelho, mantendo a integridade das Escrituras Sagradas, sem tirar ou acrescentar uma vírgula sequer. No entanto, é essencial compreender que cada

igreja possui sua própria filosofia de ministério, refletindo suas ênfases, valores particulares e convicções teológicas.

A filosofia de ministério de uma igreja está intrinsecamente ligada aos seus princípios fundamentais, convicções doutrinárias e à maneira como interpreta e aplica as Escrituras em sua vida e ministério. Essa filosofia norteia as práticas, atividades e prioridades da igreja, revelando seu modo de pensar e estabelecendo padrões de comportamento que moldam sua identidade como comunidade cristã.

É importante ressaltar que não existe uma filosofia de ministério universal para todas as igrejas, pois cada comunidade é única em sua identidade e chamado. Cada igreja deve elaborar sua filosofia à luz das bases bíblicas e teológicas, buscando ser fiel à Palavra de Deus e cumprir sua missão específica dentro do contexto em que está inserida.

A filosofia de ministério da IBRA é cuidadosamente desenvolvida avaliando a realidade religiosa contemporânea à luz dos referenciais do Antigo e Novo Testamentos. Entendemos que, além de seguir o padrão bíblico estabelecido no Novo Testamento, a IBRA se alinha com a missão de levar o evangelho a todas as áreas da vida humana. Isso significa que a igreja não deve se limitar apenas aos eventos de culto dominicais no templo, mas deve priorizar relacionamentos significativos, abrangendo todos os seus membros e estendendo sua influência além das atividades tradicionais da igreja.

Nesse contexto, a filosofia de ministério da IBRA se baseia em três princípios fundamentais da Escritura:

1. Pessoas Precisam de Deus; Pessoas Precisam de Pessoas

A IBRA coloca os relacionamentos no centro de sua vida e missão. Acreditamos que a Igreja é o corpo de Cristo, por meio do qual Cristo age no mundo através das pessoas. Discipulado, cuidado pastoral e desenvolvimento de ministérios são todos realizados por meio de relacionamentos pessoais. Valorizamos o contato direto e a interação entre os membros da comunidade, reconhecendo que o crescimento espiritual e a edificação mútua ocorrem no contexto de relacionamentos significativos e intencionais.

2. Todo Cristão é um Ministro

A IBRA resgata a doutrina do sacerdócio universal dos crentes, afirmando que todos têm livre acesso a Deus e são chamados para servir no ministério. Acreditamos que não apenas os líderes ordenados, mas cada cristão tem a autoridade e os dons necessários para representar Cristo no mundo. Enfatizamos a mobilização de todos os membros para o serviço, reconhecendo que cada um tem um papel vital na edificação da comunidade cristã e no cumprimento da Grande Comissão. Assim, cada membro é incentivado a descobrir e utilizar seus dons para o benefício do corpo de Cristo e para a glória de Deus.

3. A Igreja é o Corpo Vivo de Cristo

A IBRA entende que não é apenas uma comunidade que se reúne para culto, mas um organismo vivo que se estende além dos limites do templo. O verdadeiro ministério não é medido apenas pela frequência nos cultos, mas pela vida dinâmica dos membros na comunidade e pelo impacto que exercem no mundo. Cada membro é visto como um missionário em seu contexto diário, levando o evangelho e servindo onde quer que esteja. Este entendimento amplia a visão da igreja, reconhecendo que o trabalho ministerial continua em cada ato de amor, serviço e testemunho que os membros realizam em suas vidas diárias.

Esses princípios refletem a visão da IBRA de ser uma igreja ativa, relevante e comprometida, que valoriza os relacionamentos, capacita todos os membros para o ministério e entende a igreja como um corpo vivo em constante ação para a glória de Deus. Ao vivermos essa filosofia de ministério, buscamos ser fiéis à nossa vocação como discípulos de Cristo, impactando o mundo ao nosso redor com o amor e a verdade do evangelho.

ALGUNS TEMAS RELEVANTES E ATUAIS

FAMÍLIA

Acreditamos que a família é a base da humanidade, seguindo os princípios estabelecidos por Deus na criação

do homem e da mulher como complementos um do outro. Na perspectiva bíblica, a família consiste no homem, sua esposa e seus filhos, sendo uma unidade crucial na vida das pessoas. A Palavra de Deus enfatiza que o homem é o líder do lar, enquanto a mulher desempenha o papel de auxiliadora. Além disso, a Bíblia destaca a importância da obediência dos filhos aos pais como uma forma de agradar a Deus, e os pais têm a responsabilidade de educar seus filhos com disciplina e orientação.

Esses princípios refletem a visão da IBRA sobre a família como uma instituição divinamente ordenada, onde cada membro desempenha um papel específico e importante para o funcionamento harmonioso do lar e para a formação adequada das novas gerações.

Vejamos como a família é valorizada dentro desse contexto:

Fortalecimento espiritual: A família é vista como um ambiente onde os membros podem crescer espiritualmente juntos, compartilhando a fé, orando uns pelos outros e estudando a Palavra de Deus em conjunto. Isso fortalece os laços espirituais entre os membros da família e contribui para o crescimento espiritual de cada indivíduo.

Testemunho e evangelização: Uma família que vive os princípios do Evangelho se torna um poderoso testemunho para outras pessoas dentro e fora da igreja. O modo como os membros da família se relacionam, respeitam e amam uns aos outros reflete a obra

transformadora de Cristo em suas vidas, servindo como um exemplo vivo do amor de Deus para com o mundo.

Educação e formação cristã: Os pais têm a responsabilidade de educar seus filhos na fé cristã, ensinando-lhes os valores e princípios estabelecidos pela Palavra de Deus. A família é um ambiente natural para a formação espiritual e moral das crianças, preparando-as para serem discípulos comprometidos de Cristo e cidadãos responsáveis na sociedade.

Cuidado e apoio mútuo: Dentro da igreja, as famílias encontram um ambiente de apoio, encorajamento e cuidado mútuo. Os membros da família podem compartilhar suas alegrias, desafios e dificuldades com outros irmãos e irmãs em Cristo, recebendo apoio emocional, espiritual e prático quando necessário.

Portanto, a IBRA enfatiza a importância da família como um elemento essencial na vida da igreja, contribuindo para o fortalecimento espiritual, testemunho evangelístico, formação cristã e cuidado mútuo dentro da igreja.

SOBRE POLÍTICA E RESPONSABILIDADE

Na perspectiva da fé reformada, a abordagem em termos políticos e valores tradicionais é profundamente enraizada nas Escrituras. Os cristãos reformados entendem que a visão política deve ser consistentemente alinhada com

os princípios bíblicos, e isso se reflete em várias áreas fundamentais:

Respeito à propriedade privada e trabalho honesto: A fé reformada atribui grande valor ao direito à propriedade privada e ao trabalho honesto, visto como uma vocação dada por Deus. Entendemos que o trabalho não é apenas um meio de subsistência, mas um chamado divino para contribuir com a sociedade e glorificar a Deus através de nossos esforços. Nesse contexto, somos contrários a políticas que desvalorizam a propriedade privada e incentivam apenas o assistencialismo em detrimento da responsabilidade individual. A Bíblia ensina em Provérbios 13:11 que "a riqueza obtida com desonestidade diminuirá, mas quem a ajunta aos poucos terá cada vez mais". Esse versículo destaca a importância da honestidade e da diligência, opondo-se à busca de ganhos fáceis e à dependência de sistemas que não promovem a responsabilidade pessoal.

Papel Limitado Do Estado: Os cristãos reformados defendem um papel limitado do Estado na vida dos cidadãos, priorizando a liberdade individual e a responsabilidade pessoal. Reconhecemos o governo como uma instituição ordenada por Deus para manter a ordem e promover a justiça, mas acreditamos que o poder estatal deve ser restringido para evitar a tirania e a opressão. Em 1 Samuel 8:10-18, a Bíblia nos adverte sobre os perigos da centralização excessiva do poder, onde os reis de Israel exerceram domínio opressor sobre o povo, o que serve como um lembrete das limitações que devem ser impostas

ao governo humano. Portanto, somos contrários ao apoio a um Estado mais intervencionista, que busca um controle centralizado, pois isso pode conflitar com a liberdade e autonomia que são centrais à nossa fé.

Valorização Da Família E Da Moralidade: A família, na visão reformada, é vista como uma instituição sagrada e fundamental, responsável pela educação moral e espiritual dos filhos. A fé reformada coloca grande ênfase no papel dos pais em guiar seus filhos nos caminhos de Deus, cultivando uma base sólida de fé e moralidade que resista às pressões culturais contrárias. Somos, portanto, contrários a políticas que minam a autoridade dos pais e promovem valores que contradizem os princípios bíblicos, como a defesa do aborto e a redefinição do conceito de família. Efésios 6:1-4 afirma a importância da relação entre pais e filhos, instruindo os pais a criarem seus filhos "na disciplina e na admoestação do Senhor". Isso reflete nossa convicção de que a família deve ser o principal local de formação espiritual e moral, protegida de influências externas que busquem distorcer a verdade bíblica.

SOBRE SEXUALIDADE E MEMBRESIA

Sobre Sexualidade e Membros

A distinção entre sexo masculino e feminino é determinada por Deus no momento da criação, conforme descrito em Gênesis 1:27: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem,

à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." Esta passagem bíblica claramente estabelece a dicotomia de gênero como homem e mulher, refletindo a ordem criacional de Deus. Essa visão é fundamental na fé reformada, onde a identidade de gênero e a sexualidade são entendidas como aspectos imutáveis e ordenados por Deus desde o princípio.

Inclusão e Membros

A inclusão no rol de membros da igreja, deve estar em total conformidade com os ensinamentos bíblicos sobre sexualidade e identidade de gênero. A prática homossexual é considerada pecaminosa e contrária à vontade de Deus, conforme expressado em várias passagens das Escrituras. Em Levítico 18:22, está escrito: "Não te deitarás com varão, como se fosse mulher; é abominação." Da mesma forma, Romanos 1:26-27 condena claramente as relações homossexuais como contrárias à natureza criada por Deus.

O que não nos impede de receber com respeito e interesse genuíno por sua vida os que lutam contra os desejos da carne, porém são fiéis ao Senhor em sua conduta.

Fidelidade às Escrituras

Para nós, a santidade e a obediência às Escrituras Sagradas são pilares fundamentais. A inclusão de pessoas que praticam o homossexualismo como membros plenos da igreja seria vista como uma violação dos princípios morais

e éticos estabelecidos na Bíblia. Tal ação comprometeria a fidelidade à Palavra de Deus e poderia abrir espaço para interpretações seletivas ou relativistas da moralidade cristã, gerando confusão doutrinária e enfraquecendo a integridade da fé.

Acolhimento Cristão

Entretanto, é importante destacar que todas as pessoas, incluindo aquelas com orientação homossexual, são bem-vindas para participar dos cultos e atividades da igreja. O chamado para o arrependimento e a transformação em Cristo é oferecido a todos. Devemos oferecer acolhimento cristão a todas as pessoas, demonstrando amor, compaixão e respeito, seguindo o exemplo de Jesus Cristo.

Conclusão

Portanto, não aceitamos a inclusão de praticantes homossexuais no rol de membros da igreja, pois isso seria diretamente contrário aos ensinamentos bíblicos. No entanto, continuamos comprometidos com o amor e a verdade, estendendo a todos o convite para conhecer a Cristo e a transformação que Ele oferece.



DECLARAÇÃO DE CONDUTA E DOUTRINA

Declaração de Doutrina e Conduta

Doutrina Batista Reformada

Cinco Pontos das Igrejas Batistas Reformadas

Termo de Compromisso Com a Igreja

DECLARAÇÃO DE DOUTRINA E CONDUTA

1. A existência de um só e eterno Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, um em essência e trino em pessoas;

1.1. Deus Pai, eterno, criador e sustentador de todo o universo, onipotente, onisciente e onipresente, santo, soberano sobre tudo e todos, antes e agora, e para todo o sempre.

1.2. Deus Filho, eterno, unigênito de Deus Pai, encarnado, imaculado, Cordeiro de Deus, morto e ressurreto, único Mediador entre Deus e os homens;

1.3. Deus Espírito Santo, eterno, Deus que habita em cada um e todos os que creem, a Igreja, Consolador, intercessor, que atua para convencer o homem de seu pecado, da justiça em Cristo, e do juízo de Deus, e unge e capacita a Igreja para a continuidade da missão de Jesus Cristo no mundo.

2. A inspiração divina, veracidade e integridade da Bíblia, tal como foi revelada originalmente, e sua suprema autoridade em assuntos de fé e conduta;

3. A criação do universo em perfeita harmonia, e do ser humano à imagem e semelhança de Deus;

4. A pecaminosidade universal e a culpabilidade de todos os homens, desde a queda de Adão, e a consequente sujeição de todos os homens à ira da condenação de Deus, e a corrupção e degeneração de todo o universo criado;

5. A redenção da culpabilidade, pena, domínio e corrupção do pecado, somente por meio da morte expiatória do Senhor Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, nosso representante substituto, que através do seu sangue satisfaz a justiça de Deus e triunfou sobre a morte, o diabo e seus anjos maus, por toda a eternidade;

6. A ressurreição corporal do Senhor Jesus Cristo e sua ascensão à direita de Deus Pai;

7. A justificação do pecado somente pela graça de Deus, por meio da fé em Jesus Cristo, mediante ação do Espírito Santo;

8. A vida cristã como resultado da obra redentora de Deus, como formação da imagem (caráter) de Cristo nos que creem, que se expressa em seu interior como fruto do Espírito Santo, e visivelmente na sociedade através da conduta ética à luz dos preceitos do Novo Testamento;

9. A única igreja santa e universal, que é o corpo de Cristo, sendo Ele mesmo seu edificador e Cabeça, à qual

pertencem todos os que creem, e que, na Terra, se manifesta através das comunidades cristãs locais;

10. O reino de Deus como domínio de Deus, de fato e de direito, sobre tudo e todos, inaugurado e manifesto na história através de Jesus e sua Igreja, e que se consumará na eternidade quando todos os inimigos de Deus forem definitivamente vencidos e postos sob os pés de Jesus Cristo, para a glória de Deus Pai;

11. A missão da Igreja como extensão da missão de Jesus Cristo, a saber, "levar na íntegra o evangelho e apresentá-lo para todos", convocando todos os homens à participação no reino de Deus;

12. A segurança da segunda vinda de Jesus Cristo em corpo glorificado; a ressurreição dos mortos, a vida eterna dos salvos e a condenação de todos os que não creem; e a consumação do eterno reino de Deus.

DOCTRINA

Os reformados creem que uma teologia correta, equilibrada e bíblica é essencial para a vida do cristão. Todo crente, mesmo sem o saber, possui concepções teológicas, e essas concepções influenciam todos os aspectos de sua vida cristã. Para nós, a teologia não é valorizada por si mesma, mas como um instrumento para proporcionar um melhor conhecimento de Deus e do nosso relacionamento com Ele.

Fundamento das Escrituras

O fundamento maior da fé reformada são as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, que são consideradas a única regra de fé e prática. A fé reformada abrange três categorias de doutrinas:

1. Doutrinas Universais:

Algumas doutrinas são aceitas por todos os cristãos, como a Trindade, o caráter divino-humano de Jesus Cristo, Sua ressurreição, morte expiatória, segunda vinda, entre outras. Estas são as verdades afirmadas pelos grandes concílios da igreja antiga, nos séculos IV e V.

2. Doutrinas Protestantes:

Outras doutrinas são compartilhadas com as demais igrejas protestantes ou evangélicas: a Escritura como única regra de fé e prática, a suficiência da obra redentora de Cristo, a salvação exclusivamente pela graça mediante a fé,

o sacerdócio universal dos crentes, as ordenanças do batismo e da Santa Ceia etc.

3. Doutrinas Reformadas Específicas:

Finalmente, existem doutrinas e práticas mais específicas dos reformados batistas, como a ênfase na absoluta soberania de Deus, a crença na eleição ou predestinação, o batismo preferencialmente por imersão, e a forma de governo eclesiástico colegiado/congregacional.

Valorização da Educação

Devido à ênfase nas Escrituras e na boa teologia, os reformados têm dado grande valor à educação, tanto para as pessoas em geral quanto para seus pastores, que são ministros da Palavra. Contudo, essa preocupação intelectual nunca deve ocorrer às expensas da vida espiritual, mantendo sempre um equilíbrio entre estudo e devoção.

CINCO PONTOS DAS IGREJAS BATISTAS REFORMADAS

Um breve esboço de nossas convicções distintivas:

I. REFORMADA

1. SOLA FIDE

Sola Fide enfatiza a justificação do homem diante de Deus exclusivamente pela fé. De acordo com esse princípio, a salvação não é obtida por meio de obras humanas, como penitência, sacrifícios ou boas ações, mas sim pela fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

A Insuficiência das Boas Obras para a Salvação

As boas obras dos homens são vistas como insuficientes para conquistar o perdão dos pecados ou merecer a salvação. Isso ocorre porque, embora as boas obras sejam importantes para expressar a fé e o amor cristãos, elas não possuem o poder de reconciliar o homem com Deus ou alcançar a justificação. A justificação é um ato divino, onde Deus declara o pecador justo, não por causa de suas obras, mas por meio da fé em Cristo.

A Fé como o Meio de Justificação

O arrependimento e a fé são os passos cruciais para a salvação, pois é pela fé que somos justificados diante de

Deus. A fé não é um mérito que conquistamos, mas um dom de Deus que nos permite receber Sua graça salvadora. Através da fé, confiamos unicamente na obra redentora de Jesus Cristo na cruz, que é a base de nossa justificação perante Deus. A fé é o canal pelo qual a justiça de Cristo nos é imputada, tornando-nos justos aos olhos de Deus.

A Centralidade da Fé na Salvação

Portanto, Sola Fide destaca a importância da fé como o meio pelo qual recebemos a salvação, reconhecendo que nossas obras não podem nos salvar. Apenas a graça de Deus, recebida pela fé, pode nos tornar justos aos olhos do Pai. Este princípio reafirma que a salvação é um dom gratuito de Deus, acessível somente pela fé em Jesus Cristo, e não por qualquer esforço humano.

2. SOLA SCRIPTURA

Sola Scriptura é um dos pilares fundamentais da teologia reformada, afirmando que a Bíblia é a única autoridade suprema e suficiente em todas as questões de fé e prática cristã. Nenhuma outra fonte — seja livro, profecia, ensinamento humano ou tradição — pode sobrepor-se à autoridade da Bíblia Sagrada. Para os reformados, a Escritura é considerada divinamente inspirada, sendo escrita por homens santos que foram inspirados diretamente por Deus.

Autoridade e Suficiência das Escrituras

A Bíblia é vista como completa em si mesma, com um cânon fechado e uma mensagem clara, revelando a vontade de Deus para a humanidade em todas as áreas da vida. Essa perspectiva enfatiza que a autoridade final e indiscutível em assuntos espirituais, doutrinários e éticos é a Palavra de Deus. Ela é o padrão absoluto de verdade e o guia infalível para a vida cristã.

Exclusividade da Escritura

Para os reformados, a Sola Scriptura significa que nenhuma tradição ou interpretação humana pode se igualar ou substituir a autoridade da Bíblia. Toda doutrina e prática devem ser medidas e avaliadas pela Escritura, que é o único fundamento seguro para a fé e a vida cristã. Assim, o Sola Scriptura sustenta que a Bíblia é suficiente para guiar, instruir e corrigir o crente em todas as áreas da vida, sendo a base sobre a qual a Igreja se edifica e vive.

3. SOLUS CHRISTUS

Solus Christus é um princípio central da teologia reformada que enfatiza que nossa confiança e esperança para a salvação estão exclusivamente em Jesus Cristo. Ele é o único mediador entre Deus e os seres humanos e o único caminho pelo qual podemos alcançar a salvação. Não há

outra religião, líder espiritual ou santo que possa fornecer ou ajudar alguém a alcançar a salvação.

Exclusividade de Cristo na Salvação

Segundo a fé reformada, todas as outras tentativas de buscar a Deus fora de Cristo são equivocadas e não levam à verdadeira salvação. Jesus Cristo é o Filho de Deus encarnado, a manifestação divina na forma humana, e é somente através dele que podemos obter reconciliação com Deus e vida eterna. Essa exclusividade ressalta que somente Cristo pode interceder por nós diante de Deus, sendo o sacrifício perfeito que remove o pecado e restaura a comunhão com o Criador.

A Suficiência de Cristo

Portanto, Solus Christus afirma que Jesus Cristo é o único e suficiente Salvador, e qualquer outra forma de busca espiritual que não o reconheça como tal está em erro. Ele é o único caminho para a verdadeira salvação e comunhão com Deus, sendo a base fundamental sobre a qual toda a fé cristã reformada é construída. Essa doutrina reafirma que não há necessidade de intermediários humanos ou práticas adicionais para se alcançar a graça de Deus, pois Cristo, em sua obra redentora, é totalmente suficiente para nossa salvação.

4. SOLA GRATIA

Sola Gratia ressalta a salvação pela graça de Deus, independentemente de obras humanas. De acordo com esse princípio, a redenção e a salvação do homem são totalmente garantidas pela graça divina. O homem, em seu estado de pecado e depravação, não pode alcançar a salvação por seus próprios esforços ou méritos. Ele está espiritualmente perdido e incapaz de salvar a si mesmo.

A Graça de Deus como Presente Gratuito

A graça de Deus é um presente gratuito e não pode ser conquistada por meio de obras ou méritos humanos. É somente pela graça que o homem pode ser redimido de seus pecados e reconciliado com Deus. A salvação é um ato soberano de Deus, que abre os olhos espirituais do homem e infunde fé em seu coração. Esta graça é imerecida, não provocada por qualquer mérito humano, mas concedida pelo amor e misericórdia de Deus.

A Centralidade da Graça na Salvação

Portanto, Sola Gratia enfatiza que a salvação é inteiramente obra da graça de Deus, concedida aos pecadores arrependidos e crentes em Jesus Cristo. É pela graça que somos salvos, não por nossos próprios esforços ou méritos, para que ninguém se glorie além de Deus. Essa doutrina sublinha a total dependência do ser humano em relação à misericórdia divina, destacando que todo louvor e glória pela salvação pertencem exclusivamente a Deus, que age por Sua graça soberana para redimir o homem.

5. SOLI DEO GLORIA

Soli Deo Gloria destaca a glória exclusiva de Deus em todas as coisas. Segundo esse princípio, a finalidade tanto da criação quanto da redenção é a exaltação e honra de Deus. Toda a glória deve ser dada unicamente a Ele, tanto nos céus quanto na terra.

A Soberania de Deus no Universo

Deus é o Soberano governante de todo o universo. Ele está no controle de todas as coisas, e nada acontece sem a Sua permissão ou vontade. Mesmo que os homens tentem negar ou desafiar o controle divino, Deus continua sendo o Senhor absoluto sobre todas as circunstâncias e eventos. Sua soberania é completa, e tudo o que ocorre serve ao Seu propósito eterno, que é revelar a Sua glória.

A Glória Exclusiva de Deus

Portanto, Soli Deo Gloria enfatiza que a glória e a honra pertencem exclusivamente a Deus. Ele é digno de receber todo louvor, adoração e reconhecimento por Sua grandeza, poder e bondade. Nenhuma outra criatura ou entidade merece ser exaltada ou glorificada, pois toda boa dádiva e todo dom perfeito provêm d'Ele. A glória de Deus deve ser o objetivo final de todas as nossas ações e pensamentos.

A Vida Cristã como Reflexo da Glória de Deus

A vida do cristão deve refletir essa verdade, buscando sempre viver de maneira que Deus seja glorificado em todas as coisas. Quer comamos, bebamos ou façamos qualquer outra coisa, tudo deve ser feito para a glória de Deus (1 Coríntios 10:31). Soli Deo Gloria nos chama a reconhecer que toda a criação, a história e a redenção estão centradas na glorificação de Deus, e a nossa vida deve ser vivida em consonância com essa realidade.

II. CALVINISTA

O termo **Calvinista** refere-se àqueles que aderem às doutrinas teológicas associadas à teologia reformada, sistematizadas pelo teólogo reformador João Calvino. Essas doutrinas são frequentemente resumidas pelo acróstico "TULIP", que representa cinco pontos principais da teologia calvinista:

T - TOTAL DEPRAVITY (DEPRAVAÇÃO TOTAL)

Esta doutrina afirma que a natureza humana está completamente corrompida pelo pecado e incapaz de se salvar por si mesma. A queda de Adão afetou toda a pessoa humana, deixando-a em um estado de total depravação. A base bíblica para essa doutrina é extensa e inclui passagens

como Gênesis 6:5, Salmos 51:5, Jeremias 17:9, João 8:43, Romanos 3:10-18, e Efésios 2:1-3. A total depravação revela a profunda necessidade da intervenção divina para a salvação, como indicado em Mateus 11:27, João 1:13, e Atos 16:14.

Definição: A depravação total é a crença de que o pecado afetou todos os aspectos da natureza humana, corrompendo completamente a vontade, a mente e as emoções. Isso significa que, devido à queda de Adão, a natureza humana está totalmente inclinada para o pecado e incapaz de buscar ou escolher a Deus por sua própria força ou vontade.

Aspectos Fundamentais:

1. Corrupimento de Toda a Pessoa:

Natureza: O pecado não afeta apenas as ações superficiais, mas corrompe a natureza humana em seu âmago. Cada parte da pessoa—mente, vontade, emoções e corpo—está de alguma forma corrompida pelo pecado.

Escritura: Passagens bíblicas como Gênesis 6:5 ("Toda a inclinação do pensamento do seu coração é somente má continuamente") e Jeremias 17:9 ("Enganoso é o coração mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto") sublinham a gravidade da depravação.

2. **Impotência Espiritual:**

Incapacidade: Os seres humanos, em seu estado natural, não têm a capacidade de buscar a Deus ou de escolher o bem espiritual por conta própria. A Bíblia afirma que "não há quem busque a Deus" (Romanos 3:11) e que "estão mortos em suas transgressões e pecados" (Efésios 2:1).

Dependência da Graça: Devido a essa incapacidade, os humanos dependem totalmente da graça de Deus para serem salvos. Sem a intervenção divina, ninguém seria capaz de escolher a Deus ou aceitar a oferta da salvação.

3. **Consequências da Depravação:**

Distância de Deus: A depravação total resulta em uma separação radical entre Deus e o homem. Os seres humanos, por causa do pecado, estão distantes de Deus e não podem, por sua própria força, reconciliar-se com Ele.

Necessidade de Regeneração: Para superar essa depravação, é necessário que Deus opere um novo nascimento ou regeneração no coração do indivíduo. Jesus disse em João 3:3 que "ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo".

4. **Envolvimento da Vontade:**

Inclinação para o Pecado: A depravação total não significa que todas as ações humanas são igualmente malignas, mas que a inclinação geral do coração humano está voltada para o pecado. Isso afeta todas as escolhas e

ações, mesmo que o indivíduo possa fazer coisas boas em um sentido moral ou social.

Impotência Espiritual: A vontade humana está, portanto, escravizada pelo pecado e precisa da libertação proporcionada pela graça de Deus para ser direcionada ao bem espiritual.

IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS

Soberania de Deus: A doutrina da depravação total reforça a necessidade da eleição e da graça irresistível, pois demonstra que a salvação é completamente obra de Deus e não do mérito humano.

Evangelho: Essa visão da depravação total enfatiza a necessidade da pregação do evangelho, pois apenas o poder de Deus pode superar a incapacidade espiritual dos seres humanos e trazer salvação.

Em resumo, a depravação total é uma doutrina que descreve a extensão e a profundidade da corrupção humana causada pelo pecado. Ela afirma que, sem a intervenção divina, a humanidade está totalmente incapaz de buscar ou escolher a Deus, o que destaca a necessidade da graça e da ação salvadora de Deus.

2. U - UNCONDITIONAL ELECTION (ELEIÇÃO INCONDICIONAL)

Ensina que Deus escolheu soberanamente aqueles que Ele salvará, sem base em méritos humanos, mas apenas por Sua graça e vontade. A Eleição não é baseada na presciência da fé ou em obras⁴. Jesus afirmou que tinha um povo disperso que lhe pertencia e que ele reuniria esse povo, chamando cada integrante dele pelo nome (Mt 24.31; Jo 10.3,16; Jo 11.51-52). Ele disse ainda que esses escolhidos eram poucos (Mt 22.14), mas que eles seriam preservados e protegidos do engano (Mt 24.22,24) e que Deus um dia faria justiça a eles (Lc 18.7). O livro de Atos também fala sobre os eleitos dizendo que Deus tinha pessoas que lhe pertenciam nas cidades gentílicas e que essas pessoas ouviriam a pregação dos apóstolos (At 18.9-10). Em Atos é dito ainda que os que criam no evangelho eram pessoas que tinham sido destinadas para a vida eterna (At 13.48).

Paulo é quem mais escreve sobre a doutrina da eleição (Rm 8.29-30; Ef 1.4-5,11), dizendo que essa doutrina realça a soberania de um Deus que tem autoridade de fazer o que quiser com quem quiser (Rm 9.14-18), não tendo o homem o direito de questionar suas ações (Rm 9.19-21). Paulo diz ainda que é graças à eleição que Deus preserva um remanescente fiel a ele (Rm 11.1-5) e que esses escolhidos não podem ser alvos de nenhuma acusação

⁴ Uma compreensão calvinista da salvação: Nós rejeitamos todo o entendimento antropocêntrico da salvação.

(Rm 8.33). Segundo o apóstolo, a fé salvadora pertence somente aos eleitos (1Ts 1.4-6; Tt 1.1), sendo certo que Deus incluiu no número de escolhidos muitas pessoas simples a fim de humilhar a ilusória grandeza do mundo e ninguém se gloriar diante dele (1Co 1.27-29. Ver tb. Tg 2.5).

Definição: A eleição incondicional é a doutrina de que Deus escolhe, desde a eternidade, quem será salvo, não com base em qualquer mérito ou condição futura da pessoa, mas exclusivamente segundo o Seu próprio propósito e vontade soberana. Em outras palavras, a escolha de Deus para a salvação é feita sem considerar qualquer coisa que a pessoa tenha feito ou fará.

Aspectos Fundamentais:

1. Escolha Eterna:

Soberania de Deus: A eleição incondicional afirma que Deus, em Sua soberania e sabedoria infinitas, escolheu certos indivíduos para a salvação antes da fundação do mundo. Esse ato de escolha não é baseado em qualquer qualidade ou ação da pessoa, mas apenas na vontade livre e soberana de Deus.

Escritura: Passagens bíblicas como Efésios 1:4-5 ("Porque nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele") e Romanos 9:11-13 ("para que o propósito de Deus, segundo a eleição, permanecesse... 'Amei a Jacó, e Aborreci a Esaú'") sustentam essa doutrina.

2. Independência de Mérito:

Sem Condições: A eleição é incondicional, o que significa que não é baseada em qualquer mérito ou condição que a pessoa tenha ou possa ter. Deus não escolhe com base na previsão de fé ou boas obras, mas puramente pela Sua graça.

Escritura: Romanos 9:16 diz, "Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de Deus, que se compadece." Isso indica que a eleição não está vinculada aos esforços ou decisões humanas.

3. Propósito Divino:

Plano Eterno: A eleição incondicional faz parte do plano eterno de Deus, que é abrangente e perfeito. Deus, em Sua infinita sabedoria, escolhe aqueles que serão salvos para cumprir Seu propósito e trazer glória ao Seu nome.

Escritura: 2 Timóteo 1:9 declara que Deus nos "salvou e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça."

4. Implicações para a Salvação:

Segurança da Salvação: A doutrina da eleição incondicional proporciona uma certeza profunda da salvação. Se a escolha de Deus não depende de nossas ações, então a segurança da salvação é garantida pela fidelidade e imutabilidade de Deus.

Motivo para Evangelização: Apesar de a eleição ser incondicional, isso não diminui a importância da

evangelização. A proclamação do evangelho é o meio pelo qual Deus chama os Seus eleitos e cumpre Sua vontade.

5. Controvérsias e Respostas:

Objecções: Alguns questionam a justiça da eleição incondicional, perguntando por que Deus escolheria alguns e não outros. A resposta reformada é que Deus age de acordo com Sua perfeita justiça e misericórdia, e Seus caminhos estão além da compreensão humana.

Resposta Reformada: A resposta reformada é que a eleição incondicional revela a glória da graça de Deus e destaca que a salvação é inteiramente obra de Deus, e não dos esforços humanos.

Resumo

A doutrina da eleição incondicional é uma afirmação central da teologia reformada, que ensina que Deus escolheu quem será salvo antes da fundação do mundo, com base somente em Sua vontade soberana e não em qualquer mérito ou ação humana. Essa eleição é uma expressão da graça divina e é central para entender a segurança e a certeza da salvação, bem como para a proclamação do evangelho.

3. L - LIMITED ATONEMENT (EXPIAÇÃO LIMITADA)

Afirma que a obra redentora de Cristo na cruz foi especificamente para os eleitos, e não para toda a humanidade. A redenção foi obtida por Cristo para os eleitos. Depois, voltou-se para os judeus que o afrontavam e disse: “Vós não sois das minhas ovelhas”, excluindo-os desse grupo por quem ele morreria e um dia chamaria para si (Jo 10.26).

Jesus também disse que daria a sua vida em resgate de muitos (Mc 10.45) e, ao instituir a Ceia, repetiu essa verdade, declarando que o sangue da Nova Aliança seria derramado em favor de muitos, limitando o alvo de sua obra (Mt 26.28).

João, em seu evangelho, ao fazer alusão ao objetivo da morte de Cristo, disse que ele morreria para reunir “os filhos de Deus que andam dispersos” (Jo 11.51-52), ou seja, pelo bem de um grupo específico que estava espalhado pelo mundo e que ainda não tinha sido alcançado (Tt 2.14).

Paulo, por sua vez, quando falou aos presbíteros de Éfeso, disse que o sangue de Cristo serviu para comprar a igreja (At 20.28). Quando mais tarde escreveu à mesma igreja de Éfeso, o apóstolo realçou novamente que Cristo se entregou pela igreja (Ef 5.25). O Apocalipse aponta na mesma direção, dizendo que por sua morte Cristo não comprou todo mundo, mas sim certas pessoas espalhadas pelo mundo todo (Ap 5.9).

Definição: A expiação limitada, ou expiação restrita, é a doutrina de que a morte de Jesus Cristo na cruz

teve um propósito específico e eficaz, redimindo apenas aqueles que foram eleitos para a salvação, e não a toda a humanidade sem exceção. Em outras palavras, a expiação foi limitada em seu alcance, mas é completa e eficaz para os eleitos.

Aspectos Fundamentais:

1. Natureza da Expição:

Propósito Específico: A expiação limitada afirma que a morte de Cristo foi intencionalmente designada para redimir os eleitos. Cristo morreu não apenas para fornecer uma possibilidade de salvação para todos, mas para garantir a salvação dos eleitos.

Escritura: Passagens como João 10:15 "Eu dou a minha vida pelas ovelhas" e Efésios 5:25 "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela" indicam que a morte de Cristo foi especificamente para aqueles que Ele escolheu.

2. Implicações da Expição:

Efetividade da Morte de Cristo: A expiação limitada enfatiza que a morte de Cristo foi completamente eficaz para garantir a salvação daqueles que foram

escolhidos por Deus. A expiação não é uma mera oferta, mas um ato decisivo que assegura a redenção dos eleitos.

Escritura: Hebreus 9:12 "Entrou uma vez por todas no Lugar Santíssimo, não por meio de sangue de bodes e bezeros, mas pelo seu próprio sangue, havendo obtido eterna redenção" sublinha que a redenção é definitiva e garantida.

3. Distinção de Outras Perspectivas:

Expição Universal vs. Expição Limitada: Enquanto algumas tradições cristãs ensinam que a morte de Cristo foi para todos, sem exceção (expição universal), a expiação limitada afirma que a eficácia da morte de Cristo é restrita aos eleitos. Esta visão é muitas vezes contrastada com a doutrina arminiana ou universalista.

Escritura: 2 Timóteo 1:9 ("Que nos salvou e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos") reforça a ideia de uma expiação que se dirige diretamente aos eleitos.

4. Justiça e Graça:

Justiça de Deus: A expiação limitada é vista como compatível com a justiça de Deus, pois afirma que a penalidade pelos pecados foi completamente paga pelos

eleitos. Deus não pune injustamente, mas aplica a justiça através da obra de Cristo.

Graça e Misericórdia: A doutrina também destaca a graça e a misericórdia de Deus ao salvar os eleitos, reafirmando que a salvação é um ato de graça, não um direito universal.

5. Controvérsias e Respostas:

Objecções: Críticos da expiação limitada podem argumentar que ela restringe a oferta de salvação e pode parecer injusta para aqueles que não são eleitos. No entanto, a teologia reformada responde que a justiça de Deus é perfeita e que a oferta de salvação é suficiente para todos, embora seja eficaz apenas para os eleitos.

Resposta Reformada: A resposta reformada é que a expiação limitada revela a profundidade do amor de Cristo pelos eleitos e a eficácia da Sua obra redentora. A oferta de salvação é universal em seu convite, mas a aplicação é específica e garantida para os escolhidos.

Resumo

A doutrina da expiação limitada ensina que a morte de Cristo na cruz foi eficaz e direcionada especificamente para a salvação dos eleitos, garantindo a redenção dos escolhidos por Deus. Essa doutrina ressalta a eficácia da obra de Cristo e é fundamental para a teologia reformada,

distinguindo-se de visões que defendem uma expiação universal ou geral. A expiação limitada afirma que a salvação é garantida para os eleitos e reflete a justiça e a graça de Deus em Sua obra redentora.

4 I - IRRESISTIBLE GRACE (GRAÇA IRRESISTÍVEL)

Defende que a graça de Deus na salvação é eficaz e irresistível para os eleitos, garantindo sua conversão e perseverança na fé. A regeneração pelo Espírito santo é eficaz para os eleitos.

João 6.37 — Nessa passagem, Jesus diz que aqueles que o Pai lhe dá irão até ele. Isso mostra que só podem ir a Cristo as pessoas que são sobrenaturalmente dirigidas pelo Pai. Ninguém pode ir por si mesmo, sem que Deus o capacite (veja os vv. 44 e 65). É a essa condução e capacitação de Deus que chamamos de graça irresistível.

João 10.16 — Esse versículo mostra que Jesus tem seus escolhidos espalhados pelo mundo e que, no tempo devido, ele os chama individualmente (veja os vv.2-3). Quando isso acontece, essas pessoas ouvem a sua voz e o seguem numa nova vida de comunhão e conhecimento de Deus (veja Mt 11.27).

Romanos 8.30 — Aqui Paulo diz que aqueles que Deus predestinou, a estes também chamou, justificando-os a seguir. Obviamente, trata-se de um chamado especial,

dirigido somente aos que Deus destinou. O chamado de que se trata nessa passagem é eficaz, pois é seguido pela justificação.

Em 1Coríntios 1.26-29, é clara a alusão que Paulo faz à vocação especial de Deus. Ele estimula os coríntios a aprenderem algo sobre essa vocação observando os crentes em geral (os que “Deus escolheu”, vv.27-28). Ele afirma que Deus chamou de forma eficaz um número grande de “fracos”. Em contrapartida, essa chamada eficaz atuou num número pequeno de “poderosos”. O apóstolo ensina que a vocação salvífica foi administrada dessa forma para que a sabedoria do mundo fosse humilhada e ninguém se orgulhasse achando que foi salvo por algum mérito pessoal (veja Mt 11.25-26).

A doutrina da graça irresistível torna a flor reformada ainda mais linda, gerando humildade e gratidão no homem salvo, pois este saberá que creu não por ser mais inteligente ou apto, mas porque Deus agiu de modo sobrenatural em seu coração. E mais do que isso: essa doutrina remove também do “ganhador de almas” toda a base para o orgulho, mostrando a ele que, caso tenha algum sucesso em sua obra evangelística, isso será fruto da graça irresistível e do chamado eficaz de Deus, nunca dos seus talentos ou habilidades pessoais. Assim, o evangelista reformado dirá como Paulo: “Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Por isso, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1Co 3.6-7).

Definição: A doutrina da graça irresistível afirma que a graça de Deus para a salvação é irresistível e eficaz.

Quando Deus decide chamar uma pessoa para a salvação, essa chamada é irresistível e certamente resultará na conversão da pessoa. Em outras palavras, a graça de Deus, quando aplicada ao coração de uma pessoa, não pode ser rejeitada ou resistida; ela leva inevitavelmente à transformação e à fé.

Aspectos Fundamentais:

Natureza da Graça Irresistível:

1. **Ação Divina:** A graça irresistível é vista como uma ação direta e eficaz de Deus que transforma o coração e a vontade da pessoa. Quando Deus aplica Sua graça, ela supera a resistência humana e leva a pessoa a aceitar a salvação.

Escritura: Passagens como João 6:37 "Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" e Atos 13:48 "Os gentios ouviram isto, alegraram-se e glorificaram a palavra do Senhor; e creram todos os que estavam ordenados para a vida eterna" mostram a eficácia da chamada divina.

2. Conversão Inevitável:

Transformação do Coração: A doutrina afirma que, quando Deus decide salvar alguém, Ele muda o coração e a vontade da pessoa, tornando-a receptiva à Sua graça. A resistência ao chamado de Deus é superada pela transformação interna que a graça divina opera.

Escritura: Ezequiel 36:26 "Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne" ilustra a transformação interna que ocorre pela graça de Deus.

3. Diferença de Outras Perspectivas:

Graça Resistível vs. Graça Irresistível: Enquanto algumas tradições cristãs ensinam que a graça de Deus pode ser resistida pela vontade humana (graça resistível), a doutrina reformada afirma que a graça que Deus aplica é irresistível e garante a conversão.

Escritura: Romanos 8:30 "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" reflete a sequência irresistível da graça divina.

4. Implicações da Graça Irresistível:

Segurança da Salvação: A graça irresistível é fundamental para a segurança da salvação na teologia

reformada, pois garante que aqueles que são chamados por Deus nunca serão perdidos. A salvação é segura porque a graça de Deus é eficaz e não pode falhar.

Escritura: Filipenses 1:6 "Estou plenamente certo de que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus" destaca a confiança na obra completa e eficaz de Deus na vida do crente.

5. Controvérsias e Respostas:

Objecções: Críticos podem argumentar que a graça irresistível nega o livre arbítrio humano e a capacidade de escolher. No entanto, a teologia reformada responde que a verdadeira liberdade é a liberdade de obedecer a Deus e que a graça irresistível não viola a vontade humana, mas a transforma.

Resposta Reformada: A resposta reformada é que a graça irresistível não força à vontade, mas muda o desejo da pessoa, tornando-a disposta e desejosa de aceitar a salvação. A mudança de coração resultante da graça divina é vista como uma verdadeira liberdade.

Resumo

A doutrina da graça irresistível ensina que a graça de Deus para a salvação é eficaz e não pode ser rejeitada. Quando Deus aplica Sua graça a uma pessoa, essa chamada é irresistível e leva inevitavelmente à conversão. Essa

doutrina é fundamental para a teologia reformada e garante a segurança da salvação, destacando a eficácia da obra de Deus e a transformação interna que resulta da Sua graça. A graça irresistível reflete a soberania de Deus e a certeza de que todos os escolhidos serão efetivamente salvos.

5. P - PERSEVERANCE OF THE SAINTS (PERSEVERANÇA DOS SANTOS)

Ensina que os eleitos são guardados por Deus e não podem perder sua salvação, mas perseverarão na fé até o fim. Deus vai, pela graça, completar o que Ele começou na regeneração. João 6.39 — Essa passagem afirma que a vontade do Pai é que Jesus não perca nenhuma pessoa que ele lhe entregou. Jesus garante que realizará essa vontade, ressuscitando no último dia todos aqueles que o Pai lhe deu e que, assim, creram nele (veja tb. o vs.40 e 44).

João 10.27-29 — Nesse texto, Jesus afirma que dá a vida eterna às suas ovelhas e que elas não podem perecer. Ele diz ainda que suas ovelhas estão em suas mãos e nas mãos do Pai, sendo que nada pode arrebatá-las dessas mãos.

Romanos 8.29-30,33-35,38-39 — Esses versículos indicam que aqueles que Deus destinou serão fatalmente glorificados. Também destacam que os eleitos do Senhor estão acima de qualquer acusação e que absolutamente nada no universo visível e invisível pode separar essas pessoas do amor de Deus.

1Coríntios 3.15 — Esse texto ensina que, no dia do Tribunal de Cristo, até mesmo os crentes que o serviram mal serão salvos, deixando apenas de receber galardão.

1Coríntios 5.1-5 — Aqui Paulo fala de um crente que fornicava com a mulher do seu próprio pai. O apóstolo diz que esse homem devia ser expulso da igreja e afirma que, mesmo assim, ele seria salvo no dia do Senhor.

Efésios 1.13-14 — Nessa passagem, Paulo fala que os crentes foram selados com o Espírito Santo da promessa e que esse selo é a garantia da sua herança até o dia da redenção (Ef 4.30).

1Coríntios 1.7-8, Filipenses 1.6, 1Tessalonicenses 5.23-24, 1Pedro 1.5; 5.10 e Judas 24-25 — Todos esses textos ensinam que é o próprio Deus quem firma o crente e o preserva em fidelidade até o último dia, sendo a perseverança dos santos uma obra dele operada em seus eleitos.

Definição: A doutrina da perseverança dos santos afirma que todos aqueles que foram verdadeiramente regenerados e justificados por Deus permanecerão na fé até o fim e serão salvos. Em outras palavras, aqueles que são verdadeiramente salvos não perderão sua salvação, mas continuarão a viver de acordo com a fé, perseverando até o final de suas vidas.

Aspectos Fundamentais:

1. Segurança da Salvação:

Continuidade da Fé: A doutrina sustenta que os verdadeiros crentes são sustentados por Deus e, portanto, não se desviarão permanentemente da fé. A perseverança na fé é garantida pela graça de Deus, que mantém o crente fiel.

Escritura: João 10:28-29 "Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las da mão de meu Pai" é um versículo chave que assegura a proteção e a segurança do crente.

2. Sustento Divino:

Ação de Deus: A perseverança dos santos não depende do esforço humano, mas do poder e da fidelidade de Deus. Deus é o responsável por sustentar a fé dos crentes e garantir que eles permaneçam firmes até o fim.

Escritura: Filipenses 1:6 "Estou plenamente certo de que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Cristo Jesus" mostra que Deus completará a obra de salvação iniciada no crente.

3. **Produção de Frutos Espirituais:**

Vida Transformada: A perseverança dos santos é evidenciada pela vida transformada do crente, que produz frutos espirituais e vive de acordo com a vontade de Deus. A continuidade na fé e na obediência é uma prova da verdadeira salvação.

Escritura: Mateus 7:17-20 "Toda árvore boa produz frutos bons, mas a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons" ilustra que a autenticidade da fé é manifestada pelos frutos que a vida do crente produz.

4. **Implicações para a Vida Cristã:**

Confiança e Segurança: Para o crente, a doutrina da perseverança dos santos oferece segurança e confiança, sabendo que sua salvação está garantida e que Deus é fiel para completar a obra de redenção.

Escritura: Romanos 8:30 "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" reforça a ideia de que a salvação é um processo contínuo e garantido por Deus.

5. **Controvérsias e Respostas:**

Objecções: Críticos podem argumentar que a doutrina da perseverança dos santos promove uma atitude

de complacência, onde os crentes podem viver de maneira desleixada. No entanto, a teologia reformada responde que a verdadeira fé manifesta um compromisso com a santidade e a obediência.

Resposta Reformada: A resposta é que a perseverança dos santos não encoraja a complacência, mas sim uma vida de gratidão e obediência. A verdadeira fé é dinâmica e resulta em uma vida que busca continuamente a santidade e a fidelidade a Deus.

Resumo

A doutrina da perseverança dos santos afirma que aqueles que foram verdadeiramente regenerados por Deus perseverarão na fé até o fim e serão salvos. Essa doutrina destaca a segurança da salvação garantida pela graça divina e o sustentamento contínuo de Deus. A perseverança é evidenciada por uma vida transformada e frutífera. Apesar das objeções sobre a possível complacência, a teologia reformada afirma que a verdadeira fé resulta em uma vida de obediência e compromisso com Deus. A perseverança dos santos reflete a fidelidade e o poder de Deus em garantir a salvação dos Seus escolhidos.

Esses cinco pontos falam principalmente sobre a soteriologia e são fundamentais na compreensão da teologia calvinista e são frequentemente representados pela figura da tulipa, devido à sua associação com o acróstico "TULIP".

III. PURITANA

1. Piedade na Adoração – A piedade na adoração é um princípio central na vida da igreja reformada. Este princípio é fundamentado no Princípio Regulador do Culto, que estabelece que o culto público prestado a Deus deve ser regulado pelas Escrituras Sagradas. Isso significa que tudo o que é praticado no culto deve ter base nas instruções e princípios bíblicos.

2. Piedade na Pregação – A piedade na pregação é um valor essencial na tradição reformada, enfatizando a importância da pregação como meio fundamental de comunicação da Palavra de Deus aos fiéis. Este princípio está ligado à Primazia da Pregação, que coloca a exposição e a aplicação das Escrituras como centrais no culto e na vida da igreja.

Nessa perspectiva, a pregação é vista como uma das principais maneiras pela qual Deus fala ao seu povo. Isso se deve à convicção de que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus e, portanto, deve ser proclamada com autoridade e fidelidade. A exposição das Escrituras busca desvendar o significado dos textos bíblicos, contextualizando-os e aplicando-os à vida dos ouvintes.

Além da exposição, a aplicação é outro aspecto crucial da piedade na pregação. Os pastores reformados buscam não apenas transmitir informações teológicas, mas também orientar os crentes na aplicação prática da Palavra em suas vidas. Isso inclui exortações, conselhos e incentivos para

viver de acordo com os princípios e valores ensinados nas Escrituras.

3. Piedade na Instrução – Piedade na instrução é o compromisso de propagar fielmente aquilo que acreditamos ser o ensinamento da Bíblia. Isso envolve não apenas transmitir as doutrinas essenciais da fé, mas também buscar uma compreensão profunda e coerente das Escrituras Sagradas. A piedade na instrução implica em:

Fidelidade doutrinária: Baseia-se na confiança de que as Escrituras são a Palavra de Deus e devem ser interpretadas de forma consistente com a fé cristã histórica. Isso requer uma aderência estrita aos ensinamentos bíblicos essenciais, evitando interpretações distorcidas ou tendenciosas.

Clareza na comunicação: Busca transmitir as verdades bíblicas de maneira compreensível e acessível, adaptando a linguagem e os métodos de ensino de acordo com o público-alvo. A piedade na instrução valoriza a comunicação clara e precisa para garantir que as pessoas possam entender e aplicar as doutrinas cristãs em suas vidas.

Aplicação prática: Vai além da mera transmissão de informações teóricas e busca mostrar como as verdades bíblicas se aplicam à vida cotidiana. Isso inclui orientações éticas, conselhos práticos e exemplos de como viver uma vida piedosa e comprometida com os princípios cristãos.

4. Piedade na Família – Piedade na Família é o princípio que destaca a responsabilidade dos pais em instruir e disciplinar seus filhos de acordo com os ensinamentos do Senhor, conforme orientado pela Bíblia. Esse princípio baseia-se em várias passagens das Escrituras que destacam a importância da educação espiritual e moral no ambiente familiar. Alguns pontos-chave incluem:

Instrução na Palavra de Deus: Os pais devem ensinar aos seus filhos os princípios e valores contidos na Bíblia. Isso inclui compartilhar histórias bíblicas, ensinar sobre a natureza de Deus, Jesus Cristo e a importância da fé e obediência.

Disciplina amorosa: A disciplina não se limita à correção de comportamentos inadequados, mas também inclui o ensino da importância da obediência, respeito e responsabilidade. A disciplina deve ser aplicada com amor e consistência, visando a edificação e o bem-estar espiritual e emocional das crianças.

Exemplo de vida piedosa: Os pais devem ser exemplos vivos de uma vida piedosa e comprometida com os princípios cristãos. Isso envolve viver de acordo com a Palavra de Deus, praticar o amor ao próximo, demonstrar humildade, perdão e bondade.

Culto doméstico: A família deve dedicar momentos de adoração e oração juntos, fortalecendo os laços espirituais e nutrindo a fé de cada membro. O culto doméstico pode incluir leitura da Bíblia, louvor, oração e discussão de assuntos espirituais relevantes.

Acompanhamento e aconselhamento: Os pais devem estar atentos às necessidades emocionais, espirituais e sociais de seus filhos, oferecendo orientação, apoio e aconselhamento conforme necessário. Isso contribui para o desenvolvimento saudável e equilibrado das crianças.

5. Piedade no Comportamento – implica em manter uma postura íntegra, justa e virtuosa diante de Deus e dos homens. Isso envolve diversos aspectos, tais como:

Integridade moral: Ser honesto, íntegro e transparente em todas as áreas da vida, evitando a prática de qualquer forma de engano, desonestidade ou corrupção.

Justiça e equidade: Agir com justiça e equidade em todas as nossas relações e interações, tratando as pessoas com respeito, dignidade e imparcialidade, sem fazer acepção de pessoas.

Humildade: Reconhecer nossas limitações, erros e fraquezas, buscando sempre aprender e crescer, e sendo humilde em nossas atitudes e comportamentos.

Respeito e amor ao próximo: Demonstrando respeito, compaixão e amor ao próximo, ajudando aqueles que estão em necessidade e promovendo a paz e a harmonia nas relações interpessoais.

Obediência à vontade de Deus: Buscar viver de acordo com os princípios e mandamentos estabelecidos por Deus em Sua Palavra, seguindo Seus ensinamentos e direcionamentos para uma vida piedosa e justa.

IV. PACTUAL

1. Unidade da Bíblia – Muitas partes, mas uma só mensagem.

O princípio da unidade da Bíblia afirma que, apesar de ser composta por diversos livros, autores e gêneros literários, a Escritura Sagrada possui uma mensagem única e coesa. Toda a Bíblia, do Antigo ao Novo Testamento, está interligada e revela um propósito divino contínuo, a mensagem de salvação e redenção em Cristo.

Em Lucas 24:27 "Então, começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras" mostra como Jesus revelou a unidade e a mensagem central das Escrituras.

A unidade da Bíblia reflete a harmonia do plano de Deus para a humanidade, desde a criação, através da queda, até a redenção e a restauração final. Conforme vemos em Hebreus 1:1-2 "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, a nós nos falou nesses últimos dias, pelo Filho" destaca que Deus tem uma mensagem contínua e unificada através dos tempos.

2. Interpretação Cristocêntrica – a pessoa de Jesus, Sua obra e Seu reino, é o tema da Bíblia.

A interpretação cristocêntrica afirma que Jesus Cristo é o centro e o tema principal de toda a Escritura. A

Bíblia, em todas as suas partes, aponta para a pessoa de Cristo, Sua obra redentora e Seu reino.

A interpretação cristocêntrica vê todas as narrativas, leis e profecias da Bíblia como apontando para Jesus Cristo e Sua obra de salvação.

A passagem bíblica em João 5:39 "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas mesmas que de mim testemunham" confirma que as Escrituras testificam sobre Cristo.

Aliás, todo o Antigo Testamento e Novo Testamento se concentram na redenção que Cristo trouxe e na esperança do Seu reino eterno.

Em Colossenses 1:16-17 "Porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, visíveis e invisíveis... todas as coisas subsistem por meio dele e para ele" ressalta que Cristo é o foco de toda a criação e redenção.

3. Distinção entre Lei / Evangelho – A Lei⁵ ordena e condena. O Evangelho salva⁶.

A distinção entre Lei e Evangelho é fundamental para entender a função e o propósito desses dois aspectos das Escrituras. A Lei de Deus ordena e condena, revelando a justiça divina e a nossa incapacidade de cumprir os

⁵ Nós reconhecemos os “três usos da lei”. Primeiro, a lei serve como um guia para a sociedade promovendo a retidão cívica. Secundariamente, a lei condena os pecadores e os dirige a Cristo. E em terceiro lugar, a lei dirige os cristãos para um viver santo.

⁶ A Lei e o Evangelho encontram-se tanto no Antigo como no Novo Testamento. O Evangelho são as promessas de Deus aos Seus eleitos.

requisitos de Deus, enquanto o Evangelho oferece a salvação e a graça através de Cristo.

A Lei de Deus, expressa em mandamentos e preceitos, revela a perfeição e a justiça divina, e demonstra a incapacidade humana de atingir essa perfeição.

Está registrado em Romanos 3:20 "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" mostra que a Lei tem o propósito de revelar o pecado e a necessidade de um salvador.

O Evangelho, por outro lado, oferece a salvação e a graça a todos os que creem em Cristo, cumprindo o que a Lei não pôde.

Um texto profundo sobre isso está em Efésios 2:8-9 **"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie"** evidencia que a salvação é um presente gratuito de Deus, não baseado em obras.

4. Um meio de salvação – Cristo salvou todos os eleitos ao longo de todas as eras.

A doutrina de que Cristo salvou todos os eleitos ao longo de todas as eras afirma que a salvação oferecida por Cristo não está limitada ao Novo Testamento, mas abrange todos os crentes de todas as épocas.

Cristo, através de Sua obra redentora, salvou os eleitos de todas as eras, incluindo os crentes do Antigo Testamento, que foram salvos pela fé na promessa futura do Messias.

Hebreus 11:39-40 diz: "Todos estes, embora tendo recebido bom testemunho pela fé, não receberam a promessa, proporcionando Deus alguma coisa melhor para nós, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados" demonstra que a salvação dos crentes do Antigo Testamento foi completada com a vinda de Cristo.

Ou seja, a obra de Cristo une todos os crentes, passados, presentes e futuros, em uma única esperança de salvação.

1 Pedro 1:10-11 "Acerca desta salvação inquiriram e indagaram os profetas que profetizaram da graça a vós destinada, indagando que pessoa e que tempo indicava o Espírito de Cristo que estava neles" confirma que os profetas do Antigo Testamento previram a salvação futura em Cristo.

5. Visão otimista da história – Jesus Cristo é o Rei, reinando sobre todos. Ele virá em breve e seu reino não terá fim.

A visão otimista da história afirma que Jesus Cristo é o Rei soberano que governa sobre toda a criação, e que Seu reino é eterno. A história está sob o controle de Cristo e culminará com Sua segunda vinda e o estabelecimento pleno de Seu reino eterno.

Cristo é o Rei que governa sobre toda a criação, e Sua soberania é reconhecida em todos os aspectos da história.

Apocalipse 19:16 "E na sua veste e na sua coxa tem um nome escrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS

SENHORES" mostra a autoridade suprema de Cristo sobre todas as coisas.

A segunda vinda de Cristo e o estabelecimento definitivo de Seu reino são eventos futuros esperados pelos cristãos, que trarão a plena realização das promessas de Deus.

Daniel 7:14 "E foi-lhe dado domínio, e glória, e reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno que nunca passará, e o seu reino um que nunca será destruído" destaca a eternidade do reino de Cristo e a consumação final de Sua soberania.

A visão otimista da história afirma que, apesar dos desafios e tribulações, o reino de Cristo se expandirá e triunfará, cumprindo a promessa de um reino eterno e sem fim.

Escritura: Mateus 28:18 "E Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" confirma que Cristo detém toda a autoridade e governará eternamente. Maranata!

V. BATISTA

1. Prática Eclesiástica Bíblica – Ordenanças só para crentes⁷. Disciplina da igreja exercida com amor.

A prática eclesiástica bíblica enfatiza que as ordenanças da igreja, como o Batismo e a Ceia do Senhor, devem ser administradas exclusivamente para aqueles que são crentes em Jesus Cristo. Além disso, a disciplina eclesiástica deve ser aplicada com amor e visando a restauração e o bem-estar espiritual dos membros.

O batismo é uma expressão pública da fé e a Ceia é um meio de comunhão para os que estão em Cristo.

Atos 2:41 "Então, os que receberam a sua palavra foram batizados; e, naquele dia, acrescentaram-se quase três mil almas" mostra que o batismo segue a aceitação da mensagem de Cristo.

A disciplina eclesiástica, que pode incluir a correção e a restauração de membros que estão em pecado, deve ser conduzida com um espírito de amor e restauração, não de condenação.

Gálatas 6:1 "Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vós que sois espirituais corrigi-lo com espírito de mansidão; e olha por ti mesmo, para que não sejas

⁷ Para o Batista, o batismo infantil é estranho à prática do Novo Testamento. Da mesma forma, a imersão é o modo mais apropriado de batismo.

também tentado" destaca a importância de uma abordagem amorosa e restauradora na disciplina eclesiástica.

2. Liberdade Eclesiástica Bíblica – O Estado não deve intrometer-se em assuntos da consciência.

A liberdade eclesiástica bíblica afirma que o Estado não deve se envolver nos assuntos da consciência individual e nas questões relacionadas à fé e à prática religiosa. A separação entre Igreja e Estado é fundamental para a integridade da vida cristã e da liberdade religiosa.

Separação entre Igreja e Estado: O princípio da separação assegura que a igreja e suas práticas permaneçam independentes de influências governamentais, garantindo que a liberdade religiosa e a consciência individual sejam respeitadas.

Mateus 22:21 "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" reforça a separação de responsabilidades entre o governo e as questões religiosas.

Liberdade de Consciência: A liberdade de consciência permite que cada crente siga a sua convicção religiosa sem coerção ou intervenção externa, protegendo a pureza da adoração e da prática cristã.

Romanos 14:4 "Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai. Mas estará firme, porque poderoso é Deus para o sustentar" destaca que a consciência individual deve ser respeitada.

3. Governo de Igreja Bíblico – Pastores e diáconos. A congregação local escolhe seus líderes⁸.

O governo de igreja bíblico é baseado em uma estrutura de liderança composta por pastores e diáconos, escolhidos pela congregação local. Este modelo de governo enfatiza a autonomia da igreja local e a participação da congregação na escolha de seus líderes.

Pastores e Diáconos: A liderança da igreja é composta por pastores, que são responsáveis pela pregação e ensino, e diáconos, que cuidam das necessidades práticas da igreja. Ambos os cargos são instituídos e descritos nas Escrituras - 1 Timóteo 3:1-13 fornece as qualificações para pastores e diáconos, destacando as qualidades e responsabilidades esperadas desses líderes.

A igreja local tem a responsabilidade de escolher seus líderes, garantindo que os líderes sejam reconhecidos e apoiados pela congregação que servirão - Atos 6:3 "Escolhei, pois, irmãos dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste trabalho" demonstra o papel da congregação na escolha de líderes.

4. Crescimento de Igreja Bíblico – Proclamação do Evangelho para o mundo. Arrependimento e Fé exigidos de todos.

⁸ Nós não reconhecemos nenhuma autoridade humana maior que a igreja local.

O crescimento da igreja bíblico é impulsionado pela proclamação do Evangelho a todos os povos e nações. A mensagem de arrependimento e fé em Jesus Cristo é essencial para a salvação e o crescimento da igreja.

A igreja é comissionada para anunciar a mensagem de Cristo a todos, cumprindo a Grande Comissão e expandindo o Reino de Deus - Mateus 28:19-20 "Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho mandado", destaca a importância da evangelização global.

A mensagem central do Evangelho exige arrependimento dos pecados e fé em Jesus Cristo como o único meio de salvação - Atos 17:30 "Mas Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam", mostra a necessidade de arrependimento como resposta ao Evangelho.

5. Ministério Eclesiástico Bíblico – Sacerdócio de todos os crentes.

O ministério eclesial bíblico enfatiza o sacerdócio universal dos crentes, onde todos os cristãos têm um papel ativo e são chamados para servir e ministrar, não apenas os líderes formais da igreja. Todos os crentes têm acesso direto a Deus e são chamados a exercer ministério e serviço, participando ativamente na vida da igreja e na missão de Deus - 1 Pedro 2:9 "Mas vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, para que manifesteis as virtudes daquele que vos

chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" revela a função sacerdotal de todos os crentes.

O sacerdócio universal implica que todos os membros da igreja são responsáveis por servir, evangelizar e edificar a comunidade cristã - Efésios 4:12 "Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo", ressalta que o ministério é responsabilidade de toda a igreja, não apenas dos líderes.

POSFÁCIO

A vastidão e profundidade da Palavra de Deus são incomensuráveis. Sua aplicação na vida do cristão é um tesouro que nunca pode ser completamente explorado, e qualquer esforço para capturar sua totalidade em um único volume é, por natureza, insuficiente. Ainda assim, creio que este livro tenha cumprido seu propósito de delinear os fundamentos inegociáveis da fé reformada, bem como oferecer uma visão abrangente e necessária para aqueles que consideram a adesão a uma igreja reformada ou buscam aprofundar sua compreensão dos preceitos que a sustentam.

Nos capítulos anteriores, exploramos princípios cruciais que formam o alicerce da fé reformada. Desde a centralidade das Escrituras como a única regra de fé e prática, até a necessidade de uma vida cristocêntrica, cada ponto abordado reflete não apenas uma convicção teológica, mas uma realidade espiritual que molda a vida e a caminhada de cada crente. A doutrina reformada não é um conjunto frio e distante de proposições; é, antes de tudo, um convite a uma vida vivida sob a soberania de Deus, guiada por Sua Palavra e sustentada por Sua graça.

Este livro não pretende ser um manual exaustivo, mas sim um guia fiel, que convida o leitor a examinar as Escrituras com cuidado e reverência, e a buscar o Espírito Santo para discernir a verdade e aplicá-la em cada aspecto da vida. Minha oração é que, ao longo destas páginas, você tenha sido encorajado a abraçar a riqueza da teologia

reformada e a reconhecer sua relevância e importância para a vida cristã autêntica.

Que este livro também sirva como um recurso útil para pastores e líderes que estão comprometidos com a edificação de suas congregações na sã doutrina. Em tempos de confusão teológica e relativismo moral, é essencial que a igreja permaneça firmemente enraizada na verdade imutável de Deus. Este volume, espero, será um instrumento valioso para ensinar aos novos membros os princípios essenciais da fé reformada, assegurando que entrem em comunhão com uma compreensão clara do que significa pertencer ao corpo de Cristo.

Àqueles que estão considerando a adesão a uma igreja batista reformada, minha esperança é que este livro tenha fornecido clareza e convicção. A decisão de se unir a uma igreja local é uma das mais importantes na vida de um cristão, e deve ser tomada com oração, discernimento e um entendimento sólido das doutrinas que moldam essa comunidade de fé. Que o Espírito Santo o guie em cada passo desse processo, levando-o a uma igreja que seja fiel à Palavra de Deus e comprometida com o cuidado pastoral genuíno.

Por fim, desejo que este livro seja uma bênção para todos os leitores, independentemente de sua situação eclesiástica atual. Que ele sirva como um lembrete constante da necessidade de buscar a verdade de Deus com todo o coração, mente e alma, e de viver uma vida que glorifique a Deus em todas as coisas. Se você já faz parte de uma igreja que é séria em sua abordagem à Palavra de Deus e no cuidado pastoral, que este livro reforce sua

confiança e compromisso. Se você ainda está procurando uma comunidade de fé que se alinhe com esses valores, oro para que Deus o conduza a uma igreja onde você possa crescer espiritualmente, ser discipulado fielmente e contribuir para o avanço do Reino de Deus.

Que a graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo estejam com você, e que você sempre encontre nele sua força, sabedoria e guia. Deus abençoe abundantemente sua caminhada com Cristo, aumente sua fé e use sua vida na igreja que Ele lhe designar.

TERMO DE COMPROMISSO COM A IGREJA

Eu _____ solicito junto a Igreja _____, devidamente representada na figura de seu pastor presidente e diretoria, a minha inclusão no rol de membros desta igreja.

Tendo sido levado pelo Espírito de Deus a aceitar o Senhor Jesus Cristo como meu único e suficiente Salvador, e tendo sido batizado, sob profissão de fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, decido firmar solene e alegremente, na presença de Deus, o seguinte Pacto:

Comprometo-me através da ajuda pelo Espírito Santo, andar sempre unido no amor cristão; trabalhar, por meio dos meus dons espirituais, para que esta igreja cresça no conhecimento da Palavra, na santidade, no conforto mútuo e na espiritualidade; manter os seus cultos, suas doutrinas, suas ordenanças e sua disciplina; contribuir liberalmente para o sustento do ministério e para as despesas da igreja através dos dízimos, para o auxílio aos pobres e para a propagação do evangelho em todas as nações, através das ofertas.

Comprometo-me também, a manter uma devoção particular, a evitar e repudiar todos os vícios, a educar os meus filhos no caminho do Senhor, a proclamar a salvação a todo o mundo, começando por meus parentes, amigos e conhecidos; a ser correto em minhas transações, fiel em meus compromissos e a ser exemplar em minha conduta; a ser diligente no trabalho secular, evitar a maledicência, a difamação e a ira, sempre, e em tudo, visando a expansão do reino do nosso Senhor e Salvador. Além disso, me

comprometo a ter cuidado das necessidades dos meus irmãos; a lembrar-me dos meus irmãos em oração; ajudá-los nas enfermidades; cultivar relações francas e a delicadeza no trato; estar pronto a perdoar as ofensas, buscando, quanto possível, a paz com todos os homens. Por fim, me comprometo a viver a vida cristã dentro dos princípios da Palavra de Deus, e de me submeter às prescrições definidas no Estatuto Social desta igreja, nos Regimentos Internos, nas Declarações de Fé, de Visão e de Propósitos da Igreja. E me comprometo a ser submisso à liderança do Conselho Ministerial da Igreja e às decisões da Assembleia de Membros. Tendo plena ciência do compromisso firmado por este termo, diante de Deus assino solenemente abaixo. Que o Senhor me abençoe e proteja para que eu possa ser fiel e sincero até a morte ou até a vinda de Jesus.

Eu, _____,
na data de ____/____/____ aceito, por livre escolha e decisão pessoal, os termos de membresia da Igreja _____, expostos no “Compromisso de Membresia e Regimento Interno”.

Referências

- Baxter, R. (2016). *O pastor aprovado*. PES.
- Bíblia. (1993). *Bíblia de Estudo NVI*. Editora Vida.
- Bridges, J. (2017). *Exercita-te na piedade*. Monergismo.
- Bunyan, J. (2022). *Graça abundante: Ao Principal dos Pecadores*. Fiel.
- Calvino, J. (2013). *1 Coríntios - Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos: Fiel.
- Calvino, J. (s.d.). *Institutas da Religião Cristã*.
- Edwards, J. (2018). *Afeições Religiosas*. Vida Nova.
- Grudem, W. (2015). *Teologia Sistemática*. São Paulo.
- Henry, M. (2015). *Comentário Bíblico - N.T. Vol. 1*. CPAD.
- Kistemaker, S. (2014). *Comentário do Novo Testamento - 1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã.
- Kuyper, A. (2002). *Calvinismo*. Cultura Cristã.
- Lloyd-Jones, M. (2005). *Cruz: A Justificação De Deus*. Shedd.
- Lloyd-Jones, M. (2019). *O Batismo e os Dons do Espírito*. Carisma.
- Lopes, H. D. (2011). *Galátas: A Carta da Liberdade Cristã*. São Paulo: Hagnos.
- MacDonald, W. (2011). *Comentário Bíblico Popular: Novo Testamento*. São Paulo: Mundo Cristão.
- Owen, J. (2014). *Por quem Cristo morreu*. PES.

Piper, J. (2014). *Cinco Pontos*. São José dos Campos - SP: Fiel.

Schaeffer, F. (2023). *O Deus que se revela*. Cultura Cristã.

Sproul, R. C. (2022). *A santidade de Deus*. Cultura Cristã.

Spurgeon, C. (2016). *Os 5 Pontos do Calvinismo: Uma Introdução*. O Estandarte de Cristo.

Watson, T. (2020). *Os Puritanos e a Conversão*. PES.

Watson, T. (2022). *Tudo coopera para o bem*. O Estandarte de Cristo.

